

DIRCE WELCHEN

**PELOTAS/RS E A CONCORDÂNCIA VERBAL
DE 3ª PESSOA DO PLURAL**

**PORTO ALEGRE
2009**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: LINGUÍSTICA APLICADA
LINHA DE PESQUISA: LINGUAGEM NO CONTEXTO SOCIAL**

**PELOTAS/RS E A CONCORDÂNCIA VERBAL
DE 3ª PESSOA DO PLURAL**

DIRCE WELCHEN

ORIENTADOR(A): PROF(a). DR(a). ANA MARIA STAHL ZILLES

CO-ORIENTADOR: PROF. DR. LUÍS ISAÍAS CENTENO DO AMARAL

Tese de Doutorado em (LINGUAGEM NO CONTEXTO SOCIAL), apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE
2009**

Para Artemio;
A minha família
dedico.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo ensino de qualidade.

À professora Dra. Ana Maria Stahl Zilles, orientadora, pelo incentivo, pelo acompanhamento durante esta caminhada.

Ao professor Dr. Luís Centeno do Amaral, co-orientador, pelo acesso ao VarX, auxílio no uso do programa Varbrul, pelas valiosas dicas.

À Giane dos Santos, por ter revisado uma parte das minhas transcrições das entrevistas do Banco de Dados VarX.

Aos professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em especial, ao professor Cléo Altenhofen e professora Luciene Simões, por terem participado da minha banca de qualificação.

Aos colegas e amigos da Universidade do Oeste de Santa Catarina, em especial: Loiri Casagrande Schmitt, Carmen Lazaroto, Abele Casarotto, pelo incentivo e força dada neste período.

RESUMO

A proposta desta tese é analisar os fatores lingüísticos e sociais relacionados à variação na concordância verbal de 3ª pessoa do plural com base nas entrevistas dos 90 informantes que compõem o VarX – Banco de Dados Sociolingüísticos Variáveis por Classe Social de Pelotas/RS –, estratificados conforme gênero, classe social, faixa etária: 45 são do gênero masculino e 45 do feminino, 30 da classe social média alta, 30 da média baixa, e 30 da baixa; 30 da faixa etária entre 16 e 25 anos, 30 da faixa etária entre 26 e 49 anos e 30 da faixa etária com mais de 50 anos. Pretendemos, dessa forma, contribuir para a descrição da concordância verbal de 3ª pessoa do plural do português popular brasileiro. Para a análise dos dados, utilizamos metodologia quantitativa com base na interface Windows para o Varbrul e em formulário de codificação de dados. Na análise, discutimos a presença *versus* a ausência de concordância verbal de terceira pessoa do plural; e a concordância verbal padrão *versus* não-padrão de terceira pessoa do plural. Os resultados mostram que, em Pelotas, há variação de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, mas com predomínio do uso da marca, uma vez que existe presença de desinências verbais em 4.317 contextos (de um total de 5.263), perfazendo 82%, e em 945 contextos não ocorrem marcas de concordância, perfazendo 18%. Também, constatamos, com base na amostra em estudo, particularmente no resultado das variáveis sociais que há indícios de aquisição de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, visto que há um aumento gradual de emprego de marcas de concordância, cuja direção é dos informantes mais velhos para os mais novos, sendo que os mais novos apresentam maiores percentuais e peso relativo de emprego de desinências verbais de 3ª pessoa do plural. No estudo da concordância verbal padrão *versus* não-padrão, analisamos a distribuição das formas padrão *versus* não-padrão, envolvendo tanto ausência de marca quanto formas alternantes de realização da marca, enfatizando as variáveis sociais. E observamos que, em Pelotas, há altos percentuais de emprego de formas padrão, em decorrência de aspectos sociais e culturais.

Palavras-chave: Concordância verbal; Pelotas; Sociolinguística; Variação.

ABSTRACT

The purpose of this thesis is to analyze the linguistic and social factors related to the variation in verbal agreement of 3rd person plural based on interviews of 90 informants who make up the VarX –Sociolinguistics Database Variable by Social Class of Pelotas/RS –, stratified according to gender, social class, age: 45 are males and 45 females, 30 of the upper middle class, 30 of the low middle class, and 30 of the low social class; 30 are between 16 and 25 years of age, 30 between 26 and 49 and 30 of the age group over 50 years. We intended, therefore, to contribute to the description of the verbal agreement of 3rd person plural of the popular Brazilian Portuguese. For data analysis, we used quantitative methodology based on the Windows interface for Varbrul and on data encryption form. In the analysis, we discussed the presence *versus* the absence of verbal agreement in the third person plural, as well as the standard verb agreement *versus* the non-standard third person plural. The results show that, in Pelotas, there is variation in verbal agreement of 3rd person plural, but with predominance of the use of the mark, since the presence of verbal endings occurs in 4317 contexts (of a total of 5263), consisting of 82%, and in 945 contexts there are no agreement marks, totaling 18%. We also found, based on the sample under study, particularly the outcome of the social variables that there is evidence of acquisition of 3rd person plural agreement, since there is a gradual increase in use of verb agreement marks, whose direction goes from the older to the younger informants, given that the younger have higher rates and relative employment of verbal endings of 3rd person plural. In the study of standard *versus* non-standard verbal agreement, we analyzed the distribution of standard *versus* non-standard forms, involving both the absence of marks as well as alternate forms of the realization of the mark, emphasizing the social variables. And we observed that in Pelotas there are high percentages of use of standard forms as a result of social and cultural aspects.

Keywords: Verb agreement; Pelotas; Sociolinguistics; Variation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro da distribuição geral dos 90 informantes do Banco de Dados VarX de Pelotas.....	51
Quadro 2 - Indicação dos grupos de fatores testados na análise da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, com base no Banco de Dados VarX.....	73
Quadro 3 - Indicação dos grupos de fatores testados na análise da concordância verbal padrão versus não-padrão de 3ª pessoa do plural, com base no Banco de Dados VarX, em Pelotas.....	110
Quadro 4 - Indicação dos grupos de fatores testados na análise da concordância verbal não-padrão nasalada versus não-padrão desnasalada de 3ª pessoa do plural, com base no Banco de Dados VarX, em Pelotas.....	110
Quadro 5 - Hipótese e sub-hipóteses sobre a presença versus ausência de concordância verbal de 3ª pessoa do plural	138
Quadro 6 - Hipótese sobre a concordância verbal padrão versus não-padrão de 3ª pessoa do plural.....	139

LISTA DE GRÁFICOS E ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Modelo de formulário para codificação das ocorrências	52
Gráfico 1 - Distribuição geral dos dados variáveis de concordância com a terceira pessoa do plural, VarX, Pelotas, RS.....	70
Gráfico 2 - Aplicação de concordância verbal, segundo a variável faixa etária (em pesos)....	77
Gráfico 3 - Aplicação de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, segundo a variável faixa etária (em percentuais).....	78
Gráfico 4 - Cruzamento entre as variáveis faixa etária e classe social em relação ao emprego de zero (em percentuais).....	79
Gráfico 5 - Cruzamento entre as variáveis faixa etária e gênero em relação ao emprego de zero (em percentuais).....	80
Gráfico 6 - Aplicação de concordância verbal, segundo o cruzamento das variáveis faixa etária e escolaridade (em percentuais).....	81
Gráfico 7 - A relação entre a variável faixa etária e uso de concordância verbal de 3ª pessoa do plural em três pesquisas (em percentuais)	82
Gráfico 8 - Aplicação de concordância verbal, segundo a variável saliência fônica (em pesos).....	85
Gráfico 9 - Aplicação de concordância verbal, segundo o cruzamento das variáveis saliência fônica e faixa etária (em percentuais).....	86
Gráfico 10 - Importância dos componentes ‘zona de residência’, ‘escolaridade’ e ‘ocupação’ para a definição de classe social no VarX – Pelotas (em percentuais)	89
Gráfico 11 - Aplicação de concordância verbal, segundo variável classe social (em pesos)..	90
Gráfico 12 - Aplicação de concordância verbal, segundo o cruzamento das variáveis classe social e gênero (em percentuais)	91
Gráfico 13 - Aplicação de concordância verbal, segundo variável escolaridade (em pesos)..	93
Gráfico 14 - Aplicação de concordância verbal, segundo o cruzamento das variáveis classe escolaridade e gênero (em percentuais)	94
Gráfico 15 - Aplicação de concordância verbal, segundo o cruzamento das variáveis escolaridade e faixa etária (em percentuais)	94
Gráfico 16 - Aplicação de concordância verbal, segundo o cruzamento das variáveis gênero e faixa etária (em percentuais)	97
Gráfico 17 - Aplicação de concordância verbal, segundo o cruzamento das variáveis posição do sujeito e classe social (em percentuais).....	101

Gráfico 18 - Distribuição geral de formas verbais padrão e não-padrão de 3ª pessoa do plural, VarX, Pelotas, RS.....	106
Gráfico 19 - Distribuição geral de formas verbais padrão e não-padrão de 3ª pessoa do plural, VarX, Pelotas, RS.....	106
Gráfico 20 - Aplicação de concordância verbal padrão, segundo a variável faixa etária (em pesos).....	112
Gráfico 21 - Distribuição geral dos contextos na 3ª pessoa do plural divididos em [ãwn], que compreende todas as ocorrências de ditongo nasal padrão (estudarão, brincam, fazem), em [un], que contém as ocorrências em –um (brincum) e em [u], compreendendo as ocorrências em –u (brincu); por faixa etária, no VarX, em Pelotas (em percentuais).....	115
Gráfico 22 - A distribuição da concordância verbal não-padrão por faixa etária e classe social, no VarX, Pelotas (em percentuais).....	116
Gráfico 23 - Aplicação de concordância verbal padrão, segundo o cruzamento das variáveis faixa etária e escolaridade (em percentuais)	117
Gráfico 24 - A distribuição da concordância verbal padrão por faixa etária e classe social, no VarX, Pelotas (em percentuais).....	118
Gráfico 25 - Aplicação de concordância verbal padrão de 3ª pessoa do plural, segundo o cruzamento das variáveis gênero e classe social (em percentuais)	120
Gráfico 26 - Aplicação de concordância verbal padrão de 3ª pessoa do plural, segundo o cruzamento das variáveis gênero e faixa etária (em percentuais)	121
Gráfico 27 - Aplicação de concordância verbal padrão, segundo a variável classe social....	123
Gráfico 28 - Aplicação de concordância verbal, segundo a variável escolaridade (em percentuais)	125
Gráfico 29 - Aplicação de concordância verbal, segundo a variável escolaridade (em pesos relativos).....	126
Gráfico 30 - Aplicação de concordância verbal, segundo a variável tempo de permanência na escola (em pesos percentuais)	127

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos informantes pelas dimensões sociais ‘gênero’, ‘classe social’ e ‘faixa etária’ no VarX (Pelotas)	46
Tabela 2 - Seven-Category Saliency Hierarchy for SVA (Regular Verbs Excluded).....	57
Tabela 3 - Effect of Morphological category on SVA (Regular Verbs included).....	58
Tabela 4 - Aplicação de concordância verbal, segundo todas as variáveis estudadas.....	74
Tabela 5 - Aplicação de concordância verbal, segundo a variável faixa etária.....	76
Tabela 6 - Aplicação de concordância verbal, segundo variável Saliência fônica.....	84
Tabela 7 - A relação entre ‘Saliência fônica’ e o uso da concordância verbal de 3ª pessoa do plural em distintas pesquisas: percentuais e pesos relativos	87
Tabela 8 - Aplicação de concordância, segundo a variável classe social.....	89
Tabela 9 - Aplicação de concordância verbal, segundo a variável gênero.....	95
Tabela 10 - A concordância de segunda pessoa do singular no VarX (Pelotas) e a variável gênero no VarX (Pelotas) (Aplicações, total de ocorrências, percentuais e pesos relativos).....	96
Tabela 11 - Aplicação de concordância verbal, segundo variável posição do sujeito em relação ao verbo.....	98
Tabela 12 - Apagamento de concordância verbal, segundo variável posição do sujeito em relação ao verbo.....	100
Tabela 13 - Aplicação de concordância, segundo a variável discurso reportado	103
Tabela 14 - Aplicação de concordância verbal padrão, segundo a variável faixa etária	111
Tabela 15 - A aplicação de concordância padrão, segundo a variável faixa etária	113
Tabela 16 - Aplicação de concordância verbal não-padrão desnasalada, segundo a variável faixa etária	113
Tabela 17 - A aplicação de concordância padrão, segundo a variável gênero	119
Tabela 18 - A importância dos componentes ‘Zona de residência’, ‘Escolaridade’ e ‘Ocupação para a definição de Classe Social no VarX – Pelotas (taxas de aplicação, totais de ocorrências, percentuais, pesos relativos).....	122
Tabela 19 - A aplicação de concordância padrão, segundo a variável classe social	123

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	A CIDADE DE PELOTAS	14
1.2	ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....	17
2	CONCORDÂNCIA VERBAL.....	19
2.1	A CONCORDÂNCIA VERBAL VARIÁVEL NA TERCEIRA PESSOA DO PLURAL.....	20
2.2	CONCORDÂNCIA VERBAL DE 2ª PESSOA DO SINGULAR EM PELOTAS	45
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	46
3.1	BANCO DE DADOS SOCIOLINGÜÍSTICOS VARIÁVEIS POR CLASSE SOCIAL - VARX.....	46
3.2	COLETA DE DADOS DO BANCO DE DADOS SOCIOLINGÜÍSTICOS VARIÁVEIS POR CLASSE SOCIAL - VARX	47
3.3	O <i>CORPUS</i>	49
3.4	A AMOSTRA	50
3.5	OS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	51
3.6	ENVELOPE DE VARIAÇÃO.....	52
3.6.1	A variável dependente	53
3.6.2	Variáveis Linguísticas	54
3.6.2.1	Tempos verbais.....	54
3.6.2.2	Traço humano do sujeito	55
3.6.2.3	Saliência	56
3.6.2.4	Posição do sujeito	59
3.6.2.5	Tipo de sujeito	60
3.6.2.6	Discurso reportado.....	61
3.6.2.7	Assunto	62
3.7	VARIÁVEIS INDEPENDENTES SOCIAIS	63
3.7.1	Faixa etária	63
3.7.2	Gênero	64
3.7.3	Classe social	65
4	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	68
4.1	DESCRIÇÃO GERAL DA RODADA COM CONCORDÂNCIA VERSUS SEM CONCORDÂNCIA VERBAL DE 3ª PESSOA DO PLURAL.....	69
4.1.1	Apresentação e discussão dos resultados sobre presença versus ausência de concordância verbal	75

4.2 CONCORDÂNCIA VERBAL PADRÃO DE 3ª PESSOA DO PLURAL VERSUS NÃO-PADRÃO	105
4.2.1 A concordância verbal padrão e a não-padrão e as variáveis sociais	111
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
5.1 SÍNTESE DOS RESULTADOS DAS ANÁLISES QUANTITATIVAS.....	128
5.2 AVALIAÇÃO DAS HIPÓTESES	136
5.3 LIMITAÇÕES DO TRABALHO	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	141
APÊNDICES	147

1 INTRODUÇÃO

Nesta tese, propomos uma discussão do processo de variação da concordância verbal de 3ª pessoa do plural no português brasileiro, especificamente o de Pelotas/RS, analisando os aspectos lingüísticos e sociais, em geral, associados a essa discussão pela literatura acerca do assunto. Esta tese unir-se-á a uma gama de trabalhos cujo objetivo é o estudo da concordância verbal de 3ª pessoa do plural e que datam do início da década de setenta, destacando-se os trabalhos de Naro e colaboradores, particularmente, Lemle e Naro (1977), que, em *Competências básicas do português* estudaram a concordância verbal de 3ª pessoa do plural, com base na fala de 20 morabralenses do Rio de Janeiro ou adjacências (Nova Iguaçu, Caxias) e identificaram as variáveis a que a concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada: variável morfológica, variável posicional, variável semântica e variável estilística. Com base nos resultados dessa pesquisa, os autores passaram a defender a perda da marca de concordância no português popular brasileiro. Outro pesquisador de destaque é Guy (1981), que, contrariando a tese desses autores, inclusive baseando-se no mesmo *corpus* utilizado por eles, defende a ideia de que marcas de concordância estão sendo adquiridas de forma gradual e parcialmente, no português popular. Desde então muitos outros trabalhos têm surgido sobre o assunto, a partir de diferentes amostras do português: urbanas, rurais, rurbanas, de comunidades quilombolas, etc.: algumas dessas pesquisas defendem a perda da concordância; outras, a aquisição.

Este estudo alia-se aos supracitados, à medida que visa a contribuir para traçar o panorama geral da concordância verbal de 3ª pessoa do plural no português popular brasileiro, arrolando indícios que possam servir para delinear a direção dessa variação, se aponta para aquisição ou perda de marcas de concordância verbal. Pretendemos ainda colaborar no sentido de avançar a pesquisa linguística sobre o tema em questão, juntando-nos aos trabalhos orientados e desenvolvidos pelos professores Ana Maria Stahl Zilles e Luís Isaías Centeno do Amaral, cujas pesquisas destacam-se pelo tratamento diferenciado das variáveis sociais. Além disso, queremos colaborar para a descrição do português falado em Pelotas/RS, especificamente da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, com base na nossa amostra em estudo, ou seja, noventa entrevistas estratificadas do Banco de Dados VarX, de Pelotas, distribuídos da seguinte forma: 45 são do gênero masculino e 45 do feminino; 30 são da classe social média alta, 30 da classe social média baixa e 30 da classe social baixa; 30 da

faixa etária entre 16 e 25 anos, 30 da faixa entre 26 e 49 anos e 30 da faixa etária com mais de 50 anos.

São duas as hipóteses principais que norteiam esta tese, mas a primeira está dividida em outras sete sub-hipóteses, que geralmente são discutidas por pesquisas que tratam do tema. Vejamos nossas duas hipóteses e sub-hipóteses:

1. A concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está sendo adquirida gradualmente, no português contemporâneo.

1.1 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está associada à escala de saliência fônica, de modo que as formas mais salientes apresentam maior probabilidade de concordância;

1.2 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está associada à classe social (com base na renda, patrimônio, escolaridade e ocupação do informante);

1.3 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está associada ao gênero do informante;

1.4 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada à idade do informante;

1.5 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada à escolaridade do informante;

1.6 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada à posição do sujeito na frase;

1.7 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada ao tipo de discurso reportado, pois com base no que diz Amaral (2002), há mais marcas de concordância verbal no estilo mais próximo do formal ou a relações assimétricas.

2. Em Pelotas/RS, fala-se um português com marca de 3ª pessoa do plural, mas essa marca pode ser padrão ou não-padrão.

Na próxima subseção, trataremos sobre a cidade de Pelotas, já que analisamos a concordância verbal de 3ª pessoa do plural com base no Banco de Dados VarX de Pelotas.

1.1 A CIDADE DE PELOTAS

Pelotas está localizada a aproximadamente 250 quilômetros de sua capital, Porto Alegre. Seu nome, conforme Mário Osório Magalhães (2005), faz referência às embarcações de couro, chamadas de pelotas e utilizadas pelos indígenas para a travessia do Arroio Pelotas.

De acordo com Ribeiro (2002), em 1780, o português José Pinto Martins veio do Ceará e estabeleceu uma charqueada nas imediações do Laranjal, próximo ao atual Arroio Pelotas, dando início à povoação, que, em 7 de julho de 1835, tornar-se-ia a cidade de Pelotas. A prosperidade do seu estabelecimento, que era atribuída à localização e aos métodos empregados, estimulou a exploração em larga escala da atividade saladeiril no território rio-grandense.

Vejam, nas palavras do autor, como Pelotas passou de pequeno povoado, a freguesia e finalmente a cidade:

No início do século XIX, a região das campinas marginais à Lagoa dos Patos e ao Canal São Gonçalo já estava toda pontilhada de pequenos povoados. Em 1810, os moradores das terras de Pelotas solicitaram a criação de uma freguesia, o que conseguiram em 1812, com o nome de Freguesia de São Francisco de Paula. A partir de então, os moradores das margens do Arroio Pelotas e do Laranjal começaram a convergir para o ponto onde está a sede do Governo Municipal.

A 7 de abril de 1832, a freguesia foi emancipada, com a sua elevação à categoria de vila, sendo logo empossada a sua primeira Câmara Municipal. A evolução político-administrativa acelerava-se, e já em 1835 a Assembléia Legislativa Provincial aprovava a proposta de elevação à categoria de cidade, com o nome de Pelotas (RIBEIRO, 2002, p. 19-20).

É importante destacar que, antes de se tornar cidade, quando ainda era freguesia, Pelotas se desenvolvia rapidamente de forma que, em 1830, já contava com um parque industrial saladeiril, com mais de 20 charqueadas trabalhando ao longo do Arroio Pelotas e do Canal São Gonçalo. O processo de estabelecimento de charqueadas, de acordo com Amaral (2003), fez com que esse município se tornasse o mais desenvolvido do Estado do Rio Grande do Sul do Século XIX. Acrescenta que esse processo industrial acarretou em acúmulo de capitais, elemento principal de desenvolvimento de Pelotas nos séculos XIX e XX, e também permitiu que essa cidade investisse em outras áreas, quando o charque deixasse de ser lucrativo, mais tarde.

Para entendermos o prestígio que Pelotas exercia no seu entorno, na época de auge da indústria do charque, no final do século XIX, quando era conhecida como a Princesa do Sul, vejamos a citação que segue:

Neste período, o Rio Grande do Sul caracterizou-se, principalmente, por ser uma região pastoril, onde a figura em destaque constituiu o gaúcho – homem do campo, forte, montado em seu cavalo, símbolo de masculinidade e virilidade.

[...] fica-me clara a ideia de marca distintiva, atribuída à cidade de Pelotas, ideia esta, cunhada pela cidade durante o século passado e que, emerge-se em dois focos: de um lado, ter-se-ia a cidade de Pelotas que, por sua opulência, traçou-se como um espaço bastante “urbanizado” em relação ao restante do Rio Grande do Sul (Província de São Pedro do Rio Grande do Sul), visto, genericamente, como a região dos pampas, enfatizado como um espaço “rural” e “rústico” (MONTEIRO, 1998, p. 2-4).

A citação acima deixa clara a diferença entre ‘a Princesa do Sul’ em comparação com o restante do Rio Grande do Sul, enquanto a cidade em questão era bastante urbanizada, as demais ainda eram espaços rurais e rústicos.

É nesse período áureo que os charqueadores mandavam seus filhos para estudarem no Rio de Janeiro, Buenos Aires, Europa, especificamente, Portugal e França. Como consequência, desenvolveu-se uma sociedade que cultivava o lazer, as coisas do espírito e os encantos da sociabilidade. Sobre o fato de as famílias enviarem seus filhos à Europa e de como seu retorno influenciava no desenvolvimento da cidade, Ribeiro (2002, p. 23) diz:

Os filhos das famílias abastadas estudavam na Europa, trazendo em seu retorno, hábitos e gostos requintados, fazendo da cidade um pólo não apenas econômico mas também artístico e cultural, posição que ocupa até hoje, em relação aos demais municípios do Estado.

Sobre a importância das charqueadas em Pelotas, Josuan Ávila da Conceição et al. (2009) afirmam que tiveram papel crucial no desenvolvimento e na urbanização, bem como na formação sócio-econômica do Rio Grande do Sul, no início do século XIX. Acrescentam que com a riqueza acumulada pelos charqueadores surgiu nessa cidade uma elite, uma aristocracia, muitos dos charqueadores tinham, inclusive, títulos nobiliárquicos. Ainda nesse contexto, de acordo com Josuan Ávila da Conceição et al. (2009, p. 8):

[...] dá-se a construção de importantes edifícios que incrementam a riqueza cultural dos habitantes dos habitantes mais abastados, fazendo parte do patrimônio cultural da cidade e tornando-a famosa a nível estadual e nacional. O Teatro Sete de Abril, um dos mais antigos do Brasil nesta arte é inaugurado em 1834, estando em bom funcionamento até hoje, localizado na Praça Coronel Pedro Osório, "ao lado" dos antigos casarões dos charqueadores. A Biblioteca Pública Municipal em 1875 o Hospital Santa Casa de Misericórdia de Pelotas em 1847 e o desenvolvimento de instituições de ensino e clubes sociais ajudam no desenvolvimento da cidade.

Um novo ciclo de progresso iniciou-se durante a Guerra do Paraguai, quando as tropas dos voluntários da pátria se alimentavam com o charque produzido em Pelotas. Após a guerra, Pedro Osório teria se mudado para a cidade, dando a ela maior projeção política e intelectual. Então é fundado o Liceu de Artes e Ofício.

Cunha (2009) salienta que essa cidade manteve-se em alta até que a crise abalou o município, no início do século XX, quando houve a quebra do Banco Pelotense, em 1931, por envolvimento com problemas políticos. Esse banco foi fundado em 1906 e foram instaladas sessenta e nove filiais no país. Segundo ela, o fechamento desse banco abalou o desenvolvimento da cidade, e trouxe conseqüências negativas “[...] da opulência restou apenas a história e a tradição do passado imponente de uma cidade” (CUNHA, 2009, p. 38). Outro fator preponderante que também contribuiu para a crise foi o fato de o charque ter perdido seu lugar nos frigoríficos, de modo que, então, passaram a desenvolver a cultura do arroz em Pelotas.

Sobre a formação populacional em Pelotas, Anjos (1999) diz que, embora essa cidade apresentasse características luso-brasileiras, com a vinda do elemento estrangeiro, transformou-se em nova e cosmopolita cidade, local em que diferentes culturas entraram em contato. Vejamos quais, nas palavras do autor:

Percebe-se que o elemento português foi o preponderante no total dos anos compreendidos entre 1850 e 1900, deixando somente a disputa pelo segundo lugar entre alemães e italianos. Estes últimos se revezaram nos dois períodos indicados, sendo o alemão superior entre os anos de 1850 e 1875 e o italiano entre 1876 e 1900. A superioridade do italiano no segundo período comprova a sintonia da chegada destes em Pelotas com o surto imigratório promovido pelo governo Imperial e Provincial. Observa-se também a presença constante e significativa do elemento oriental nos dois períodos, em especial no primeiro, onde se classifica em terceiro lugar. Uma outra interpretação que deve ser feita, sob pena de não se alcançar o verdadeiro sentido dos dados, refere-se à superior posição italiana frente à alemã no total dos anos analisados, isto é, entre 1850 e 1900. Observando-se a diminuta participação do elemento italiano no primeiro período e conhecedores da superioridade alemã na zona colonial de Pelotas, como explicar tal fenômeno? Os dados apontam para o fato de se tornar o italiano, dentre os estrangeiros não portugueses, o elemento preponderante na zona urbana de Pelotas, no último quartel do século XIX, seguido de perto pelo oriental e pelo espanhol.

Também Amaral (2003, p. 18) trata dos povos que contribuíram para a formação populacional em Pelotas, mas destaca a participação de outras etnias que não haviam sido citadas pelo autor anterior. Amaral (2003) numera lusitanos, negros, pomeranos, italianos, e em menor número, franceses. Acrescenta que havia aproximadamente oitenta mil africanos, no Rio Grande do Sul, no século XIX, os quais já estavam adaptados ao centro sul do país, para onde foram trazidos pelos Bandeirantes, com destaque para Pelotas, maior mercado comprador. Os pomeranos, por sua vez, chegaram nesse mesmo século e se estabeleceram em Pelotas, Canguçu e São Lourenço do Sul; os italianos e os franceses teriam vindo a partir de 1875, estabelecendo-se em Pelotas.

Vindo dessa época para a atual. Pelotas, segundo o IBGE, no ano de 2007, apresentava uma população de 339.934 habitantes, dos quais 92% vivem na zona urbana.

Ainda em conformidade com o IBGE, desse número, a maioria é do gênero feminino (53% do total registrado), na faixa etária adulta: entre 20 e 59 anos.

Em conformidade com Josuan Ávila da Conceição et al. (2009), as atividades econômicas do município em questão localizam-se em torno do setor terciário, destacando-se as comerciais, que são desenvolvidas no centro da cidade. Quanto ao setor secundário, enfatizam os ramos de indústria de conservas e de produtos pastoris, além da comercialização de frangos para o consumo. Em relação ao setor primário, destacam a forte presença da produção de arroz, de pêssego e aspargos.

No decorrer desta subseção, tratamos do surgimento de Pelotas, de como passou de freguesia à cidade, época de auge do charque e seu declínio, seu povoamento, e dados estatísticos sobre a cidade, conforme censo do IBGE.

1.2 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Este trabalho está dividido em capítulos. No primeiro, introduzimos o tema, sua relevância, objetivos, hipóteses que permeiam o estudo, e breve contextualização de Pelotas.

No capítulo dois, apresentamos a *Fundamentação Teórica*, em que inicialmente, discutimos conceitos de concordância verbal conforme a visão de gramáticos mais tradicionais, como Almeida (1961), Cunha e Cintra (1985), Bechara (1976), que descrevem a concordância verbal como regra categórica, comentando ainda a visão de Robins (1981), Câmara Jr. (1959), embora esses dois últimos autores sejam linguistas, a definição apresentada por eles é tradicional, depois consideramos Perini (2000) e Said Ali (1964), que já apresentam uma visão um tanto quanto diferenciada desses autores, mais de acordo com a língua portuguesa falada no país. Na sequência, traçamos um panorama da concordância verbal no português popular, a fim de analisar a perspectiva para a qual apontam as pesquisas que sustentam esta tese, se é no sentido de perda de marcas de concordância verbal de 3ª pessoa plural como querem Naro e colaboradores ou se é no sentido de aquisição de marcas, conforme prevê Guy. Nesta parte, sintetizamos os resultados encontrados pelos autores para as variáveis que, em geral, são discutidas pela literatura sobre o assunto. No final da fundamentação teórica, discutimos, de forma geral, o estudo da concordância verbal de 2ª pessoa do singular em Pelotas.

No capítulo três, *Procedimentos Metodológicos*, num primeiro momento, tratamos do Banco de Dados Sociolinguísticos Variáveis por Classe Social – VarX – sua estruturação,

de como tivemos acesso a ele, explicitando o modelo de análise utilizado para a realização desta tese. Num segundo momento, apresentamos a formulação das variáveis dependentes e independentes, e as hipóteses relacionadas a cada uma dessas variáveis. Essas hipóteses foram formuladas com base nos resultados já apresentados por outros pesquisadores sobre a concordância verbal de 3ª pessoa do plural.

No capítulo seguinte, ou seja, o intitulado *Descrição e Análise dos Resultados*, inicialmente, apresentamos a distribuição geral da concordância verbal de 3ª pessoa do plural em Pelotas, com base nas noventa entrevistas do Banco de Dados VarX, bem como indicamos as variáveis selecionadas na rodada presença *versus* ausência de concordância verbal. Depois discutimos os resultados das variáveis consideradas importantes para testar a primeira hipótese e sub-hipóteses relacionadas a ela, de que a concordância verbal estaria sendo adquirida de forma gradual no português contemporâneo, destacando-se, para esse fim, os resultados das variáveis: faixa etária, classe social, gênero, escolaridade, saliência fônica, posição do sujeito, tipo de discurso. Dando continuidade, passamos a discutir a concordância verbal padrão *versus* não-padrão, apresentando a distribuição geral das formas padrão e das não-padrão, com base na amostra em estudo. Na discussão da rodada padrão *versus* não-padrão, enfatizamos os resultados das variáveis sociais: faixa, etária, gênero, classe social, escolaridade, já que na literatura sobre o assunto ainda não foram concebidas variáveis linguísticas envolvendo a concordância verbal padrão.

Por último, nas *Considerações Finais*, retomamos os resultados mais importantes da análise de presença *versus* ausência de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, bem como da análise da concordância verbal padrão *versus* não-padrão, em que novamente salientamos as evidências que sustentam ou não as hipóteses e sub-hipóteses, apresentadas na introdução desta seção, procedendo a uma avaliação delas. No finalzinho das Considerações Finais, apontaremos as limitações que o estudo deixa.

2 CONCORDÂNCIA VERBAL

O fenômeno da concordância verbal pode ser abordado sob várias perspectivas, interessa-nos esclarecer, todavia, somente uma contraposição entre a tradicional e a variacionista. Na perspectiva tradicional, está a definição de Almeida (1961, p. 380), na opinião de quem, “[...] concordância é o processo sintático pelo qual uma palavra se acomoda na sua flexão, com a flexão de outra palavra de que depende”. Robins (1981, p. 232) vê-a como “[...] uma exigência de que as formas de duas ou mais palavras de classes de palavras específicas que estão numa relação sintática específica umas com as outras sejam também caracterizadas pela mesma categoria (ou categorias) paradigmaticamente marcadas.” Este autor salienta ainda que os padrões de concordância são diferentes em distintas línguas, enfatizando que o latim e o grego fazem mais uso dela do que o francês e o alemão. Em relação ao português, Câmara Jr. (1959, p. 210) frisa que “[...] é a concordância com o verbo em número e pessoa gramatical que essencialmente assinala o sujeito [...]”. Essa definição deixa claro que o verbo apresenta marcas. Nessa mesma linha, está a concepção de concordância de Cunha e Cintra (1985, p. 485), “A solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na concordância, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito”. Também Bechara (1976) define a concordância como um fenômeno gramatical, que consiste em um vocábulo determinante se adaptar ao gênero, número ou pessoa do vocábulo determinado. Continua dizendo que pode ser nominal ou verbal, quanto à concordância verbal, esclarece que é a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (às vezes, o predicativo) e o verbo da oração. Já Perini (2000) tem uma concepção um tanto distinta das apresentadas acima. Enfatiza que a definição tradicional de concordância verbal, que é vista como um sistema de condições de harmonização entre o sujeito e o núcleo do predicado das orações, é muito simplória, pois apresenta uma série de problemas tanto teóricos quanto de aplicação aos dados, com os quais não concorda. Já de início, afirma que, na sua visão, não existe o fenômeno da violação da concordância verbal, o que acarretaria na inaceitabilidade da frase.

Em um primeiro momento, qualquer combinação (quaisquer SNs acompanhando qualquer forma de verbo no NdP é bem formada, no entanto, em um segundo estágio, aplicam-se filtros e restrições que marcam como mal formadas muitas dessas combinações (PERINI, 2000, p. 189).

Além de Perini (2000), Said Ali (1964) também apresenta uma definição mais flexível, mais coerente com o que se observa no português popular falado no país. Ele afirma:

A concordância não é, como parecerá à primeira vista, uma necessidade, imperiosamente ditada pela lógica. Repetir, num termo determinante ou imperativo ou informativo, o gênero, número ou pessoa já marcados no termo determinado ou de que fala, é antes sua redundância (SAID ALI, 1964, p. 279).

O que essas concepções de concordância verbal têm em comum? À exceção das de Perini (2000) e de Said Ali (1964), os demais autores trabalham com a ideia de que concordância verbal é uma regra categórica, diferentemente do que ocorre na língua popular, em que aspectos sociais e lingüísticos ocasionam concordância verbal variável. É isso que mostram os estudos acerca da concordância verbal, na perspectiva da sociolinguística variacionista. Ater-nos-emos a traçar o panorama geral da concordância verbal variável de 3ª pessoa do plural nesta última perspectiva, dado o objetivo geral da tese, ou seja, analisar os fatores lingüísticos e sociais relacionados à variação na concordância verbal de 3ª pessoa do plural com base em 90 informantes do VarX – Banco de Dados Sociolingüísticos Variáveis por Classe Social de Pelotas/RS, a fim de verificar se a concordância verbal de 3ª pessoa do plural está sendo adquirida gradualmente, no português contemporâneo.

2.1 A CONCORDÂNCIA VERBAL VARIÁVEL NA TERCEIRA PESSOA DO PLURAL

A concordância verbal de 3ª pessoa do plural tem sido estudada desde a década de 70, e os resultados desses estudos têm mostrado um cenário bastante difuso. Naro e seus colaboradores defendem a perda de marcas no verbo nessa pessoa verbal; enquanto Guy (1981), a aquisição; mas também há outros trabalhos cujos resultados apontam para a estabilidade no sistema da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, ou seja, não haveria perda nem aquisição, a exemplo de Jung (2000), Monguilhott (2001) e Barden (2004).

Nesta fundamentação teórica, discutiremos os resultados dos principais estudos sobre a concordância verbal de 3ª pessoa do plural, a fim de poder delinear o panorama geral, já que a hipótese principal da tese, a ser discutida na análise, é de que marcas de concordância verbal de terceira pessoa do plural estão sendo adquiridas gradualmente, no português contemporâneo, especificamente em Pelotas.

Começamos pelo estudo de Lemle e Naro (1977) acerca da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, não porque foram os primeiros a estudá-la, mas por terem estabelecido as variáveis que são relacionadas a ela e até hoje são analisadas em trabalhos sobre a temática. Os autores, em *Competências básicas do português*, analisaram a fala de 20 mobralenses (Movimento Brasileiro de Alfabetização, que visava à alfabetização funcional de jovens e

adultos) do Rio de Janeiro ou adjacências (Nova Iguaçu, Caxias), entre os quais, 9 eram mulheres e 11, homens, na faixa etária de 17 aos 50 anos (6 informantes com mais de 40 anos e 14 com menos de 30). Esses falantes foram escolhidos pelo fato de terem sido caracterizados como desembaraçados pelos alfabetizadores, embora entre eles houvesse um analfabeto que não é mobarlense, cuja escolha, a nosso ver, não foi devidamente justificada. Com cada um deles foram realizadas sete entrevistas, em locais e circunstâncias variadas, para captar uma gama de comportamentos lingüísticos, resultando em 140 entrevistas.

Entre as variáveis controladas por Lemle e Naro (1977), interessam-nos a morfológica e a posicional. Quanto aos resultados da variável morfológica, que se refere ao tipo de diferença fônica entre as formas do singular e do plural, os pesquisadores salientam que a falta de concordância ocorre mais freqüentemente nos casos em que a diferença material entre o singular e o plural é menos saliente. Nesse sentido, há menos concordância na classe B, em que a diferença entre singular e plural é a nasalização da vogal final não-acentuada [komi] [komî]; essa diferença aumenta para a classe N, em que, além da nasalização, há ditongação [fala], [falãw] ou mudança da qualidade vocálica [fala] [falû], além de [falu], aumentando a concordância; na classe V, a diferença torna-se mais saliente, com presença/ausência de um segmento inteiro [diz] [dizî] ou, às vezes [dizi] ; da classe V para a G (= L), ocorre um grande salto nos números, já que nesta classe cai o acento sobre a parte da palavra em que se localiza a diferença entre o singular e o plural. A distinção aumenta mais ainda nas classes Z (foi/foram) e W (é/são), em função de maior diferença fônica. Por fim, Lemle e Naro (1977, p. 43) concluem “[...] quanto mais saliente for a diferença fônica entre singular e plural, mais provável será a concordância, i.e., a falta de concordância ocorre tanto mais quanto menos ela se faz sentir.”

Outra variável que indicou resultados paralelos aos da saliência fônica foi a posicional, visto que a categoria mais saliente, ou seja, o sujeito pré-posto, mostrou-se mais favorável à concordância verbal, bem como o sujeito oculto, embora com freqüências menores, sendo inibida com os demais fatores desse grupo, ou seja, sujeito posposto, sujeito separado.

Acerca dos resultados de *Competências básicas do português*, Castilho (1997, p. 252) frisa que os pesquisadores observaram que a regra da concordância verbal está sujeita a certas variáveis, que são:

- (i) variável morfológica: quanto maior a saliência fônica da oposição entre a forma verbal do singular e do plural, tanto maior a ocorrência da regra de concordância;
- (ii) variável posicional: o sujeito imediatamente anteposto ao verbo favorece a concordância;
- (iii) variável semântica: o sujeito indeterminado desencadeia a

concordância com frequência maior que o sujeito determinado; (iv) variável estilística: as situações de maior formalidade favorecem a regra de concordância.

Nesse estudo, em que estabelecerem as variáveis para a concordância verbal de 3ª pessoa do plural, Lemle e Naro (1977, p. 49) chegaram à seguinte conclusão:

[...] a atuação da mudança em direção a um sistema sem concordância verbal foi fundamentalmente fonológica, enquanto que a sua implementação se deu através de uma difusão no eixo da saliência, sendo a principal coordenada a morfológica [...] Assim sendo, a mudança se introduz no ponto zero da saliência e vai se difundindo contextos cada vez mais salientes.

A citação acima deixa claro que os autores acreditam que há perda de marcas de concordância verbal no português popular brasileiro, que teria sido desencadeada pela perda da nasalização final em sílabas átonas, fenômeno que teria se estendido a todas as classes gramaticais, a exemplo do que, na visão deles, aconteceu com outras palavras, como: *virgem*, *garagem*, *homem*.

Guy (1981), ao contrário destes autores, acredita que a variável concordância verbal, no português popular contemporâneo, esteja sendo adquirida gradual e parcialmente. Ele chega a essa conclusão com base no mesmo *corpus* de Lemle e Naro (1977), quando reinterpreta a escala de saliência fônica. Em uma conferência proferida durante o 1º Encontro de Variação linguística do Cone Sul (1996), afirma:

[...] falantes não-nativos aprendendo o sistema de concordância do português padrão, onde é que seria mais fácil notar a regra de concordância? É óbvio que “eles são” é diferente de “ele é”, mas no caso de “eles come/comem”, a diferença é mais sutil e mais difícil de o falante não-nativo perceber e aprender. Neste caso, a escala de saliência funciona como uma escala de facilidade de aquisição. Na aquisição de uma regra por uma pessoa que não tem essa regra, a escala de saliência atuaria no sentido de que ela adquiriria primeiro os casos mais óbvios, mais salientes, e os mais difíceis de aprender seriam adquiridos só depois. Assim, esses dados podem ser interpretados como evidência de uma história em que havia uma comunidade de pessoas que não tinham essa regra de concordância, e que a estavam adquirindo através do contato com falantes nativos, que mostravam a regra nas suas produções orais. Este é o caso que existiu na história das línguas crioulas, durante os processos de pidginização e descrioulização (GUY, 1996).

Embora Naro e Scherre (1991) tenham proposto perda de concordância verbal no português popular brasileiro, algumas vezes, nem os resultados de seus próprios estudos sustentam essa conclusão. Por isso, ao observarem aumento no uso de marcas de concordância em suas pesquisas, inclusive, entre as mesmas pessoas estudadas em épocas distintas, alegam que há fluxos e contrafluxos na sociedade brasileira, dizendo de outra forma, o que aumenta para alguns, diminui para outros.

Em uma dessas pesquisas, em 2003, realizada com base em duas amostras: uma do tipo Painel, constituída por 16 falantes gravados na década de 1980 e regravados em 1999

e 2000; outra do tipo Tendência, constituída por 32 falantes, os quais foram aleatoriamente escolhidos da mesma comunidade da amostra da década de 1980, gravados em 1999/2000, observaram que praticamente todos os falantes recontactados aumentaram sua média global de uso da concordância no intervalo de 16 a 19 anos que separam as duas etapas de entrevistas, os falantes que aumentaram os anos de escolarização, ultrapassaram os que não freqüentaram a escola nesse período. Mas alertam que há casos em que houve ampliação de emprego de marcas de concordância sem a influência direta da escola. A motivação apontada por Scherre e Naro (2003) é: idade inicial associada à entrada no mercado de trabalho no período que separa as duas amostras, ou contato com a mídia e identificação com os valores da classe média por ela veiculados.

Mudanças na concordância nominal, na concordância verbal, no sistema gramatical, nos processos fonológicos levam a questionar a sua origem. Para explicá-la, existem teorias distintas. De um lado, está Guy (1981), o qual acredita na existência de crioulos na formação do português popular brasileiro; de outro, estão Naro e colaboradores, que defendem a ideia da deriva. Atualmente, chamam sua posição de “[...] Confluência de motivos: vemos a atração de forças de diversas origens – algumas oriundas da Europa; outras da América; ainda, da África – que, juntas, se reforçaram para produzir o português popular do Brasil” (NARO; SCHERRE, 2007, p. 25). Eles consideram que esses fenômenos teriam sua origem unicamente na antiga deriva secular das línguas indo-européias em geral, e das românicas em particular, em direção a uma gramática sem flexão. Nesse sentido, tais estruturas variáveis poderiam ter existido tanto em Portugal quanto no Brasil. A outra corrente, a da criouliização, defende o ponto de vista de que o português do Brasil é totalmente distinto do europeu, em função da presença maciça de pessoas de origem africana no Brasil, cujas línguas originárias teriam influenciado o português do nosso país por meio de um estágio hipotético de um pidgin ou crioulo de base portuguesa.

Ainda acerca da tese da deriva, Naro e Scherre (1993, apud NARO; SCHERRE, 2007, p. 52-53) apresentaram uma abordagem mais conciliadora, propondo que:

[...] a origem primeira destes fenômenos variáveis de concordância veio de Portugal, mas que as condições de pidginização endêmicas e a aprendizagem de segunda língua em fase adulta que predominaram por toda a história do Brasil, mesmo antes da chegada dos escravos, aceleraram e exageraram as tendências iniciais durante o processo de *nativização* da língua portuguesa por comunidades das mais diversas bagagens culturais.

Com base nessa citação, percebemos que os autores acreditam que algumas características do português popular, a exemplo da variação na concordância verbal, estejam

relacionadas com as línguas com as quais o português europeu entrou em contato no Brasil. Mas Naro e Scherre nem sempre defenderam essa ideia em seus textos.

Guy (1986), no artigo *Saliency and the direction of syntactic change*, diferentemente de Lemle, Naro, Scherre, declara que a variação na concordância é decorrente do fato de nossa língua ser descendente da linguagem crioula, falada por escravos brasileiros no período Colonial e que, modernamente, ainda há influência da cultura popular africana, principalmente, em componentes lexicais. Ele acrescenta que o português popular apresenta fatos característicos do crioulo de Cabo Verde. A hipótese de Guy (1986) pauta-se no fato de que o crioulo não apresentava regras de concordância. Dessa forma, a atual ausência de concordância estaria associada à criouliização. Portanto, na perspectiva de Guy, atualmente, ocorreria uma inovação: a variável concordância, no português contemporâneo, estaria sendo adquirida gradual e parcialmente – descrioulização, – e não eliminada da gramática, como propuseram Naro e Lemle (1977). Além do mais, segundo Guy (1986), essas mudanças envolvem empréstimos e imitação de falantes de alto prestígio.

A fim de aprofundar essa discussão e arrolar argumentos para sua posição, Naro e Scherre (1993, apud NARO; SCHERRE, 2007) fizeram um retrospecto das evidências históricas das origens europeias da perda de concordância explícita em português, traçando a linha de mudança da época pré-latina ao português pré-clássico. Então puderam observar que as concordâncias verbal e nominal são variáveis em todo território de Portugal, embora essa variação seja pequena. Salientam, todavia, que o que causou espanto foi o fato de a literatura conter poucas referências sobre essa variação e os próprios lingüistas de Portugal negarem a sua existência.

Nessa ocasião do estudo das evidências históricas, analisaram oito textos pré-clássicos, tomando como amostra aleatória 639 dados de concordância plural e os submeteram ao Goldvarb, programa de análise de dados variáveis. Em relação à concordância verbal de 3^a pessoa do plural, frisam que a proporção de dados sem concordância foi bastante pequena, menos de 1%. Acerca dos grupos de fatores que se mostraram pertinentes, frisam que igualmente ao português moderno, em textos antigos, a marca de plural era menos freqüente e mais típica com formas menos salientes. Outro grupo de fatores que exibiu resultados interessantes foi a posposição do sujeito com relação ao verbo, com uso mais freqüente das formas verbais singulares em contextos de sujeitos plurais quando os sujeitos estão distantes ou pospostos ao verbo. Também o fator ‘traço humano do sujeito’ mostrou mais marcas de plural para sujeitos humanos.

Por fim, Naro e Scherre (2007) salientam que não puderam testar todas as variáveis independentes que já se mostraram pertinentes para o português moderno falado no Brasil, por insuficiência de dados. Mas concluem que a variação na concordância não é somente um fenômeno do nosso país e que as diferenças nesse aspecto da linguagem são mais uma questão de grau do que de princípios. Na sua visão, o português moderno do Brasil é o resultado natural da deriva secular inerente à língua trazida de Portugal, talvez, exagerado no nosso país, em função da influência de diversas outras línguas, “[...] idubitavelmente exagerada no Brasil pela exuberância de contato de adultos, falantes de línguas das mais diversas origens e pela nativização desta língua pelas comunidades formadas por estes falantes” (NARO; SCHERRE, 2007, p. 69). A língua brasileira popular não seria, portanto, resultado da pidginização/crioulização devido à presença de falantes de línguas africanas. Até porque, conforme Amaral (*apud* NARO e SCHERRE, 2003), a tendência em direção ao não uso freqüente de concordância pode ser encontrada em todas as áreas rurais brasileiras, independentemente se de predominância européia, africana, asiática, ameríndia ou miscigenada na origem. Além disso, conforme o autor (*apud* NARO e SCHERRE, 2003), embora não saibamos maiores detalhes sobre seus ancestrais, bem como acerca do contexto em que aprenderam o português, há comunidades rurais isoladas de pessoas brancas na Bahia e Mato Grosso, que apresentam o mesmo tipo de estrutura tipicamente associada à crioulização. Todavia, anteriormente, Guy (1981) associara tal aspecto da linguagem, ausência de concordância, com a crioulização.

Tendo discutido os argumentos apontados pelas duas teorias acerca da origem do português popular brasileiro, a proposta de Naro e Scherre, chamada de ‘confluência de motivos’, parece razoável, embora os autores não apresentem argumentos consistentes que a sustentem. Eles alegam que discordam de Guy, porque este defenderia o ponto de vista de que o português popular estaria passando por uma descrioulização de um único crioulo, apesar de Guy não ter defendido essa ideia. Falam em língua geral, todavia com pouca base, pois não apresentam citações de Arion Rodrigues, maior autoridade em línguas indígenas brasileiras. Concordamos, em partes, com a teoria da crioulização defendida por Guy, embora pareça-nos difícil avaliá-la, porque os indícios que apontam para a presença de crioulos podem ser decorrentes de outros fatores lingüísticos e culturais/sociais. A hipótese da crioulização pauta-se em um conjunto de fatores, entre os quais, não podemos deixar de citar as condições de colonização do Brasil, em que entraram em contato falantes adultos de línguas diversas, sem nenhuma língua em comum, como as indígenas, africanas e européias (português, francês, holandês, alemão, italiano, espanhol); as diferenças estruturais entre o português

brasileiro e o europeu, realçadas pela ampla variação na concordância verbal e nominal, especialmente a de número.

Consideramos oportuno, aqui, citar Pagotto (2005), porque ele menciona a existência de vários crioulos no português popular brasileiro. Vejamos o que ele diz acerca do assunto. “[...] Há fortes indícios que levam a essa conclusão – mas que eles, isoladamente, não seriam responsáveis pelo processo histórico de formação do português do Brasil atual.”

Para sair desse imbróglio, já que os procedimentos metodológicos tradicionalmente adotados pelos lados *por* e *contra* a hipótese da criouliização prévia não permitem uma avaliação crítica adequada da hipótese, Baxter (1995) propõe que se adote uma abordagem que focalize as vertentes do português brasileiro que historicamente teriam sido mais propensas à influência de processos de contato de línguas: as vertentes rurais africanas e ameríndias. É isso o que o autor tem feito ao estudar o dialeto afro-brasileiro descrioulizante de Helvécia. Por isso, comentaremos na sequência, essa pesquisa e outras afins, as quais, sob o ponto de vista de Baxter (1995) e nosso, seriam propícias para avaliação da hipótese da criouliização, já que apostamos na existência de crioulos no português popular brasileiro, o qual, agora, passaria por um processo de descrioulização, com conseqüente aumento de uso de marcas de 3ª pessoa do plural, sendo esta a hipótese central desta tese, como mostrará nossa análise.

Conforme Baxter (1995), Helvécia localiza-se no Sul da Bahia, sua população é descendente de escravos das fazendas de café da Colônia Leopoldina, uma colônia suíço-alemã, criada em 1818. Quanto ao contexto sócio-histórico, o autor afirma que, em 1858, a colônia tinha 40 fazendas e uma população de 200 brancos (principalmente, alemães, suíços, alguns franceses e brasileiros) e 2000 negros, a maioria, nascida na localidade. Diz que pouco se sabe sobre a origem dos escravos, apresentando indícios de três origens: nagô, congo e gêge. Nas primeiras épocas dessa colônia, diversas variedades de português teriam constituído modelos-estímulo para a aquisição do português como L2 e L1 entre os escravos. Ele acrescenta que, atualmente, os descendentes desses escravos falam um dialeto cujas características sugerem ter havido uma criouliização leve no português. Entre os traços que sugerem criouliização, ele cita a morfologia de pessoa/número radicalmente reduzida, *ex. você/ela/nós/a gente/vocês/eles vai*. Mas o autor alerta que, embora a hipótese da criouliização seja sedutora, a semelhança de certas estruturas em dialetos rurais e estruturas em línguas crioulas não é um argumento suficiente a favor dessa hipótese, pois tais mudanças poderiam ter seu impulso inicial e m variedades do português europeu.

Na mesma perspectiva de Baxter (1995), encontramos Lucchesi (2001), que no artigo intitulado *As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000)*, considera que houve um processo de pidginização/crioulização leve, vejamos como ele define esse processo, na citação que segue:

[...] mais razoável supor a existência de processos de pidginização/crioulização de tipo leve, dentro da visão mais ampla expressa através do conceito de *transmissão linguística irregular*; sendo mais apropriado falar, no âmbito da história do português popular brasileiro, em termos de sistemas com características crioulizantes, ou de semi-crioulos (cf. Holm, 1991), e não propriamente em pidgins e crioulos típicos (LUCCHESI, 2001, p. 123).

Nesse artigo, ele caracteriza a realidade brasileira como bipolarizada. Essa bipolarização seria entre uma norma culta – definida com base nos padrões de fala das classes médias e alta – e a norma popular, que reuniria os falares das classes baixas. Explica que desde o século passado, houve uma interação e uma mútua influência entre essas duas vertentes. Acerca da influência da norma culta nas variedades populares e vice-versa, Lucchesi (2001, p. 125) afirma:

[...] a influência da norma culta teria produzido o apagamento das marcas mais características do processo de transmissão linguística irregular nas variedades populares, também se abriram vias através das quais os processos de mudança decorrentes do contato entre línguas também se refletiram nos padrões de fala das camadas médias e altas. A variação na concordância entre o sujeito e verbo, com uma conseqüência da redução do paradigma da flexão verbal, que se observa hoje na norma culta, poderia ser vista como um desses reflexos.

Essa citação permite inferir que nas variedades populares, as características do processo de transmissão linguística irregular estão sendo apagadas por influência da norma culta, que, por sua vez, sofre a redução do paradigma verbal, por interferência do contato com as variedades populares.

O autor, nos trabalhos que orienta, continua se ocupando da questão da origem do português brasileiro, focalizando, preferencialmente, as vertentes africanas. Entre esses, citamos o de Jorge Augusto Alves da Silva (2003), que estudou três comunidades rurais do Estado da Bahia: Cinzento, Helvécia e Rio das Contas. O objetivo do trabalho foi discutir a concordância verbal de terceira pessoa do plural, buscando verificar o índice de aplicação da regra. Nas duas últimas cidades, usou *corpus* do *Projeto vestígio de falares crioulos em comunidades afro-brasileiras isoladas*. Foram analisadas 12 entrevistas em cada comunidade, das quais, 6 eram de homens e 6, de mulheres, perfazendo um total de 36. Esses informantes foram divididos em 3 faixas etárias: 2 mulheres e 2 homens de 20-40; 2 mulheres e 2 homens de 41 a 60; e 2 mulheres e 2 homens de 60 em diante.

Quanto aos resultados, a comunidade de Cinzento foi a que apresentou o menor percentual de concordância (13%), seguida da de Helvécia, 16%; o maior foi o de Rio da Contas, ou seja, 24%. Apesar de as porcentagens de concordância parecerem baixas, o autor defende a ideia de que esteja havendo aquisição de concordância, tese com que concordamos, dado que as pessoas mais jovens, ou seja, de 20 a 40, apresentam frequência e peso relativo de 22% e 0,62; os de meia idade (41 a 60), 14% e 0,48 e os mais velhos, 10% e 0,36. Acerca dos seus resultados, Silva (2003, p.183) diz:

O português popular do Brasil tem sua origem ligada ao contingente de negros africanos e seus descendentes que adquiriram o português de forma defectiva, produzindo uma variedade da língua portuguesa marcada pela redução na morfologia flexional do verbo. A redução obrigou os falantes a lançarem mão de estratégias para a marcação da ideia de plural. Por influxo da urbanização, da socialização e dos meios de comunicação, verificamos uma tendência à mudança em direção à aquisição das marcas de flexão de número e pessoa. Essa tendência é mais acentuada nas comunidades rurais afro-brasileiras expostas ao contato com populações utentes da norma culta. Os dados mostram que não há fundamento para se falar em perda de flexão com base na deriva secular da língua portuguesa, mas sim na aquisição de flexão por influxo de pressões externas.

Com base na citação acima, observamos que o autor sublima a influência dos negros africanos e seus descendentes no português popular do país, principalmente, enfatiza que seus dados não permitem falar em perda de flexão, ao contrário, mostram aquisição de marcas de plural. Esclarece que o contato lingüístico, no Brasil, produziu uma variedade da língua portuguesa marcada pela redução no sistema flexional e que atua, principalmente, sobre os mais jovens, no sentido de fazê-los caminhar rumo a um sistema com marcas de flexão, conforme os padrões da língua culta.

Outro trabalho que merece ser mencionado nessa discussão que envolve a direção tomada pelo português popular brasileiro, se está havendo um movimento de aquisição ou de perda de marcas de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, é o de Alessandra Preussler de Almeida (2006), que foi realizado em contexto lingüístico semelhante ao de Silva (2003). A pesquisadora faz uma análise da concordância verbal de 1ª, 2ª, e 3ª pessoas na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca/RS, com o intuito de comparar seus resultados com os de outros estudos realizados em comunidades rurais, urbanas, “rurbarnas” e quilombolas. Ela propôs verificar se a variedade falada nessa comunidade apresenta características similares, com relação à concordância verbal. O estudo foi realizado com base em 24 informantes, homens e mulheres, cujas idades variam entre 15 e 90 anos.

Na análise da concordância verbal padrão versus não-padrão, com relação às variáveis independentes: gênero, faixa etária e informante (esta não pôde ser testada, visto que alguns informantes não apresentaram formas padrão), foi selecionada faixa etária, a qual

exibe a população mais nova com 40% de concordância verbal, enquanto a mais velha, 16%, o que leva a pesquisadora a concluir que os falantes da comunidade quilombola estão adquirindo concordância verbal padrão. A autora explica que isso pode ser decorrente do fato de os mais novos terem mais escolaridade, em relação aos mais velhos.

Dado que o objetivo da tese é analisar a concordância verbal na terceira pessoa do plural em Pelotas, ater-nos-emos somente aos resultados da terceira pessoa do plural. Almeida (2006), que, inicialmente, apresenta os resultados desta pessoa junto com os da 2ª pessoa do plural, afirma ter encontrado 1.134 ocorrências, das quais 80% são marcadas pela desinência, e 20% não a apresentam. Excluindo os dados de 2ª pessoa do plural, encontrou 81% com desinência, que marcam a flexão verbal de número e pessoa. A pesquisadora afirma que seu resultado destoa do de outras comunidades afro-brasileiras, em função das altas percentagens de emprego de concordância verbal. Acredita que isso ocorra, em função de a comunidade de São Miguel dos Pretos ter um maior contato com outras variedades do português, possivelmente, mais padrão e com mais concordância, em relação às outras comunidades afro-brasileiras.

Sobre a rodada presença *versus* ausência de desinência de P6 (concordância verbal de terceira pessoa do plural), consideramos importante comentar os resultados de todas as variáveis estudadas por Almeida (2006), já que praticamente analisamos as mesmas ao realizarmos o estudo da concordância verbal de terceira pessoa do plural em Pelotas. A autora incluiu as variáveis: posição do sujeito, tipo de sujeito, saliência fônica, conjugação verbal, tempo verbal, faixa etária e gênero, das quais foram selecionados: saliência fônica, posição do sujeito, tempo verbal, conjugação verbal, tipo de sujeito e faixa etária. Os resultados de saliência fônica não seguem exatamente a gradação hierárquica proposta por seus idealizadores na década de setenta. São, todavia, os três últimos níveis que favorecem a presença de DNP6. Igualmente a outros estudos, no caso de o sujeito anteceder o verbo, há 83% de desinência de concordância verbal; com sujeito posposto, há desfavorecimento (0,13). Em tempo verbal, os do indicativo mostram-se mais propícios ao uso de marca de 3ª pessoa do plural; enquanto o infinitivo pessoal inibe esse uso; os do subjuntivo, com menos ocorrências, são desfavoráveis ao emprego da desinência de 3ª pessoa do plural. A primeira conjugação é a única que favorece o emprego de DNP6, com peso de 0,60; as demais conjugações desfavorecem-no. Quanto ao tipo de sujeito, o pronome pessoal reto favorece o uso de marcas de 3ª pessoa do plural, com 84%, o que Almeida (2006) relaciona à sua posição: antes do sujeito. O sujeito apagado inibe esse uso, mas a pesquisadora alega que esperava resultados mais altos. São os mais jovens, com 83%, peso de 0,64, que empregam

mais a regra de concordância verbal em relação aos mais velhos, com 82%, e peso de 0.56. Com base nesse resultado, a autora conclui:

[...] observamos um efeito contrário com base nos resultados encontrados nas comunidades supracitadas e em São Miguel. A disposição gradual dos pesos relativos na tabela 31, com 0,38 para os mais velhos, 0,56 para os adultos e 0,64 para os jovens, sustenta a hipótese de que a comunidade negra está adquirindo a concordância verbal (ALMEIDA, 2006, p. 124).

Os resultados da variável faixa etária, em São Miguel dos Pretos, constituem mais um argumento a favor da nossa tese, ou seja, de que está havendo aquisição de marcas de concordância verbal de 3ª pessoa do plural no português popular brasileiro e não perda, pelo menos no português falado em comunidades quilombolas.

Outro estudo que permite a discussão sobre o processo de formação do português brasileiro é o realizado em Ibitipoca/MG, em cuja constituição, houve a presença do indígena, do negro, do colonizador. Nesse contexto, Resende (2006) desenvolveu sua tese, que mostra a aquisição de marcas de concordância verbal. Ela estudou a 3ª pessoa do plural, na perspectiva teórica da Sociolinguística Variacionista, a partir de 34 informantes de Conceição de Ibitipoca/MG, de três faixas etárias: 15 a 31 anos (I), 32 a 59 anos (II), mais de 60 anos (III); sem escolaridade, de 1 a 4 anos de escolaridade, de 5 a 8 anos de escolaridade e de 9 a 11 anos de escolaridade; além dessas variáveis sociais, avaliou ainda o grau de contato com turistas: nulo, escasso, médio, e grande; bem como sua atitude frente ao turismo: positiva, imparcial e negativa.

Resende (2006) encontrou 2.601 ocorrências de 3ª pessoa do plural, das quais 826 obtiveram a aplicação da regra de concordância verbal, correspondendo a 31% do total do *corpus*.

Quanto aos resultados dos grupos de fatores lingüísticos, Resende (2006, p. 165) conclui:

A marca da concordância verbal está presente nos contextos que apresentam os elementos lingüísticos mais salientes, ou seja, nos grupos de fatores (i) “saliência fônica”, em que as posições acentuadas por serem as mais salientes levam os falantes a utilizarem mais a concordância; (ii) “paralelismo” (tanto no nível oracional quanto no discursivo), que obedece ao princípio de que marcas levam a marcas; e (iii) “posição do sujeito” em que a posição imediatamente à esquerda do verbo, por colocar sujeito plural em evidência, favorece a aplicação do plural na regra variável.

Interessam-nos, sobremaneira, os resultados das variáveis sociais analisadas pela autora, especificamente gênero e faixa etária. As frequências e pesos relativos de emprego de concordância verbal entre homens e mulheres mostraram-se próximos. Assim, a pesquisadora descarta a hipótese de elas se direcionarem mais para a regra padrão em relação ao gênero

masculino. Sobre os resultados de faixa etária, Resende (2006) ressalta que há indícios de mudança em progresso, pois os mais jovens tenderiam à implementação da regra padrão da CV, em função do maior contato com os turistas, com 62% na faixa I, na faixa II 18%, e apenas 9% na III. Acredita que o comportamento da faixa etária mais jovem seja um indício de mudança em progresso, decorrente da ampliação de horizontes desse grupo.

No que se refere aos cruzamentos, a autora diz que a realidade sociolinguística bem como os resultados encontrados na amostra retratam diferentes tendências na comunidade de fala. Frisa que a escolaridade tem um papel crucial na realização da flexão de 3ª pessoa do plural, dado que os falantes sem escolaridade, independentemente de gênero, grau de contato com os turistas e atitude frente ao turismo, apresentam um comportamento lingüístico semelhante, enquanto entre as pessoas escolarizadas, particularmente, aquelas que freqüentaram a escola por mais de 4 anos, há uma correlação entre grau de contato e avaliação do turismo.

Por fim, Resende (2006), com base nos resultados do seu estudo, especificamente, diante da gradação etária, afirma haver um quadro de mudança em progresso, no sentido de implementação do uso da regra de concordância verbal. Acrescenta ainda que tanto a deriva natural quanto a transmissão linguística irregular atuaram ao longo do processo de formação do português falado na comunidade de Conceição da Ibitipoca/MG, como processos concorrentes e complementares.

Outro estudo cujos resultados mostram a aquisição de marcas de concordância verbal de 3ª pessoa do plural é o de Giane dos Santos (2007), que foi realizado com base no mesmo banco de dados que o nosso: VarX, mas sua amostra diverge da nossa, pois seu objetivo era outro: comparar a distribuição de concordância verbal de 3ª pessoa do plural entre parte de um grupo mais pobre na comunidade de fala com um grupo mais rico, a fim de verificar se se tratava de marcador de classe. Assim, estudou a concordância com base em 24 entrevistas do Banco de Dados VarX, estratificados por gênero, faixa etária (16-20 anos, 21-25, 26-37, 38-49, 50-64, classe social (classe média alta e classe baixa). Na rodada presença *versus* ausência de marca de concordância verbal, houve concordância verbal em 1.193 contextos, perfazendo 91%, contra 119 dados sem marca, ou seja, 9%.

Quanto às variáveis linguísticas, o programa estatístico selecionou: tempo verbal, posição do sujeito e tipo de sujeito. Os tempos verbais que favorecem altamente a aplicação da concordância foram: o imperfeito e o presente do indicativo. O imperfeito mostrou-se inibidor da concordância verbal. Posição do sujeito mostra que o sujeito nulo favorece a presença de concordância verbal, enquanto o sujeito anteposto contíguo favorece-a levemente,

e sujeito anteposto não-contíguo desfavorece-a. Tipo de sujeito mostra que os sujeitos pronominais de 3ª pessoa do plural favorecem a aplicação de concordância verbal e os demais desfavorecem-na. No que se refere às variáveis sociais, a única selecionada pelo programa estatístico foi classe social. A classe média alta (93% e peso relativo de 0,62) favorece a concordância e a classe baixa desfavorece-a (88% e peso relativo de 0,32). Mesmo não tendo sido selecionada, Santos (2007) comenta os resultados de faixa etária. Seus resultados ilustram aumento gradual de marcas em direção dos mais velhos para os mais jovens, isto é, 95% para a faixa etária de 16-25; 90% para a faixa etária de 26-49; 85% para a faixa etária de 50- mais de 65. Com relação à variável gênero, homens e mulheres mostram percentuais próximos de concordância, respectivamente, 89% e 91%.

Sobre a rodada com concordância verbal padrão *versus* não-padrão, em que foram excluídos os contextos sem concordância, com base em 1.195 dados observou uma pequena diferença entre o uso de variantes padrão e não-padrão, ou seja, 5%. A variante padrão apresenta um índice de 55% (650 dados) e a não-padrão traz 45% (545 dados). Das variáveis por ela estudadas na concordância verbal padrão, interessam-nos apenas as sociais, já que nós somente discutimos, no capítulo da análise, o resultado das variáveis sociais. No trabalho de Santos (2007), as variáveis sociais que favorecem a concordância verbal padrão são: classe social, faixa etária e gênero. A classe média alta favorece a concordância padrão (68% e peso relativo de 0,60) e a classe baixa desfavorece-a (88% e peso relativo de 0,37). Os resultados de faixa etária mostram que os informantes de 16-20 e 21-25 favorecem o uso da concordância padrão. As mulheres (56% e peso relativo de 0,53) apresentam maiores percentuais de emprego de concordância verbal padrão em relação aos homens (52% e peso relativo de 0,46).

Embora nossa hipótese seja de que no português popular esteja havendo aquisição de marcas de 3ª pessoa do plural, não podemos deixar de comentar alguns estudos que defendem a perda, a fim de analisar essa hipótese com mais propriedade. Começamos pelo de Rodrigues (1987, p. 180), que, em sua conclusão, afirma: “[...] não se pode negar que os dados coletados confirmam um processo de perda de marcas de flexão verbal na língua popular de São Paulo [...]”. Para chegar a essa proposição, a pesquisadora estudou o português da população favelada dos Jardins Carombé e Paulistano. Ela entrevistou 40 adultos favelados da periferia paulistana, caracterizados em função de gênero, idade e escolaridade. Quanto aos níveis de escolaridade, observou dois: (0) nula; (1) 1º grau/1ª a 4ª série; das seguintes faixas etárias: (1) 20 a 35 anos; (2) 36 a 50; (3) mais de 51 anos. Como os adultos jovens, principalmente, os analfabetos, mostraram-se mais arredios, somente entrevistou 16 do

sexo/gênero masculino e 24 do feminino. O material coletado corresponde à produção de falantes oriundos de quatro espaços: São Paulo (capital) – 6 informantes; noroeste do Estado de São Paulo + Norte do Paraná – 4 informantes; norte de Minas Gerais + sul da Bahia (até Jequié) – 22 informantes; nordeste (Pernambuco, Alagoas, Ceará, Paraíba) – 8 informantes. Rodrigues (1987) procurou avaliar o significado de 3 variáveis linguísticas: (1) posição do sujeito com relação ao verbo; (2) saliência fônica da oposição singular/plural; (3) classe morfológica do sujeito – sujeito pronominal eles/elas.

Seus resultados confirmam as hipóteses formuladas por ela, inicialmente: o sujeito anteposto ao verbo favorece a aplicação da regra padrão, enquanto sujeito posposto ao verbo favorece significativamente a realização da regra não-padrão. Também verificou que o fator distanciamento do sujeito em relação ao verbo é pouco significativo à aplicação da regra padrão. Quanto à variável saliência fônica, Rodrigues (1987) ressalta que os resultados confirmam a hipótese formulada: a falta de concordância ocorre com alta frequência exatamente naqueles casos em que a diferença material entre singular e plural é menor ou menos saliente.

Como a pesquisadora, nesse trabalho, também estudou a concordância verbal de 1ª pessoa do plural, comparou os resultados desta aos da 3ª pessoa. Ela observou que os índices de não-concordância são mais elevados quando o sujeito é da 3ª pessoa do plural, ou seja, 71% para 46%. Quanto à pressuposição de Naro – a regra de concordância estaria passando por um processo de eliminação da gramática dos falantes de níveis econômicos mais baixos – Rodrigues (1987), com base em seu *corpus*, afirma que essa perda fica mais evidente para a terceira pessoa do plural, já que são os mais jovens os que apagam mais marcas de plural, ressaltando que, para o sujeito da 1ª pessoa do plural, a regra está em variação mais ou menos estável. Ainda observou que os índices de frequência, em P6, permanecem praticamente constantes, independentemente do sexo/gênero e do nível de escolaridade dos informantes.

Outro estudo que mostra a perda da marca de concordância verbal é o de Denise Crespim Pereira (2004), também acerca da concordância verbal de 3ª e 1ª pessoas do plural, e elaborada com base no português popular falado por pessoas idosas residentes na zona rural dos estados de São Paulo e Minas Gerais, na área correspondente às trilhas das bandeiras paulistas. Ela foi orientada por Rodrigues. Quanto ao perfil social dos seus informantes, eram 15 pessoas, em média, 78 anos de idade, de ambos os sexos, analfabetos ou semi-escolarizados, nascidos e criados na zona rural de São Paulo e de Minas Gerais, sendo a grande maioria delas já aposentadas, que trabalharam somente em atividades típicas do

campo. Os resultados desse estudo, que foi realizado conforme a metodologia Sociolinguística e Linguística Funcional, exibem baixa aplicação da regra para a 3ª pessoa do plural, ou seja, 24%, e percentuais um pouco mais altos para a 1ª pessoa do plural: 33%. A par dessas percentagens, a pesquisadora afirma que os falantes do português popular das trilhas das bandeiras apresentam uma tendência a não-concordância padrão estabelecida pela gramática, embora não fale em perda de concordância verbal no português brasileiro.

Nesse estudo, foram selecionados os seguintes fatores: grau de saliência fônica da oposição entre as formas verbais do singular e do plural, havendo maior frequência e probabilidade de aplicação da regra de concordância, quando a diferença entre as formas do singular é materialmente maior; presença/ausência do sujeito pronominal (eles, elas, vocês), a concordância mostrou-se maior com os sujeitos expressos pelos pronomes *eles*, *elas*, antepostos ao verbo, com sujeito pronominal não-explicito, também houve grande probabilidade de realização da regra, acontecendo o contrário com sujeito não-pronominal; no fator paralelismo discursivo, o verbo precedido de um verbo marcado mostrou a concordância fortemente favorecida; ainda mostra o sujeito [+ humano] favorecendo a concordância, enquanto o sujeito [-humano] inibe a concordância; no exame do paralelismo oracional, mostrou que a concordância é favorecida, quando o último elemento do SN sujeito carrega marca de plural, e desfavorecida, se essa marca não está presente; o sujeito ativo mostrou-se favorecedor da concordância, enquanto o inativo inibiu-a, nos índices de frequência, mas não pelos valores de probabilidade; quanto aos fatores sociais, os sujeitos mais escolarizados utilizavam mais concordância; mostrou também as mulheres da zona rural com maiores frequência e probabilidades de realização de concordância em relação aos homens, embora, em geral, as mulheres fossem mais escolarizadas do que os homens, no corpus em estudo; os informantes de São Paulo apresentaram maior frequência e probabilidade de realização da concordância comparados aos de Minas Gerais.

Embora nossa hipótese central seja de que o português popular brasileiro está caminhando para um sistema com marca de concordância verbal, há trabalhos que apontam para a estabilidade nesse sistema de concordância, como o de Barden (2004) e Monguilhott (2001), Jung (2000), Costa (1990), Welchen (2006) e consideramos importante analisar essas pesquisas, a fim de podermos traçar as distintas tendências evidenciadas no português popular brasileiro. À exceção do trabalho de Barden (2004) e de Monguilhott (2001), que são amostras urbanas monolíngües, os demais foram realizados em contextos bilíngües: o de Jung (2000) com falantes de alemão-português; Welchen (2006) com os mesmos bilíngües de Jung,

Costa (1990), com falantes de italiano-português, portanto, tais resultados podem destoar dos de outras pesquisas já realizadas.

Barden (2004) realizou uma análise descritiva da concordância verbal entre o sujeito de 3ª pessoa do plural (eles/nome quantificado) e seus respectivos verbos dentro do sintagma verbal em português com base em 24 falantes monolíngües de Porto Alegre, do Banco de dados VARSUL. Esses falantes foram distribuídos conforme três características sociais: nível de instrução: primeiro grau ou fundamental e ensino médio; gênero: feminino e masculino; idade: maiores de 50 anos e menores de 50 anos. De 1.321 dados, houve 57% de concordância total (752 dados); 22% de concordância parcial (287 dados) e 21% de formas sem concordância (282 dados). Ela considerou esse resultado bastante robusto. Tendo realizado duas rodadas, opondo variantes com oposição total a variantes com aplicação total e parcial, e diante da constatação de que não houve diferenças significativas entre elas, a pesquisadora optou pela análise binária, em que a concordância total ~ parcial se opõe a não-concordância. O programa considerou relevantes as seguintes variáveis: Saliência Fônica – de natureza morfológica e diretamente ligada à escolaridade dos falantes –, exibiu tendências evidentes da relevância do aumento da saliência do material fônico na oposição singular/plural dos verbos. Posição do Sujeito – mostrou aumento de marcas de concordância, à medida que diminui o número de sílabas entre sujeito e seu respectivo verbo, observou, ainda, que há, progressivamente, menos concordância quando a relação sintagmática entre sujeito e verbo é mais difícil de estabelecer, especificamente, no caso, de o sujeito estar posposto ao verbo. Paralelismo Formal – os resultados demonstraram uma tendência de diversas ocorrências de uma mesma variável dependente no discurso apresentarem entre si uma relação de interdependência. Escolaridade do Informante – mostra que existe uma correlação entre a aplicação da concordância e o tempo de permanência do indivíduo na escola, em virtude de os mais escolarizados usarem mais marcas de concordância verbal. Tipo de Sujeito – tal variável exibiu que se o sujeito for um pronome pessoal há mais concordância do que quando por um nome quantificado. Por fim, com base no dialeto porto-alegrense, Barden (2004) considera que a regra da variação da concordância verbal de 3ª pessoa do plural reflete um fenômeno de variação estável.

Monguilhott (2001) estudou a variação na concordância verbal de 3ª pessoa do plural na fala dos Florianopolitanos, de origem açoriana, estratificados de acordo com as variáveis sociais: gênero, idade (15 a 24; 25 a 45 e 52 a 76) e escolaridade (4 anos de escolarização e 11 de escolarização). A amostra da pesquisa é do Banco de Dados do Projeto VARSUL. Tal dissertação foi elaborada conforme a Sociolinguística Paramétrica, que

concilia os pressupostos metodológicos da Teoria da Variação Linguística com o modelo de Princípios e Parâmetros. Nesse estudo, observou que, na variável saliência fônica, há uma forte tendência à preservação das marcas de concordância na oposição acentuada; ambientes favorecedores da marca de concordância nos verbos são, ainda, o SN na posição anteposta ao verbo; o verbo do tipo cópula e o sujeito do tipo pronome pessoal, bem como o pronome demonstrativo; o SN com traço do tipo [+humano]; no paralelismo formal, o fator presença da marca explícita de plural no último elemento mais favoreceu a concordância verbal. No tocante aos fatores sociais, escolaridade e idade apresentaram-se mais significativos, além de sexo/gênero quando cruzado com escolaridade: as mulheres mais idosas e com maior nível escolar tendem a marcar, mais efetivamente, a concordância verbal.

Quanto aos resultados, de 1.583, 1.251 contiveram marcas explícitas de concordância nos verbos, ou seja, 79%, sendo que 332 dados, 21% do total, apresentaram a variante zero de plural nos verbos. Resultados esses que a nosso ver não parecem indicar haver uma tendência de apagamento da concordância no português do sul do Brasil, especificamente, em Florianópolis.

A pesquisa de Jung (2000) também é exemplo de uma comunidade de fala em que não está havendo aquisição, nem apagamento de concordância verbal. Ela propôs um estudo com base na fala de 24 informantes bilíngües de Missal (PR), com o propósito de investigar a concordância verbal de 3ª pessoa do plural. Na sequência, apresentaremos a forma como a pesquisadora propôs a variável dependente. Ilustraremos a formulação dessa variável, porque Jung (2000, p. 23) encontrou, nessa comunidade de fala bilíngüe, uma forma distinta de 3ª pessoa do plural, que ela codificou de *x* e sobre a qual comentaremos melhor, mais adiante.

- 0 – sem concordância
- 1 – reuniu todos os casos de concordância
- 2 – ditongo /aw/ nasalizado – forma padrão
- 3 – ditongo /ey/ nasalizado – forma padrão
- 4-- /aN/ vogal nasal seguida de consoante nasal – não há ditongo, é padrão
- 5 - /eN/ vogal nasal seguida de consoante nasal – não há ditongo, é padrão
- 6 – não-padrão: /u/ nasal /falaru~/
- 7 – não-padrão: /u/ sem nasalização /falaru/
- 8 – não-padrão: /i/ nasal /dizeri~/
- 9 – não-padrão: /i/ sem nasalização /dizeri/
- x – eles te derem tal coisa

Como praticamente formulamos as variáveis da mesma forma que a pesquisadora, optamos por citá-las. Entre as linguísticas, incluiu a posicional (posição do sujeito): sujeito anteposto contíguo, sujeito anteposto não contíguo, sujeito posposto, sujeito não-preenchido/não se aplica; tipo de sujeito: sujeito preenchido SN, sujeito preenchido pronome reto, sujeito preenchido pronome reto que retoma o tópico, sujeito preenchido pronome

indefinido, sujeito preenchido numeral, sujeito preenchido pronome relativo, sujeito preenchido pronome demonstrativo, sujeito apagado; morfológica (saliência fônica): 2. come/comem, fale/falem; 3. fala/falam, ia/iam, era/eram; 4. faz/fazem, quer/querem; 5. dá/dão, está/estão; 6. sumiu/sumiram; 9. foi/foram; 7. fez/fizeram, deu/deram; 8. é/são; *veio/vieram. Entre as sociais, estudou: local (zona rural ou zona urbana); idade (mais de 45 anos, de 25 a 40 anos, de 6 a 10 anos); gênero (masculino ou feminino).

Analisando as formas de não-aplicação de marca de concordância *versus* aplicação da regra, em que incluiu mesmo formas não-padrão, Jung (2000) obteve uma probabilidade geral de concordância verbal de 0,87 entre os adultos e 0,98 entre as crianças.

Tipo de sujeito, posição do sujeito e saliência fônica foram as variáveis linguísticas selecionadas pelo programa estatístico tanto nos dados das crianças quanto nos dos adultos. Entre os adultos, mostrou-se mais significativo *tipo de sujeito*, ocorrendo alto índice de concordância quando o sujeito está apagado, 97%, seguido do pronome relativo (94%), do pronome reto (89%), do sujeito indefinido (84%), e por último, o sujeito sintagma nominal (72%). Quanto a esses resultados, a pesquisadora diz que são favoráveis a uma explicação funcional, já que nos contextos em que a desinência é importante informacionalmente, é favorecida.

Posição do sujeito, segunda variável selecionada nos dados dos adultos, mostrou baixa aplicação da regra de concordância quando o sujeito está posposto, ou seja, 0,12, a aplicação da regra foi maior no caso do sujeito anteceder imediatamente o verbo determinado, 88%. A porcentagem de aplicação da regra foi um pouquinho menor quando o sujeito estava anteposto não-contíguo: 85%. Nos dados das crianças, essa variável foi a primeira selecionada. As crianças também exibiram a menor taxa de aplicação com sujeito posposto, todavia com porcentagem maior, 78%. O fato de com sujeito anteposto, tanto contíguo quanto não-contíguo, apresentar uma aplicação quase categórica, ou seja, ambos com 98%, leva Jung (2000) a apostar na hipótese aquisicional.

Outra variável linguística selecionada, *grau de saliência fônica*, sustenta a hipótese de que quanto mais material fônico entre a forma singular e plural do verbo, maior a probabilidade de aparecer marca de concordância verbal. Em relação aos resultados dos adultos, Jung (2000, p. 36) diz haver uma gradação de aplicação da regra de concordância de contextos menos para mais salientes, com uma inversão do fator T (sumiu/sumiram) e fator Q (dá/dão; foi/foram), ou seja, aplicam mais a regra em verbos como dá/dão do que em verbos como sumiu/sumiram, foi/foram. Ela explica esse resultado afirmando que o fator T, nesse contexto, parece ser mais saliente que os verbos pretéritos. Salienta ainda que tais resultados

estão em conformidade aos de Guy (1981) e Bortoni (1985), contrariando os de Lemle e Naro (1977) e Naro (1981). Os dados das crianças, com a variável *saliência fônica*, selecionada em segundo, apresentaram-se um pouco distintos. Elas aplicam mais a regra de concordância em verbos como *fala/falam* do que em *quer/querem*. Jung (2000) atribui esse resultado à hipótese aquisicional e acredita que seja possível que tenham desenvolvido uma consciência metalinguística maior em relação às crianças monolíngües, já que aplicam mais a regra da concordância em contexto menos saliente e quase categoricamente nos dois últimos níveis de saliência incluídos nesta variável.

Tipo de sujeito foi a terceira variável selecionada nos dados das crianças, a qual mostrou-se um pouco distinta em relação aos resultados dos adultos. Enquanto estes apagam mais a marca de plural no sujeito sintagma nominal, as crianças o fazem nos contextos em que o sujeito é pronome indefinido. A pesquisadora, novamente, atribui o resultado à hipótese aquisicional, mas salienta que tal explicação mereceria ser mais bem investigada.

Outra variável selecionada entre os adultos, *idade*, exhibe os mais jovens, ou seja, os da segunda geração de pessoas no local, como os que aplicam um pouco menos a regra de concordância em relação aos mais velhos.

Outras variáveis sociais não foram selecionadas como estatisticamente significativas, mesmo assim, Jung (2000) comenta suas porcentagens. Há 87% de aplicação da regra de concordância tanto na zona rural quanto na urbana. A variável *sexo/gênero* não exhibe diferenças entre homens e mulheres, com porcentagem de 86 % e 87%, respectivamente.

Nos dados das crianças, nenhuma variável social foi selecionada. A pesquisadora, todavia, salienta que as meninas da zona urbana aplicam mais essa regra em relação às da zona rural e aos meninos dos dois contextos. Também observou que há uma maior oscilação nos dados das crianças, se comparados aos dos adultos. Entre estes, três tiveram uma taxa de aplicação inferior a 80%. Ela atribui isso à relação simétrica estabelecida entre esses e a entrevistadora. Por isso acredita que em falas mais informais, os adultos provavelmente apaguem um pouco mais do que os resultados evidenciaram.

Embora não seja objeto de nossa análise, porque tal aspecto não foi observado na fala dos informantes do Banco de Dados VarX, em Pelotas, consideramos importante destacar que Jung (2000) encontrou algo interessante nessa pesquisa em Missal: mudança de desinência número-pessoal em verbos da primeira conjugação, de –AM para –EM: *Eles dancem bastante*. Foram 60 ocorrências em um total de 1.562 falas analisadas. Numa tentativa de explicar tal traço, Jung (2000) remete à pesquisa realizada por Pereira (1999), que

fez um estudo etnográfico na comunidade bilíngüe de São Pedro, localizada na região oeste paranaense, também pertencente a Missal/PR, e lá observou algumas peculiaridades inerentes ao falar das pessoas daquela comunidade rural, que usam um alemão dialetal, que é próprio do grupo, como língua da solidariedade empregam o brasileiro, e o português é a língua da escola, a que serve de modelo para a escrita, e é de caráter mais oficial (editais, atas, convites). Entre essas peculiaridades, encontrou, inclusive na fala de professores da comunidade e reiteradamente na fala comum dos informantes, o uso de –EM no final de verbos de 3ª pessoa na forma plural, nos pretéritos perfeito e imperfeito. De antemão, a autora procura uma explicação no alemão e nessa tentativa, lista alguns exemplos verbais escritos na forma de plural, extraídos do alemão culto, a fim de explicar a origem do traço de -EM:

sprechen – falar (am)
 lesen – ler (am)
 hören – ouvir (am)
 studieren – estudar (am)
 schreiben – escrever (am)
 geboren - nascer (am)

A maioria dos verbos em alemão, conforme demonstrado através dos seis exemplos acima, tanto no infinitivo quanto na terceira pessoa do plural são escritos com en no final [...] De um lado, isto parece mostrar que o dialeto falado pelos informantes deste estudo guarda algumas semelhanças com o chamado alto alemão. Por outro lado, pode-se arriscar a dizer que há uma interferência fonológica (cf. Weinreich, 1974), desta forma identificando a presença de traços descontínuos que distinguem o português do brasileiro falado na comunidade (PEREIRA, 1999, p. 134-135).

Quanto a essa hipótese, Jung (2000) diz que essa transposição pode ser entendida, contudo, a partir do lugar de origem desses descendentes de alemães que colonizaram Missal. Jung (2000, p. 46) diz:

A maioria das pessoas vieram de alguma região do Rio Grande do Sul, ou da região onde se estabeleceram os primeiros imigrantes que vieram para esse estado (colônia velha) ou da região que foi posteriormente colonizada por pessoas vindas da Alemanha como, principalmente, por pessoas que saíram das colônias velhas, formando, então, as colônias novas. As pessoas que colonizaram Missal, em sua maioria, vieram das colônias novas. Assim, esse fenômeno pode ser consequência da co-existência de dois sistemas de saliência fônica que se instauraram, ainda, no Rio Grande do Sul, sendo apenas levado para o Paraná. Atualmente, então, esse traço se encontraria em uma fase gradativa de eliminação, pelo fato de estar aparecendo mais na fala de pessoas com mais de 45 anos e na fala de crianças que ainda estariam regularizando o sistema da 2ª língua, o português, a partir da primeira gramática internalizada, a gramática da língua alemã. Esta é uma hipótese inicial, que merece ser melhor investigada.

Na parte final da citação, a autora deixa claro que essa hipótese precisa ser mais bem investigada, até porque tal traço também foi encontrado numa comunidade de descendentes de italianos, por Iara Benquerer Costa, embora isso não tenha sido comentado por Jung (2000).

Iara Benquerer Costa (1990), em sua tese de doutorado, estudou a concordância verbal com base na fala de descendentes de italianos de uma vila rural do interior do município de Ijuí, no noroeste do Rio Grande do Sul, portanto, em contexto semelhante ao de Jung (2000): contexto bilíngüe. A fala dessa comunidade, segundo a pesquisadora, apresentou certas características, algumas resultantes da interferência do italiano, outras, semelhantes às encontradas em várias modalidades do português falado. Quanto à concordância verbal na segunda e terceira pessoas do plural, Costa (1990) diz ser marcada por meio da flexão verbal (de terceira pessoa) em 95,5% dos casos. Acrescenta que a variação consiste na diversidade de marcas concorrentes, visto que a forma zero é rara. Entre essas formas, encontrou a alternância entre *falam* x *falem*. Analisando a alternância de *falam* x *falem*, afirma que é semelhante à encontrada na 1ª pessoa do plural, em que a forma padrão *falamos* está em variação com *falemo*. Acrescenta, todavia, que há uma grande diferença de produtividade entre *falemo* e *falem*, pois a 1ª pessoa foi empregada com uma frequência de 79,4% nos verbos regulares da 1ª conjugação, ao passo que a última ocorreu em 17,4% dos casos nesse mesmo grupo de verbos. Defende a ideia de que, embora os números de ocorrências sejam muito distintos, o processo morfológico é semelhante: em ambos os casos haveria uma anulação da diferença entre a 1ª e 2ª conjugações – *falemo/vendemo*; *falem/vendem*. Por fim, afirma que o uso das variantes *falemo* e *falem* é característico do dialeto falado por essas pessoas.

Quando a pesquisadora trata da concordância com 2ª/3ª pessoas do plural no pretérito imperfeito do indicativo, não menciona a alternância entre –AM e –EM; mas a alternância *falavam/falávim*. Nesse tempo verbal, observa que a tendência predominante é usar a marca padrão. A variação ocorreria, basicamente, entre a marca padrão [ãw], com índice de 80,6% e a marca zero, 12,2% dos casos, as outras formas variantes apresentariam índices baixos de ocorrências.

Ao tratar da concordância de 2ª/3ª pessoas do plural no pretérito perfeito, Costa (1990, p. 131) não menciona a alternância entre *falaram* versus *falarem*, somente afirma que nessas pessoas, a padrão foi a que apresentou maior índice de uso, ou seja, 63,5%, a forma [õ] 20%, e a [-ro] 13,7%.

Fazendo uma análise geral dessa alternância entre –AM para –EM, Costa (1990) diz que é possível levantar a hipótese de que a variante -EM tenha surgido na fala do interior do Rio Grande do Sul, embora não esclareça a que localidade se refere, em função do fato de não ter evidências de que tenha sido incorporada à fala da colônia estudada a partir de

variedades rurais nem do italiano. Ela observou que seu uso decresce de geração a geração, a preferência pela forma padrão é de 75,5% , contra 18,5% para essa variante não-padrão.

Como podemos observar, tanto Costa (1990) quanto Jung (2000) acreditam que essa alternância entre –AM e –EM tenha surgido no interior do Rio Grande do Sul e esteja em vias de extinção, visto que está mais presente na fala de pessoas com mais de 45 anos e na de crianças que ainda estariam regularizando o sistema da 2ª língua, o português, a partir da primeira gramática internalizada, a gramática da língua alemã. Por isso, em 2006, optamos por fazer uma re-análise da concordância verbal de 3ª pessoa do plural em Missal, com base no mesmo *corpus* de Jung (2000), à exceção das gravações de falas das crianças. Igualmente a Jung (2006), observamos que, em Missal/PR, fala-se um português com marca, dado que apresentou uma frequência de 87% de marca de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, havendo 13% de zero. No que se refere aos fatores lingüísticos e sociais selecionados em Missal, optamos por não apresentar seus resultados, dado que o programa Varbrul foi rodado em relação ao apagamento da concordância verbal. Salientamos, todavia, que as variáveis lingüísticas corriqueiramente selecionadas em estudos de concordância verbal na perspectiva variacionista foram selecionadas, ou seja: posição do sujeito, traço humano do sujeito, tempos verbais, escolaridade, saliência fônica e conjugação verbal. Quanto às variáveis sociais, escolaridade e zona de residência foram as únicas considerados relevantes na rodada padrão *versus* não padrão. Enquanto os informantes de 0 a 4 anos de estudo favorecem o uso de marcas não-padrão, os de 5 a 8 anos o inibem. Cruzando escolaridade e idade, a pesquisadora observa que são os mais velhos de 0 a 4 anos de escolaridade que, efetivamente, utilizam mais formas não-padrão. Atribui esse resultado ao fato de, entre os informantes mais velhos de Missal/PR, alguns terem aprendido português sem um ensino formal, mesmo que alguns deles tenham freqüentado a escola, deixam claro, em suas entrevistas, que aprenderam muito pouco. É a zona urbana que favorece o uso de marcas não padrão, embora as diferenças sejam ínfimas. Welchen (2006) explica essa proximidade em função das relações intervaretais em construção, provenientes do contato lingüístico alemão-português, presente na zona rural e na urbana, sendo mais forte na primeira. Também à luz das características “rurbanas”, na terminologia de Bortoni-Ricardo (2004), da cidade em questão. Por fim, acredita ser possível que a zona urbana favoreça o emprego de formas não-padrão, porque entre os falantes desta zona, há uma senhora que, efetivamente, utiliza formas não-padrão, aumentando fortemente os números de zona urbana. Entre os fatores não selecionados nesta rodada: gênero e idade, Welchen (2006) afirma que os resultados do primeiro fator mostram que as mulheres de Missal/PR apresentam um comportamento lingüístico semelhante ao das de Bortoni-Ricardo,

em Brazlândia, dado que o contexto social delas é praticamente o mesmo do das desta cidade, o que resultou em comportamento lingüístico também parecido: as mulheres de Missal/PR utilizam mais formas não-padrão em relação aos homens, respectivamente, 11% e 8%. Cruzando gênero e escolaridade, a pesquisadora salienta que fica perceptível que, em Missal/PR, a escola atua, mais efetivamente, sobre as mulheres, pois à medida que avançam no nível escolar, utilizam mais formas padrão. Os resultados de faixa etária evidenciam que os mais velhos utilizam mais formas não-padrão em relação aos mais novos, apesar de as frequências serem próximas. Mas ela alerta que o resultado deve ser olhado com certas ressalvas, já que há um viés na amostra quanto à distribuição das pessoas por faixa etária. Apesar dos resultados de faixa etária, Welchen (2006) crê não ser possível afirmar que os falantes da localidade em estudo estejam começando a usar marcas não-padrão, tratar-se-ia de uma variável estável, uma comunidade com altas percentagens de presença de marca, bem como com baixas frequências de uso de formas não-padrão.

Acerca da alternância entre –AM e –EM, segundo Welchen (2006), foram selecionados: tempo verbal, escolaridade, zona de residência. Tempo verbal evidencia que o uso de –EM, em final de verbos, é altamente favorecido pelo presente do indicativo, sendo inibido nos demais tempos verbais. Os resultados de escolaridade, conforme a pesquisadora, mostram que o traço –EM é favorecido entre as pessoas de 0 a 4 anos de escolarização, sendo inibido pelos de 5 a 8 anos de estudo, sobremaneira, é mais saliente entre os 0 a 4 anos de escolarização, com mais de 45 anos de idade, o que foi revelado pelo cruzamento de escolaridade e idade. Essa alternância está mais associada à fala das mulheres com pouca escolaridade, ou seja, entre as que possuem de 0 a 4 anos de escolaridade, cujo percentual é 26% de emprego de –EM, mas essa frequência decresce, significativamente, à medida que sobe o nível escolar dessas mulheres, pois as que têm de 5 a 8 anos de escolaridade apresentam 6% de uso do traço. Já em relação aos homens, os que têm de 0 a 4 anos de estudo utilizam esse traço 5%, enquanto os de 5 a 8 anos de escola, 13%. Por último, o trabalho de Welchen (2006) mostra que traço é favorecido na zona urbana, crê que esse favorecimento seja em função do fato de, entre os falantes da zona urbana, haver uma senhora com mais de 45 anos de idade, que apresenta muitos contextos, destoando dos demais.

No que se refere à origem do traço –EM, Welchen (2006) salienta que, talvez, seja um tanto quanto equivocado associá-lo à interferência do alemão, mas reconhece que é recorrente na fala de alguns alemães e está sendo associado aos descendentes dessa língua, no imaginário popular, pois, em São Miguel do Oeste/SC, uma rádio FM local, aos sábados, apresenta o programa Top Show, um programa bem humorado de música e “bobagens”, em

que imitam um gaúcho de Porto Alegre, um gaúcho da fronteira, um italiano: o nono Ernesto, um fanho; entre esses, um alemão chamado Seu Haníbal, que se caracteriza, principalmente, por transformar o –AM em final de verbos em –EM. Embora esteja presente na fala de outras etnias, como evidenciou a pesquisa realizada com treze alunos da 8ª série de Paraíso/SC, na ocasião da análise dos dados de Missal/PR. Em função disso, ela acredita que não deva ser associado ao alemão, sem mais estudos, principalmente efetuados em comunidades de descendentes de alemães, bem como em comunidade de descendentes de italianos e em outras sem contexto bilíngüe. Conclui que é possível afirmar que –EM parece ser característico de contextos bilíngües/multilíngües, principalmente, na fala de pessoas com baixa escolaridade, podendo ser resultante de flexão verbal mal adquirida.

Como há estudos que mostram a concordância verbal sendo adquirida, outros, eliminada do português popular, ou mesmo estável, há ainda aqueles que associam a falta de concordância com mudanças no sistema pronominal brasileiro, em função da oscilação na marca de pessoa, bem como a concorrência de muitas formas variantes.

Entre os autores que associam a falta de concordância verbal com as alterações sofridas no sistema pronominal brasileiro contemporâneo, está Vandresen (2000, p. 235), o qual afirma que tais alterações podem ter ocorrido em função da variante inovadora *tu fez*, bem como da introdução de *a gente* no lugar de *nós*, vejamos na citação abaixo:

O surgimento da variante inovadora “tu fez” pode estar ligado a um quadro mais geral do português popular brasileiro de redução no sistema de flexão verbal e outras alterações no sistema pronominal, como, por exemplo, “a gente” substituindo “nós”. Assim, em formas verbais, com menor saliência fônica pode haver oposição somente entre 1ª pessoa singular e as demais:

eu compro
 tu compra
 ele (a), você, a gente compra
 nós compra ~ compremo
 eles, vocês ~ compro

Em outra parte do artigo, Vandresen (2000, p. 236) afirma também que é comum a forma *eles falaro* em vez de *falaram*: “O “s” de 2ª pessoa singular: tu vais x tu vai é tão afetado quanto o “s” de “mos” em “nós vamo” ou a semivogal nasal da 3ª pessoa do plural: eles [fa ˈlaro] em vez de “falaram”.

Em relação ao sistema pronominal, José Lemos Monteiro (1994) afirma que sérias modificações estão ocorrendo no quadro das pessoas gramaticais do português brasileiro. Ele acrescenta que, em vez de *tu* e *vós* — formas registradas pelas gramáticas — empregamos comumente *você* e *vocês*. Monteiro (1994, p. 36) propõe o seguinte esquema de conjugação:

eu cantava

você cantava
 ele cantava
 nós cantávamos
 vocês cantavam
 eles cantavam

Com base nesse esquema, percebemos que, para o autor, a substituição de *vós* por *vocês* já é uma realidade. Salieta que uma simplificação maior está em curso no sistema pronominal do português brasileiro — a substituição de *nós* por a *gente* —, mas diz ser cedo para afirmar que o pronome *nós* repetirá o destino de *vós*. Conclui dizendo que, com essas modificações, os pronomes pessoais estão cada vez menos redundantes, já que somente a eles cabe a indicação da categoria de pessoa. Bagno (2000) deixa entrever que também pensa assim quando diz que houve uma simplificação das conjugações verbais. Este acrescenta que pesquisadores dos falares regionais e não-padrão têm verificado, de norte a sul do Brasil, uma tendência generalizada de reduzir as seis formas do verbo a duas.

Português padrão	Português não-padrão
eu AMO	eu AMO
tu AMAS	tu/você AMA
ele/ela AMA	ele AMA
nós AMAMOS	nós/gente AMA
vós AMAIS	vocês AMA
Eles AMAM	eles AMA (BAGNO, 2000, p. 66).

Como podemos observar, as conjugações verbais, no português não-padrão, são mais enxutas, ou seja, não apresentam excesso de marcas para indicar um único fenômeno, no caso dos verbos, o pronome-sujeito designa a pessoa verbal. Bagno (2000) explica a existência de uma forma para *eu*, pelo fato de as pessoas, individualmente, quererem distinguir-se das demais.

Concluindo esta subseção, salientamos que embora tenhamos discutido tanto trabalhos que mostram a aquisição da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, quanto os que enfocam a perda, ou ainda a instabilidade no sistema, nossa tese é de que marcas de concordância verbal no português popular brasileiro estão sendo adquiridas. E é também importante frisarmos que discutimos estudos realizados com base em amostras distintas: urbanas, rurais, rurbanas, de comunidades quilombolas, de comunidades bilíngües, amostras estratificadas e outras não. A grande maioria dessas pesquisas apresentam resultados que evidenciam a aquisição de marcas de concordância verbal, apesar de seus autores, nem sempre, defenderem essa ideia.

A fim de reafirmarmos nossa ideia de crença na aquisição de marcas de concordância no português popular brasileiro, gostaríamos de citar Guy e Zilles (2008), que defendem essa tese com veemência, argumentando que existem evidências no tempo real e no tempo aparente que provam que está havendo uma assimilação para a linguagem standard, ou seja, padrão. Nesse artigo, os pesquisadores apresentam evidências retiradas de estudos realizados com base no português urbano, rural, rurbano, e de comunidades remanescentes de quilombolas, todos eles apontam para esta direção: aquisição de marcas de concordância verbal de terceira pessoa do plural. Conforme Guy e Zilles (2008), as características do português brasileiro, que eram distintivas, estão cedendo à pressão da padronização. Os autores também fazem referência às grandes mudanças sociais ocorridas no país, relativas à urbanização, à industrialização, ao avanço das classes populares na educação e literatura, à intensa migração interna brasileira, e à melhoria no transporte e comunicação. Segundo eles, esses fatores têm facilitado a rápida assimilação da variedade dominante do português pelos falantes de outras variedades linguísticas.

Na subseção que segue, comentaremos, em linhas gerais, o estudo da concordância verbal de segunda pessoa do singular, já que no capítulo de *Descrição e Análise dos Resultados*, comparamos nossos resultados aos desse estudo, também realizado com base no Banco de Dados VarX de Pelotas.

2.2 CONCORDÂNCIA VERBAL DE 2ª PESSOA DO SINGULAR EM PELOTAS

Amaral (2003) propôs a análise da concordância verbal de 2ª pessoa do singular com base nas entrevistas dos 90 informantes que compõem o VarX – Banco de Dados Sociolinguísticos Variáveis por Classe Social de Pelotas/RS –, estratificados conforme gênero (45 são do gênero masculino e 45 do feminino); classe social (30 são da classe média alta, 30 da classe média baixa, e 30 da classe baixa); e faixa etária (30 da faixa etária entre 16 e 25 anos, 30 da faixa etária entre 26 e 49 anos e 30 da faixa etária com mais de 50 anos). Seus resultados demonstram que a concordância verbal de 2ª pessoa do singular é variável, e que devido a um alto índice de preenchimento do sujeito com forma pronominal de 2ª pessoa do singular, há uma regularização do paradigma verbal em curso cuja direção seria a redução do número de desinências número pessoais. Além disso, seus resultados apontam para a perda de concordância nessa pessoa verbal, em que as mulheres resistem mais ao processo de apagamento da marca em relação aos homens.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, constam os procedimentos metodológicos que norteiam esta tese. Inicialmente, descreveremos como foi estruturado o Banco de Dados Sociolingüísticos Variáveis por Classe Social – VarX – que serviu de corpus para a realização da tese. Na seqüência, apresentaremos o modelo de análise utilizado para a efetivação deste estudo, bem como, trataremos da amostra, dos grupos de variáveis que foram propostos para a análise da concordância verbal de 3ª pessoa do plural em Pelotas, acompanhados das hipóteses e dos procedimentos utilizados.

3.1 BANCO DE DADOS SOCIOLINGÜÍSTICOS VARIÁVEIS POR CLASSE SOCIAL - VarX

Conforme Amaral (2003), o Banco de Dados Sociolingüísticos Variáveis por Classe Social – VarX – nasceu por sua iniciativa, em 2000, como fundamental para a elaboração da sua tese, visto que a sua intenção era dar um tratamento diferenciado às variáveis sociais e não havia nenhum banco de dados que tivesse feito isso. Para a constituição do banco de dados, contou com as colaborações da bolsista Giane Jucosi, (hoje, professora), e do colega da UFPel, Professor Paulo Borges, o qual integrou-se ao VarX, no final de 2000.

Esse banco de dados é constituído por uma amostra de 90 informantes, dos quais, 45 são do gênero masculino e 45 do feminino, 30 da classe social 1, 30 da classe social 2, e 30 da classe social 3; 30 da faixa etária entre 16 e 25 anos, 30 da faixa etária entre 26 e 49 anos e 30 da faixa etária com mais de 50 anos. Vejamos, na tabela abaixo, a distribuição desses informantes, conforme as dimensões sociais.

Tabela 1 - Distribuição dos informantes pelas dimensões sociais ‘gênero’, ‘classe social’ e ‘faixa etária’ no VarX (Pelotas)

Dimensão	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Total
Gênero	45	45		90
Classe social	30	30	30	90
Faixa etária	30	30	30	90

Fonte: Amaral (2003, p. 65).

Para a definição de classes sociais, Amaral (2003) frisa que, concomitantemente, procurou incluir informações acerca de aspectos econômicos, profissionais e escolares dos entrevistados. Quanto aos aspectos econômicos foram controlados, inicialmente, com base na localização da residência dos informantes: arrabalde (área limite entre zona urbana e rural), periferia (área entre o centro e o arrabalde da cidade) e centro de Pelotas. Ainda para controlar os aspectos econômicos, ele considerou importante que a casa do informante correspondesse ao padrão médio das outras de sua região, bem como saber quais bens pessoais (automóvel, telefone, etc.) possuía, assim como sua renda familiar, além de verificar se os hábitos de consumo (roupas e alimentos) estavam em conformidade com sua classe.

A fim de avaliar os aspectos profissionais, Amaral (2003) definiu critérios de ocupação: manual, técnica ou intelectual. Ele descreve como manual toda a atividade de execução de trabalho rotineiro (como a dos pedreiros, merendeiras, etc.); como técnica, a atividade de ‘organização’ de um trabalho (a dos bancários, mestres de obras, etc.); como intelectual, toda a atividade de ‘planejamento complexo’ de um trabalho (a dos advogados, médicos, etc.).

No Banco de Dados VarX, conforme Amaral (2003), há três escolaridades: a escolaridade 1, que compreende indivíduos com ensino fundamental, incluindo analfabetos; na escolaridade 2, constam os informantes com ensino médio ou os que estão por concluí-lo; na escolaridade 3, há os informantes com curso superior ou no final da graduação.

3.2 COLETA DE DADOS DO BANCO DE DADOS SOCIOLINGÜÍSTICOS VARIÁVEIS POR CLASSE SOCIAL - VARX

Para a seleção dos informantes pelo VarX, foram observados alguns critérios, segundo Amaral (2003):

- Ser natural de Pelotas, ou seja, nascido lá;
- Residir, pelo menos, há dez anos na cidade em questão, no caso de ter morado fora dessa localidade, a fim de evitar que outras variedades linguísticas influenciassem nos dados do Banco de Dados VarX;
- Pertencer a um dos três grupos escolares: ao ensino fundamental, com até a 5ª série, preferencialmente; ao ensino médio, no caso de ter completado tal nível ou freqüentando a 3ª série; ao curso superior, tendo concluído ou por concluí-lo (neste grupo,

conforme o pesquisador, há informantes com pós-graduação, os quais teriam sido admitidos, porque, no primeiro grupo, foram entrevistados um analfabeto e dois semi-analfabetos);

- Ser de uma das três faixas etárias, quais sejam: da 1ª, com 30 informantes com idades entre 16 e 25 anos, dos quais, quinze têm idades variáveis de 16 a 20 anos e quinze de 21 a 25 anos; da 2ª, com trinta indivíduos de 26 e 49 anos, divididos entre os que têm 26 e 37 anos e entre os de 38 e 49 anos; e da terceira faixa, com 30 indivíduos de mais de 50 anos, sendo quinze de 50 e 64 anos e quinze com mais de 65 anos;

- Ter como língua materna o português, admitindo, todavia, pessoas cuja língua materna fosse a variedade do pomerano¹ falado em Pelotas, desde que tivessem aprendido português pelotense na escola, a partir dos sete anos;

- Ter aprendido como variedade materna uma das quatro: (1) pelotense popular urbano; (2) pelotense urbano com prestígio social; (3) pelotense popular com traços do pomerano; (4) pelotense popular rural;

- Ser brasileiro nato. Amaral (2003) frisa que não foi controlada a variável etnia para a formação do VarX, nem há como determinar se algum entrevistado é branco ou negro, por exemplo.

No tocante aos dados de fala, Amaral (2003, p. 71) caracteriza-os como “[...] um conjunto de gravações da fala de indivíduos pelotenses em situação semi-informal. Isso significa que os dados foram coletados na residência do informante ou, raramente, em outro lugar indicado por ele”. Acrescenta que a gravação era feita no segundo ou terceiro encontro, sendo que, no primeiro, a entrevistadora estabelecia um contato com o informante, o qual, geralmente, pertencia ao círculo de conhecidos dela, quando também definia as condições para a entrevista. Após serem realizadas as gravações, o pesquisador afirma que foram submetidas a uma avaliação da qualidade técnica, substituindo as rejeitadas. Quanto aos procedimentos observados, Amaral (2003, p. 71-72) declara:

Primeiramente, houve a gravação de entrevista com narrativas em fita cassete, pelo período que varia entre 30 e 60 minutos, feitas em aparelho portátil e com microfone de lapela. Após, foi feita a transferência para o computador e a digitalização da gravação em formato *wave*. O terceiro procedimento foi providenciar a compactação em formato *mp3*. Este foi seguido da audição e do ajustamento do arquivo de áudio. Um quinto momento foi o da gravação em CD-Rom das entrevistas. Esses

¹ Amaral (2003) afirma que essa situação é cada vez mais rara, salientando que, todavia, ainda há indivíduos do arrabalde e da periferia que aprenderam o português somente na escola, embora não tenha sido controlada a quantia exata de informantes do Banco de Dados VarX que se enquadrem nesse contexto.

procedimentos asseguram a disponibilização das entrevistas para pesquisa linguística.

Com base na citação acima, podemos observar que as entrevistas foram submetidas a rigorosos procedimentos, a fim de serem guardadas de forma adequada. No ano de 2007, essas entrevistas estavam sendo transcritas por alunos bolsistas da Universidade Federal de Pelotas – UFPel – trabalho esse que ainda não foi concluído.

3.3 O *CORPUS*

No ano de 2006, fomos apresentados ao Banco de Dados Sociolingüísticos Variáveis por Classe Social – VarX, por intermédio do professor Luís Isaías Centeno do Amaral², seu idealizador e um dos coordenadores desse Banco de Dados³. Na ocasião, tivemos acesso aos CDs das 90 entrevistas que o compõem e materiais com informações acerca desse Banco de Dados, sua estruturação, coleta de dados, informações sociais dos entrevistados, mapas, etc.

Conforme já salientado anteriormente, a transcrição das 90 entrevistas do Banco de Dados VarX está em curso, mas nos anos de 2006 e 2007, encontrava-se em fase inicial e pudemos contar com a transcrição das seguintes entrevistas: 4, 19, 34, 49⁴. Tivemos, igualmente, acesso à transcrição dos contextos de 3ª pessoa do plural da colega de pesquisa Giane dos Santos Jucoski⁵ (2007), que também estudou a 3ª pessoa do plural com base no mesmo banco de dados, embora com uma amostra de 24 informantes estratificadas por gênero, faixa etária e classe social. Algumas das nossas transcrições, especificamente 11 entrevistas, foram aleatoriamente escolhidas, a fim de que essa colega conferisse nossa transcrição.

² Professor e pesquisador da Universidade Federal de Pelotas.

³ A coordenação é exercida em conjunto com o professor Paulo da Silveira Borges³, também professor e pesquisador da Universidade Federal de Pelotas.

⁴ A transcrição das entrevistas não é fonética, e está sendo realizada por acadêmicos bolsistas da Universidade Federal de Pelotas/RS.

⁵ Giane dos Santos Jucoski foi convidada por Amaral para ser a executora das entrevistas, em 2000. Anteriormente, em 1999, ela fora sua bolsista de Iniciação Científica no Banco de Dados Sociolingüísticos da Fronteira e da Campanha Sul-rio-grandense – BDS Pampa (UFPel e UCPel).

3.4 A AMOSTRA

Para o estudo da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, com base no Banco de Dados VarX, procedemos à análise das 90 entrevistas que o compõem. Vejamos, na ilustração abaixo, a distribuição desses informantes estratificados por faixa etária, gênero e classe social.

Faixa etária	Gênero	Classe baixa	Classe média baixa	Classe média alta
16-20	F	3	6	9
16-20	F	2	7	12
16-20	F	----	---	15
16-20	F	---	----	14
16-20	M	1	11	13
16-20	M	5	8	---
16-20	M	4	10	---
21-25	F	17	21	
21-25	F	18	---	30
21-25	F	---	22	---
21-25	F	---	24	---
21-25	M	---	---	27
21-25	M	19	23	29
21-25	M	16	---	25
21-25	M	20	---	28
21-25	M		---	26
26-37	F	33	36	39
26-37	F	32	37	45
26-37	F	---	42	43
26-37	M	31	41	44
26-37	M	34	38	---
26-37	M	35	40	---
38-49	F	48	53	60
38-49	F	47	57	---
38-49	F	---	49	---
38-49	F	---	51	---
38-49	M	46	52	58
38-49	M	50	56	59
38-49	M	---	54	---

38-49	M	---	55	---
50-64	F	62	66	72
50-64	F	63	67	75
50-64	F	---	69	74
50-64	M	61	71	68
50-64	M	64	---	73
50-64	M	65	---	70
+65	F	77	82	81
+65	F	78	84	87
+65	F	---	---	90
+65	M	76	83	89
+65	M	79	---	88
+65	M	80	---	85
+65	M	86	---	---
TOTAL	---	30	30	30

Quadro 1 - Quadro da distribuição geral dos 90 informantes do Banco de Dados VarX de Pelotas

No quadro 1, estão caracterizados os informantes, com indicação de seu código (1 a 90), sua faixa etária, se são homens ou mulheres, classe social (inclui informações, como: ‘ocupação/profissão’, ‘renda/patrimônio’ e ‘escolaridade’).

3.5 OS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Nesta tese, o estudo dos dados lingüísticos segue o modelo da teoria da variação lingüística de Labov. Essa teoria dispõe de um modelo estatístico aplicável ao estudo da linguagem e é capaz de apurar a relevância tanto de fatores lingüísticos quanto sociais na aplicação de uma determinada regra variável na linguagem. Acerca das regras que guiam a linguagem, Naro (2003, p. 12) esclarece que há condições ou regras categóricas que fazem com que o falante use categoricamente determinadas formas (os cachorros) e não (cachorros os), da mesma maneira, “[...] existem condições ou regras variáveis que funcionam para favorecer ou desfavorecer, variavelmente e com pesos específicos, o uso de uma ou outra das formas variáveis em cada contexto”.

Quanto aos modelos estatísticos usados neste estudo, utilizamos o Varbrul e o SPSS, os quais permitem análises estatísticas extremamente complexas. Do programa Varbrul, usamos os seguintes programas: Make3000.ex e Varb2000.exe. O primeiro desses programas é responsável pela preparação das células para a análise linguística no Varb2000; enquanto o segundo seleciona os grupos de fatores relevantes para a análise. O uso desses programas, todavia, exige a preparação dos dados, em um formulário, no Microsoft Access. Amaral (2003, p. 85), falando das vantagens da criação do formulário no Microsoft Access, explica:

[...] com verificação instantânea de erros de codificação, e sirvam para análise estatística (por exemplo SPSS). O Access produz um arquivo de dados corrigidos, bastando apenas criar o arquivo de condições e rodar o make3000 para a criação do arquivo de células.

A ilustração abaixo exemplifica o formulário criado para análise da concordância verbal de 3ª pessoa do plural em Pelotas/RS, com base nas entrevistas dos 90 informantes estratificados do Banco de Dados VarX.

Ilustração 1 - Modelo de formulário para codificação das ocorrências

3.6 ENVELOPE DE VARIAÇÃO

O envelope de variação, a ser apresentado na seqüência, foi proposto com o objetivo de permitir uma análise acurada dos fatores envolvidos no fenômeno de concordância verbal de 3ª pessoa do plural. Esses grupos foram elaborados tomando por base

o que a literatura acerca do assunto já observou como sendo relevante para explicar a variação da concordância verbal de 3ª pessoa do plural. São onze os grupos por nós propostos para essa análise, incluindo a variável dependente e as independentes. Apresentaremos, nas subseções a seguir, a variável dependente e as independentes, acompanhadas das hipóteses para cada uma delas.

3.6.1 A variável dependente

Em Pelotas, a realização da concordância verbal de 3ª pessoa do plural é variável. Na fala de pessoas cultas, em geral, é comum o segmento vocálico dessa pessoa corresponder a ditongos nasais decrescentes – pertencentes a formas padrão e/ou formas não-padrão –, que são marcados pela nasalidade final; na fala popular, por sua vez, é corriqueiro esse ditongo nasal final não ser produzido, dito de outra forma, os verbos de 3ª pessoa do plural costumam aparecer sem desinência de número e pessoa.

Assim, a fim de que pudéssemos avaliar o fenômeno da variação da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, tornou-se necessário que nossa variável dependente apresentasse oito fatores, para que, dessa forma, contemplássemos todas as variantes. Vejamos:

0 – sem concordância [∅] – forma não-padrão “Aí é as fazendas de tratamento pra drogado” (VarX 19, cód. 4493);

2 – com concordância padrão, presença de ditongo nasal tônico final [ãw] (falarão, vão, são, estão): “Agora estão mantendo a casa da seguinte maneira” (VarX 75, cód. 3329);

3 – com concordância padrão, presença de ditongo nasal átono final [êy] (comprem, comprarem, falem, falassem): “Estudem só sobre a matéria” (VarX 37, cód. 4642);

4 – com concordância padrão: presença de ditongo nasal átono final [ãw] (falaram, falaram, escrevam): “Começam à meia noite” (VarX 53, cód. 2804);

5 – com concordância não-padrão, realização do ditongo nasal átono [ãw] como [ũ] (falarum): “Eles já entraram nessa coca-cola multi-nacional” (VarX 30, cód. 986);

6 – com concordância não-padrão, realização do ditongo nasal átono [ãw] como [u] (falaru): “E aí vieru faze o teste”. (VarX 38, cód. 2543);

7 – com concordância não-padrão, realização do ditongo nasal átono [êy] como [îy] (estudim): “Como se fossim irmãos”. (VarX 38, cód. 2571);

8 – com concordância não-padrão, realização do ditongo nasal átono [êy] como [i] sem nasalização (fazi): “Elas fazi excursão. (VarX 1, cód. 1555).

Salientamos que ao procedermos à rodada geral: Com concordância versus sem concordância, amalgamamos os fatores 2 a 8, contrapondo-os ao fator 0 (zero), a fim de obtermos a distribuição geral de emprego de concordância verbal de terceira pessoa em Pelotas, com base no Banco de Dados VarX.

3.6.2 Variáveis Linguísticas

Elencamos oito grupos de variáveis linguísticas para análise da concordância verbal de 3ª pessoa do plural. A escolha por essas variáveis e não por outras teve como critério o que a literatura acerca do assunto tem discutido e considerado importante para explicar a variação nessa pessoa verbal. Vejamos esses grupos de fatores nas subseções que seguem.

3.6.2.1 Tempos verbais

Tal variável foi incluída, no estudo, por estar diretamente associada à saliência fônica, já que os tempos verbais cujas formas são mais marcadas morfologicamente favorecem a concordância verbal de 3ª pessoa do plural. O estudo de Zilles, Maya e Silva (2000) observou que, nos tempos verbais mais raros na fala, como nos do subjuntivo, é maior a ocorrência de marcas de plural no verbo. Outra pesquisadora que apresentou resultados interessantes acerca de ‘tempo verbal’ foi Almeida (2006). Segundo ela, os tempos verbais do modo indicativo são os mais propícios para o emprego da marca de 3ª pessoa do plural. O presente do indicativo obteve 83% e peso relativo de 0,50 de emprego de desinências de terceira pessoa do plural; 90% para o pretérito perfeito e peso relativo de 0,52; a amalgamação do pretérito imperfeito + futuro do pretérito com 79% e peso relativo de 0,60.

Observamos que os resultados supracitados nem sempre apontam para a mesma direção. Mas nossa expectativa é que os tempos verbais do indicativo favoreçam o emprego de formas da 3ª pessoa do plural, mas essa marca pode ser padrão ou não-padrão; enquanto os do subjuntivo as desfavoreceriam, em função da saliência fônica, já que nesse modo verbal, predominam formas pouco salientes, e sendo o subjuntivo menos difundido na fala, poderá

fazer com que o informante do Banco de Dados VarX apresente mais dificuldades em produzi-lo conforme a forma padrão.

Previmos os seguintes tempos verbais:

p - Presente do indicativo

d - Pretérito perfeito do indicativo

i - Pretérito imperfeito do indicativo

f - Futuro do presente do indicativo

g - Futuro do pretérito do indicativo

s - Presente do subjuntivo

h - Imperfeito do subjuntivo

t - Futuro do subjuntivo

o - Infinitivo pessoal

3.6.2.2 Traço humano do sujeito

Optamos por incluir na análise o fator traço humano do sujeito tendo em vista que outros estudos já demonstraram a pertinência desse grupo de fatores. Entre esses estudos, citamos o de Coelho et al. (2006), acerca do estatuto das construções inacusativas no português brasileiro. Quanto aos efeitos do grupo de fatores “animacidade de SN” sobre a ordem VS, os resultados mostram que o SN pós-verbal tem maior probabilidade de aparecer quando os sintagmas apresentam os traços [-animado] selecionados por verbos inacusativos. Coelho et al. (2006, p. 221) concluem que:

[...] podemos afirmar que há uma forte correspondência entre ordem VS, natureza do verbo e traços negativos de animacidade do SN: quando o argumento interno de um verbo inacusativo é marcado por traços [-animado], diminui o número de ocorrências de ordem direta (SV) e aumenta o número de ocorrências de ordem inversa (VS); quando é marcado por traços [+animado] aumenta o número de sintagmas pré-verbais e diminui o número de sintagmas pós-verbais.

No tocante às possibilidades de concordância verbal na terceira pessoa do plural, os pesquisadores afirmam que a frequência de uso mostra que verbos inacusativos são contextos de restrição à marcação de plural, principalmente no caso de o SN surgir posposto e marcado com traços negativos de animacidade.

A par dessas considerações, vejamos abaixo, como formulamos ‘traço humano do sujeito’. A nossa expectativa é que sujeitos humanos favoreçam o emprego da 3ª pessoa do plural, inclusive, com mais formas-padrão em relação aos não-humanos.

h – humano, ex.: “Ele acha que as mulheres que ele anda são propriedade dele”.
(VarX 37, Cód. 4703);

n - não-humano, ex.: “As casa que ficum de frente da Ferreira Veloso pra cá”.
(VarX 46, Cód. 622).

3.6.2.3 Saliência

Lemle e Naro (1977) propuseram uma escala de saliência fônica entre as formas do singular e do plural do verbo. Segundo esse princípio, quanto maior a diferenciação mórfica entre a forma flexionada e a não-flexionada, maior será o grau de marcação da categoria gramatical. Assim, a probabilidade de marcar a concordância verbal é maior nos contextos em que a diferença entre as formas do singular e do plural é mais saliente. Mais tarde, Guy (1981), em sua tese de doutorado, em que analisa a variação linguística do português, atendo-se a aspectos da fonologia, sintaxe faz uma análise da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, com base no mesmo *corpus* de Lemle e Naro (1977). Nesse estudo, acaba discutindo a escala proposta por Naro (1979, apud Guy 1981), testando-a.

Guy (1981) inicia sua investigação com quatro categorias morfológicas, sem os verbos regulares: 1. faz/fazem; 2. dá/dão; 3. pretéritos; 4. é/são. Quanto aos resultados, diz que confirmam a existência da saliência fônica, acrescenta que, na sua concepção, a categoria 1, igual aos verbos regulares, apresenta uma rota independente para o singular, via desnasalização, o que explicaria as baixas frequências e probabilidades de marcas de plural. Todavia diz haver uma clara distinção saliente entre a categoria 2, de um lado, e as categorias 3 e 4, de outro.

Seu próximo passo é dividir a classe dos pretéritos em regulares: *falou/falaram, sumiu/sumiram*; e irregulares: *fez/fizeram, disse/disseram, foi/foram*. Ele acredita que os irregulares sejam mais salientes, embora as frequências e probabilidades de marca de plural não mostrem isso: regulares 81%, e 0,69 de peso relativo; irregulares, 73%, e 0,58 de peso relativo. Esses resultados o fazem questionar se se trataria de um contra-exemplo. Responde que os resultados da reanálise de Naro (1979 apud GUY, 1981) parecem sugerir uma solução a essa aparente contradição, ao mostrar que existe uma significativa diferença entre os pretéritos da 1ª conjugação, em que a oposição singular/plural é (ów/árãw) com os da 2ª e 3ª conjugações, em que a oposição é /éw-érãw, íw-írãw/. Os resultados, para a segunda e terceira conjugações, são: 75% e 0,59 de marca de plural; e para a 1ª conjugação: 82 e 0,68.

O próximo passo de Naro (1979, apud GUY, 1981) foi excluir dos pretéritos irregulares o par: *foi/foram*. Alega que é diferente dos outros pretéritos irregulares, pois não muda a vogal acentuada no plural e tem o que se considera uma vogal temática constante. Aplicando isso a seus dados, Guy (1981) conseguiu um efeito dramático: *foi/foram* tem 61% de concordância verbal, e peso relativo de 0,47; enquanto os outros verbos irregulares, com mudança de vogal acentuada: 83%, e 0,64.

Na análise da saliência fônica, Guy (1981) propôs sete categorias, como podemos ver na seqüência:

Tabela 2 - Seven-Category Saliency Hierarchy for SVA (Regular Verbs Excluded)

Category	% Plural Marked	N	Prob.
1. faz-fazem, etc.	34	672	0,11
2. dá-dão, etc.	64	1211	0,45
3. foi-foram	61	220	0,47
4. sumiu-sumiram, etc.	75	338	0,59
5. falou-falaram, etc.	82	1058	0,68
6. irreg. stress-shifting preterits	83	247	0,64
7. é-são	77	1001	0,67

GUY (1981, p. 258).

No tocante aos resultados, o pesquisador salienta que as categorias 5, 6 e 7 são as mais salientes, morfologicamente, juntas, mas não de forma individual. Por isso, uniu-as, obtendo os seguintes resultados: 1 = 0,15; 2 = 0,51; 3 = 0,55; 4 = 0,63; 5,6 e 7 = 0,71. Como os valores para 3 e 4 são próximos, Guy (1981) testa outra hipótese de Naro, combinando as categorias 3 e 4 em uma categoria morfológica simples, cujas características definidoras são uma desinência singular consistindo de uma vogal acentuada, acrescida do final glide e uma desinência plural, com a mesma vogal acentuada -ram. Guy (1981) confirmou a hipótese de Naro (1979 apud GUY, 1981): não são dois tipos de verbos significativamente distintos.

Na seqüência, ele reincorpora os verbos regulares, cuja pluralidade pode ser obscurecida pela desnasalização. De 7.900 dados, houve marca de plural em 3.436, ou seja, em 43%, marca essa que é distribuída entre as 6 categorias morfológicas, como mostra a tabela 3:

Tabela 3 - Effect of Morphological category on SVA (Regular Verbs included)

Category	% Plural Marked	N	Prob.
1. come-comem, fale-falem etc.	14	894	0,15
2. fala-falam, ia-iam, etc.	26	3161	0,28
3. faz-fazem, quer-querem, etc.	30	481	0,29
4. dá-dão, está-estão, etc.	63	1112	0,69
5. sumiu-sumiram, etc. (incluindo foi-foram)	66	475	0,76
6. é-são, falou-falaram, fez-fizeram, etc.	76	1776	0,84

Fonte: Guy (1981, p. 260).

O autor salienta que esses resultados estão de acordo com os de Naro (1979, apud GUY, 1981), o qual encontrou as seguintes probabilidades para as 6 categorias: 0,11; 0,26; 0,35; 0,68; 0,78; 0,85.

Com respeito às seis categorias, Guy (1981) afirma que Naro dividiu os verbos regulares em 2 categorias: 1. aqueles com vogal temática /e/; 2. aqueles com vogal temática /a/. Explica que a razão para esse procedimento é que os dois tipos de verbo diferem com respeito à saliência fônica, visto que na categoria com vogal /e/, a oposição singular/plural, no dialeto popular, é, usualmente, /i ~ ã/ (e não /i ~ ãĩ/, como é na variedade culta), quanto à última categoria, a oposição é, usualmente, /a ~ ãw/ ou /a ~ ã/. Sobre os resultados, ainda observa que a maior divisão, como Naro já havia salientado, ocorre entre as categorias 1-3, em que todas as desinências são não-acentuadas e 1-4, em que, no mínimo, a desinência do plural (e usualmente, as desinências do singular também) são acentuadas.

Seguimos a escala proposta por Guy (1981, p. 260), na expectativa de que quanto maior a diferenciação mórfica entre a forma flexionada e a não-flexionada, maior será o grau de marcação da categoria gramatical, vejamos abaixo a formulação da variável:

m come-comem, fale-falem, etc. (nasalização sem envolver mudança de qualidade)

b fala/falam, ia-iam, etc. (forma singular em a átono e plural em -am)

g faz/fazem; quer/querem, etc. (diferença consiste numa vogal final átona, possivelmente nasalizada)

t dá/dão; está/estão, etc. (sobreposição de raiz e desinência, com acento)

u sumiu/sumiram – incluindo foi/foram – etc. (formas pretéritas, com uma vogal acentuada mantida em ambas as formas(/i/ ou /e/ mais o sufixo -u no singular, oposto pelo sufixo -ram no plural)

v é/são, falou/falaram, fez/fizeram, etc. (oposição total, ou entre as palavras, ou entre as desinências).

3.6.2.4 Posição do sujeito

Posição do sujeito é uma variável que tem se mostrado pertinente em estudos de concordância verbal, pois há maior probabilidade de aplicação da concordância em contextos em que o sujeito está diretamente adjacente ao verbo.

Essa variável está relacionada à posição do sujeito em relação ao verbo, e à explicitação do sujeito. No caso de o sujeito estar explícito, é preciso saber se anteposto ou posposto ao verbo; estando anteposto, é necessário saber se é contíguo ou não contíguo.

Segundo Lemle e Naro (1977), no caso do sujeito estar fisicamente ausente da sentença, é preciso que o falante faça uma ligação mental entre o verbo e um elemento localizado fora do domínio da integração sintática, em consequência, entrariam em jogo fatores de ordem funcional, os quais aumentariam a concordância para facilitar as ligações extra-sentenciais.

No intuito de analisar se esta variável determina o emprego de desinências verbais de 3ª pessoa do plural, bem como condiciona o uso de formas padrão, foi formulada da seguinte maneira:

l - Sujeito anteposto contíguo - sujeito-verbo, podendo haver clíticos no meio: não, se, me, te, já, ainda: “Mas as outras dizem que sim”. (VarX 53, cód. 2920);

o - Sujeito anteposto não contíguo, existe material entre sujeito e verbo: “As pessoas não vêem assim desse jeito”. (VarX 37, cód. 4700);

j - Sujeito posposto: “Eram 20 novos”. (VarX 82, cód. 5013);

/ - Sujeito não-preenchido = não se aplica: “Fazem realmente por causa do problema da doença mesmo”. (VarX 19, cód. 4476).

3.6.2.5 Tipo de sujeito

Tipo de sujeito é um fator lingüístico incluído, com bastante freqüência, em estudos de concordância verbal na terceira pessoa do plural, desde que Lemle e Naro (1977) observaram maior concordância verbal entre sujeitos plurais explícitos, especificamente, com sujeitos pronomes.

A maior ou menor presença de desinência no verbo tem a ver com a posição em que o sujeito aparece em relação ao verbo, pois, como foi proposto por Zilles, Maya, Silva (2000), os sujeitos à direita do verbo, como no caso do SN ser pleno ou pronome indefinido, os quais tendem a aparecer nessa posição, favorecem a não-marcação da concordância; enquanto os pronomes pessoais e demonstrativos, bem como SN + pronome relativo ‘que’ favorecem a marcação de plural nos verbos.

A nossa hipótese, com relação aos fatores propostos para esta variável, é de que os distintos fatores afetam a realização da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, conforme a posição que costumam exercer na frase. A fim de testar essa hipótese, formulamos a variável da forma como segue:

k - Sujeito preenchido SN, ex: “Absurdo que grande parte dos estudantes de universidades serem branco”. (VarX 11, cód. 3908);

t - Sujeito preenchido pronome reto, ex: “E eles foram”. (VarX 43, cód. 760);

u - Sujeito preenchido pronome indefinido, ex: todos, alguns, uns, outros, muitos, poucos, certos, etc: “Mas as outras dizem que sim”. (VarX 53, cód. 2920);

y - Sujeito preenchido numeral, ex: “Passaram-se 11 meses trabalhando com zero reais no bolso”. (VarX 26, cód. 2306);

8 - Sujeito preenchido pronome relativo, ex: “Que moram no Fragata”. (VarX 42, cód. 3683);

w - Sujeito preenchido pronome demonstrativo - aqueles, estas, essas, os, as, ex.: “A mãe da Miriam e da Carol essas trabalhavam”. (VarX 3, cód. 1697);

c – Sujeito nulo, contexto sem sujeito, mas pode ser recuperado por outro contexto, ex.: “Abrem casa de atendimento eletroeletrônico”. (VarX 59, cód. 1446).

3.6.2.6 Discurso reportado

Zilles e Faraco (2002, p. 16) alertam que os dados dos informantes não podem ser tomados como homogêneos, destacando-se, principalmente, na fala deles, a de voz de outros, ou seja, o discurso reportado ou citado, motivando o emprego diferenciado de variantes. Nas palavras deles, esse discurso “[...] exige um tratamento analítico específico: ele introduz heterogeneidade no dizer do informante, o que pode redundar em ocorrências de fenômenos não propriamente correntes na sua fala, fato que pode interferir nas análises quantitativas”. A par das questões conceituais discutidas pelos autores, Amaral (2002) ressalta a importância de se distinguir *discurso reportado de pessoa próxima*, de *discurso reportado de pessoa não próxima* e *discurso reportado do próprio falante*, ressaltando que esses diferentes discursos afetam a taxa de aplicação do fenômeno estudado. Conforme o pesquisador, no *discurso reportado de pessoa próxima* (pais, irmãos, avós, tios, etc.), em função da convivência, o informante teria mais facilidade para reportar discurso de outrem, reproduzindo a prosódia deste, bem como o estilo característico de cada indivíduo incluído na narrativa; no *discurso reportado de pessoa não-próxima* (cabeleireira, técnico de futebol) diz Amaral (2002), o informante pode deixar-se influenciar pelas características sociais, como: idade, classe social, ocupação, etc. ao reportar a fala de alguém; e em relação ao discurso reportado do próprio falante, Amaral (2002, p. 56) frisa “[...] deve-se verificar se há alteração no padrão de aplicação do fenômeno estudado quando o informante reporta a própria fala em relação à média de aplicação ao longo de sua entrevista”.

Tomando por base a afirmação de Amaral (2002), ou seja, de que ocorreriam mais marcas de concordância verbal no estilo mais próximo do formal ou a relações assimétricas, nossa hipótese para esta variável é que haverá diferenças de aplicação da concordância verbal de 3ª pessoa do plural nos distintos discursos reportados, inclusive, determinando a opção por formas padrão ou não-padrão. Por isso, optamos por avaliar o efeito dos tipos de discurso reportado, conforme aparecem na seqüência:

i – Discurso indireto – no excerto que segue, a informante fala de sua operação de catarata, reportando, de forma indireta, a fala dos médicos, ex: “Eles disseram que tem jeito tanto esse quanto o outro“. (VarX 87, cód. 5223);

u – Discurso reportado de pessoa não-próxima pode ser exemplificado com a frase de uma funcionária de um colégio de Pelotas, que relata o coro das pessoas que estavam em um ônibus de Porto Alegre e tiveram que pará-lo em função da passeata dos servidores

públicos de Pelotas, entre os quais, ela estava. A multidão gritava: “Saem daqui, vão trabalhar, cambada de desocupados!” (VarX 47, cód. 543-544);

r – Discurso reportado de pessoa próxima pode ser exemplificado com um trecho em que a informante reporta a fala da mãe de uma amiga, em uma ocasião em que a informante e uma amiga resolveram sair às escondidas: “As gurias estão aí? Oh, Maria? Disse pra mãe. E a mãe disse não, então ela disse: só pode que estão lá”. (VarX 24, cód. 221);

y – Discurso reportado do próprio falante – o excerto que exemplifica esse discurso apresenta a informante lendo um trecho do livro escrito por ela, com predomínio da língua culta, ex: “A singeleza do trabalho, a humildade da expressão dos personagens, a pobreza do material usado retratam muito bem a vida dos pequenos artistas”. (VarX 74, cód. 305);

l – Discurso indireto livre pode ser exemplificado com um excerto em que a informante comenta sobre a época em que seus parentes quiseram levá-la a um colégio, a fim de lá poder estudar, pensaram em Campinas, mas depois concluíram que era longe: “[...] é muito longe, ela nunca saiu de casa, se ela chora, é muito longe pra ir buscar”. (VarX 84, cód. 5086);

/ – não se aplica (não reportado).

3.6.2.7 Assunto

A relevância do fator assunto, em pesquisas acerca da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, parece ainda não ter sido avaliada, mas tal fator foi incluído por Amaral (2003), em seu estudo sobre a segunda pessoa do singular, embora não tenha sido selecionado como relevante pelo programa estatístico. O pesquisador defende a ideia de que, em observações assistemáticas, assuntos relacionados à escola ou a bens culturais valorizados pelas classes mais altas (teatro, artes plásticas, literatura, etc.) impulsionam o surgimento de estilos mais formais, nos quais, haveria maiores taxas de concordância.

Dessa forma, ao elaborarmos esta variável, tínhamos em mente que haveria mais marcas de concordância verbal, quando o assunto estivesse relacionado à escola, a trabalho intelectual/manual – mesmo que a função exercida pelo informante seja manual, porque ele, provavelmente, dar-se-á conta de que se trata de uma ocasião mais formal, em que se costuma usar uma linguagem mais elaborada; acreditamos que ocorrerá o contrário com tópicos relacionados à família, aos amigos. Vejamos a esquematização de assunto:

- m – amigos, ex: “Que que são meus amigos “. (VarX 28, cód. 1092);
- n – escola, ex: “Estudem só sobre a matéria”. (VarX 37, cód. 4642);
- s – família, ex: “E quiriam tirá meu pé”. (VarX 61, cód. 1321);
- g – trabalho manual, ex: “As portas tão abertas pra ti”. (VarX 62, cód. 4157);
- t – trabalho intelectual, ex: “E eles foram”. (VarX 43, cód.760);
- o – não se aplica.

3.7 VARIÁVEIS INDEPENDENTES SOCIAIS

Para a análise da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, consideramos as mesmas variáveis estabelecidas no Banco de Dados VarX, ou seja: faixa etária, gênero, classe social. Para o estabelecimento desta, Amaral (2003) considerou, concomitantemente, os critérios de ocupação/profissão, renda/patrimônio e escolaridade. Nas subseções que seguem, veremos a caracterização dessas variáveis, bem como as hipóteses que tivemos ao estabelecê-las.

3.7.1 Faixa etária

Faixa etária é uma variável importante, porque, com base em seus resultados, é possível determinar se a variável em estudo é estável ou se haverá mudança linguística. Os trabalhos cujo interesse é a concordância verbal de 3ª pessoa do plural em contexto linguístico semelhante ao nosso têm demonstrado resultados que apontam para a estabilidade. Barden (2004), cuja pesquisa foi realizada em Porto Alegre, acredita que a variável seja estável, já que os informantes das duas faixas etárias estudadas, ou seja, os mais velhos, com mais de 50 anos e os mais jovens, com idade inferior a 50, apresentaram as mesmas percentagens de emprego de concordância verbal; também Monguilhott (2001), em Florianópolis, deparou-se com variação estável, os informantes mais velhos e os mais novos tendiam a exibir marcas de concordância verbal de 3ª pessoa do plural.

A análise a ser desenvolvida nesta tese será permeada pela discussão de aquisição ou de perda de marcas de 3ª pessoas do plural, e para essa discussão, os resultados de faixa etária são essenciais, pois com base neles, podemos observar como anda o comportamento linguístico das distintas faixas etárias em relação ao aspecto em questão: quais faixas usam

marcas de 3ª pessoa do plural, se essas marcas remetem ao português padrão ou ao não-padrão, quais grupos nasalizam os verbos na terceira pessoa do plural, quais não.

Neste estudo, incluímos as seis faixas etárias propostas por Amaral (2003), ao constituir o Banco de Dados VarX. A variável ficou estabelecida da seguinte forma:

- a – informantes de 16 a 20 anos;
- b – informantes de 21 a 25 anos;
- c – informantes de 26 a 37 anos;
- d – informantes de 38 a 49 anos;
- e – informantes de 50 a 64 anos.
- f – informantes de mais de 65 anos.

3.7.2 Gênero

Uma categoria social importante àquele que propõe um estudo sociolinguístico é gênero. Gênero e sexo não são termos sinônimos, como pode parecer num primeiro momento, designam realidades diversas. Sexo, conforme Penelope Eckert (1989), é uma categoria biológica, que serve como base fundamental para a distinção de papéis, normas e expectativas na sociedade. E segundo a autora, são esses papéis, normas e expectativas que constituem gênero, ou seja, é a construção social de sexo.

Sendo gênero uma categoria social, ela interage com outras categorias, principalmente classe social. Acerca da interação entre gênero e classe, Eckert afirma (1989, p. 226):

A primeira conclusão com base nesses dados é que gênero e classe social não são necessariamente variáveis independentes, ao contrário podem interagir de uma maneira significativa. [...] Ou seja, gênero é raramente mais saliente em uma categoria do que em outra.

A autora, no livro intitulado *Linguistic variation as social practice* (2000), afirma que as diferenças linguísticas em relação ao gênero devem ser analisadas em comunidades de prática, conceito introduzido por ela e McConnell-Ginet, em 1992. Eckert (2000, p. 35) define comunidade de prática como:

Uma comunidade é um agregado de pessoas que se juntam em função de algum empreendimento. Unidas por esse empreendimento comum, as pessoas passam a desenvolver formas de fazer as coisas, formas de falar, crenças, valores – resumindo, práticas – como uma função do engajamento mútuo delas na atividade.

Ela acrescenta que comunidade de prática envolve construção de identidades individuais/grupais, nos espaços interacionais, o que implica estudar a variação linguística entre indivíduos que compartilham práticas sociais ligadas ao processo de constituição de suas identidades. Enfim, gênero é uma construção social que ocorre em práticas sociais, que são vinculadas a outras categorias sociais.

Niloofar Haeri (1996, p. 111) chama a atenção para a complexidade da construção social de gênero:

A construção social de gênero com outras categorias é complexa. Este artigo pretende uma exploração preliminar de alguns dos fatores envolvidos na construção social de gênero. Identificar os tipos de pressões que produzem “expressivas posturas” pode ser um passo profundo para o entendimento das diferenças linguísticas baseadas em gênero.

Como a proposta desta tese é verificar a influência de gênero, em Pelotas, bem como o efeito dos outros fatores sociais envolvidos na sua construção, analisamos o efeito da variável gênero em conjunto com as outras variáveis sociais: classe social, faixa etária, sobre a concordância verbal de 3ª pessoa do plural.

Em relação a essa variável, nossa expectativa é que as mulheres usem mais marcas de 3ª pessoa do plural, bem como dêem preferência por formas padrão de marcá-la, já que Amaral (2003) demonstrou que, em Pelotas, o emprego de formas de 2ª pessoa do singular possui prestígio, à medida que são as mulheres de nível social mais alto que mais as utilizam. Fato esse que permite conceber que, na cidade em questão, o gênero feminino valoriza formas de maior prestígio. Mas é preciso verificar em que medida empregar concordância verbal de 3ª pessoa do plural possui prestígio em Pelotas, o que será realizado ao discutirmos os resultados da rodada ‘Concordância padrão *versus* não-padrão’ à luz das hipóteses que temos para essa rodada.

3.7.3 Classe social

Não é possível negar a relação entre linguagem e classe social. Essa relação fica mais saliente em fenômenos que envolvem variação e mudança linguística, conforme tem demonstrado os estudos mais recentes realizados na área da linguagem no contexto social. Mas antes de tratarmos dessa relação, é importante analisarmos como essa categoria, ou seja, classe social, em geral, é analisada, em estudos de variação linguística.

Ash (2002) afirma que classe social, em estudos de variação linguística, tem se revelado produtora, mas falta ainda uma discussão ampla, cujo intuito seja a definição mais criteriosa da variável. Ela alega que os estudiosos, em geral, definem classe social à sua maneira, o que acaba se tornando um problema, já que os critérios usados por um e por outro são distintos, conseqüentemente, fica difícil estabelecer comparações. Para ranquear as pessoas em classes, costumam-se utilizar alguns destes critérios: educação, ocupação, profissão, salário, família, valor da residência, inclusive, no Brasil, um dos critérios usados é a forma como as pessoas falam.

Guy (1987) destaca renda, moradia, ocupação e escolaridade como indicadores de classe social. Ele considera que uma das funções da linguagem é identificar o grupo do falante e sua identidade social. Enquanto Chambers (1995) dá ênfase especial à ocupação, pois, na visão do autor, a ocupação pode revelar indiretamente a escolaridade e a renda da pessoa.

Guy (1987), inicialmente, em seu artigo, fala de duas visões de classe: uma baseada nas concepções de Karl Marx, em que o conflito é o aspecto principal das relações interclasses, outra, a socioeconomista, em que a sociedade estaria dividida em várias classes, conforme o *status* social de cada uma delas, não havendo, portanto, conflitos, enfrentamentos entre classes, somente competição entre indivíduos. Mais adiante, estende essa visão marxista à linguagem, a fim de postular que existe uma motivação social para a mudança linguística, esclarece que a existência de normas não-padrão revelaria a presença de conflito entre classes.

Amaral (2003), para a definição de classe, considerou concomitantemente, critérios, como: ‘ocupação/profissão’, ‘renda/patrimônio’ e ‘escolaridade’. Trataremos dos critérios utilizados pelo autor, ao constituir o Banco de Dados VarX, porque analisamos classe social, conforme proposto por ele, que se amparou em três dimensões: econômica, profissional e educacional.

A fim de medir os efeitos da estruturação econômica, formulou três fatores:

- A – moradores do arrabalde, com renda familiar média aproximada de 450 reais, com pouco patrimônio;
- B – moradores de periferia, com renda familiar média aproximada de 670 reais, com algum patrimônio;
- C – moradores do centro, com renda familiar média de 3850 reais, com muitos bens patrimoniais (AMARAL, 2003, p. 106).

A dimensão profissional foi trabalhada com base no tipo de atividade exercida pelo informante, vejamos quais fatores Amaral (2003, p. 107) incluiu, a fim de avaliá-la:

- M – ocupação manual, com a função de execução de trabalhos braçais em cumprimento a ordens de superiores ou a solicitações de clientes;
- T – ocupação técnica, com a função de organização de tarefas;

I – ocupação intelectual, com a função de planejamento de trabalhos a serem executados por outros.

Quanto à última dimensão, escolaridade, o autor formulou três fatores, os quais mediam tanto o grau de escolaridade atingido pelo informante, bem como seu tempo de permanência na escola. Vejamos:

- 1 – escolaridade fundamental, dos informantes com escolaridade máxima de 8ª série, incluídos os analfabetos e semi-analfabetos;
- 2 – escolaridade média, dos informantes com 2º grau, completo ou não, mas que não frequentaram graduação universitária;
- 3 – escolaridade superior, dos informantes que concluíram ou estejam em vias de conclusão de curso superior (AMARAL, 2003, p. 107).

O autor usou essas dimensões para definir classe social, em Pelotas. E com base nos resultados dessas dimensões, os informantes do Banco de Dados VarX foram ranqueados em:

- Classe baixa,
- Classe média baixa,
- Classe média alta.

Esses foram também os fatores incluídos na nossa variável classe social. Na seção 4, intitulada *Descrição e Análise dos Resultados*, verificaremos em que medida o emprego de desinências da 3ª pessoa do plural, bem como uso de formas padrão ou não padrão, é determinado pela classe social em Pelotas.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresentaremos e discutiremos os resultados sobre o uso de concordância verbal de 3ª pessoa do plural em Pelotas/RS, com base nas entrevistas de 90 informantes do Banco de Dados VarX, conforme descrito no capítulo sobre a metodologia. Inicialmente, faremos uma breve descrição geral dos resultados da rodada com concordância verbal *versus* sem concordância, parte em que ilustraremos as variáveis selecionadas e as não-selecionadas pelo programa Varbrul. Na seqüência, passaremos a discutir os resultados sobre o uso de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, com base em duas hipóteses principais, sendo a primeira:

1. A concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está sendo adquirida gradualmente, no português contemporâneo.

Dividimos essa primeira hipótese em sete sub-hipóteses, porque a análise dos resultados das variáveis relacionadas às sub-hipóteses têm relação com o tipo de variação: estável ou mudança linguística e também por serem discutidas pela literatura sobre o assunto, permitindo, dessa forma, comparações. Vejamos as sub-hipóteses ligadas à primeira, bem como nossa segunda hipótese principal:

1.1 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está associada à escala de saliência fônica, de modo que as formas mais salientes apresentam maior probabilidade de concordância;

1.2 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está associada à classe social (com base na renda, patrimônio, escolaridade e ocupação do informante);

1.3 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está associada ao gênero do informante;

1.4 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada à idade do informante;

1.5 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada à escolaridade do informante;

1.6 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada à posição do sujeito na frase;

1.7 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada ao tipo de discurso reportado, pois com base no que diz Amaral (2002), há mais marcas de concordância verbal no estilo mais próximo do formal ou a relações assimétricas.

2. Em Pelotas/RS, fala-se um português com marca de 3ª pessoa do plural, mas essa marca pode ser padrão ou não-padrão.

A formulação das nossas hipóteses está subordinada à grande discussão que tem movido e dividido os sociolinguistas, que é a seguinte: o português popular brasileiro está adquirindo ou perdendo marcas de concordância verbal?

Nossos resultados mostram indícios de que esteja havendo aquisição de marcas de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, conforme defende Guy (1996), com base na mostra considerada. Esses indícios podem ser observados nas subseções que seguem, na seqüência da análise, em que, inicialmente, descreveremos, de forma breve, os resultados da rodada geral com concordância *versus* sem concordância.

4.1 DESCRIÇÃO GERAL DA RODADA COM CONCORDÂNCIA *VERSUS* SEM CONCORDÂNCIA VERBAL DE 3ª PESSOA DO PLURAL

Na rodada com concordância *versus* sem concordância, a variável dependente foi definida como presença *versus* ausência de marca de 3ª pessoa do plural. Nessa rodada, como já foi dito na metodologia, a variante zero (0) foi contraposta às demais variantes, em outras palavras, as variantes 2 a 8 ficaram amalgamadas e contrapostas ao fator zero. Vejamos contextos retirados do nosso *corpus* que exemplificam essas variantes:

Sem concordância (variante zero [∅]):

“Aí é as fazendas de tratamento pra drogado”, sem concordância, realizado como [∅]. (VarX 19, Cód. 4493);

Com concordância (variantes 2 a 8):

“Agora estão mantendo a casa da seguinte maneira”, Contexto com concordância padrão, presença de ditongo nasal tônico final [ãw]. (VarX 75, Cód. 3329);

“Estudem só sobre a matéria”, Contexto com concordância padrão, presença de ditongo nasal átono final [ẽy]. (VarX 37, Cód. 4642);

“Começam à meia noite”, com concordância padrão: presença de ditongo nasal átono final [ãw]. (VarX 53, Cód. 2804);

“Eles já entrarum nessa coca-cola multi-nacional”, com concordância não-padrão, realização do ditongo nasal átono [ãw] como [ũ] (falarum). (VarX 30, Cód. 986);

“E aí vieru fazê o teste”, com concordância não-padrão, realização do ditongo nasal átono [ãw] como [u] (falaru). (VarX 38, Cód. 2543);

“Como se fossim irmãos”, com concordância não-padrão, realização do ditongo nasal átono [ẽy] como [ĩy] (estudim). (VarX 38, Cód. 2571);

“Elas fazi excursão“, forma não-padrão: /i/ sem nasalização (fazi). (VarX, 76, Cód. 3420). No banco de Dados VarX, encontramos somente quatro contextos com essa variante, os demais contextos são: “Ah eles bati”, “Cidadezinhas pequenas que existi por aí pra cima”, “Eles esqueci (esquecem)”. Esses últimos três contextos distinguem-se do primeiro, pois este apresenta uma forma distinta da singular, que seria “Eles faz”. É até bastante plausível que essa forma tenha sido produzida pelo informante em função do contexto seguinte. Como talvez fosse melhor ter considerado esses casos como sendo sem concordância, acabamos excluindo a variante 8 em algumas rodadas feitas posteriormente e nos cruzamentos.

Essa rodada foi realizada com base em um total de 5.263 contextos de 3ª pessoa do plural, nos quais houve marcas de concordância em 4.317, ou seja, 82%; somente em 945 contextos não ocorreram marcas de concordância, o que perfaz 18%. A ilustração 1, abaixo, elucida esses resultados:

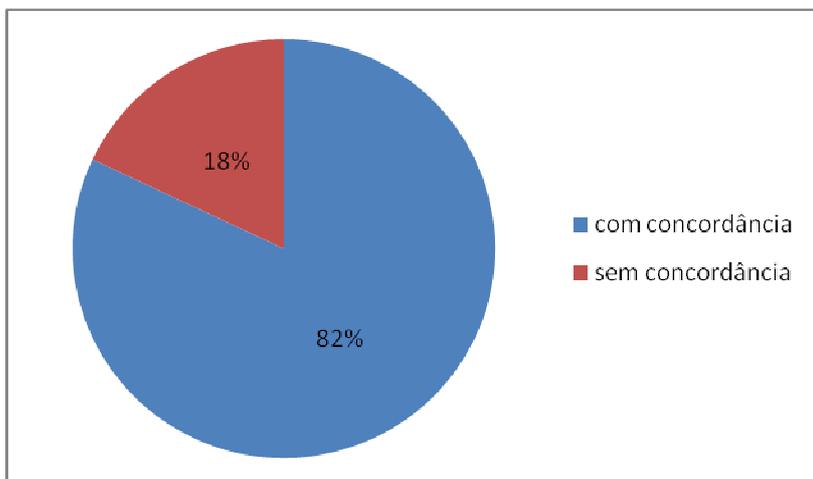


Gráfico 1 - Distribuição geral dos dados variáveis de concordância com a terceira pessoa do plural, VarX, Pelotas, RS

Esse resultado permite inferir que, na cidade de Pelotas, fala-se um português em que há variação de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, mas com predomínio do uso da marca. Falta investigar, todavia, se essa marca é padrão ou não-padrão, última hipótese desta tese, a ser discutida na seção 4.2.1

Nosso percentual de presença de concordância verbal é ligeiramente inferior ao encontrado por Giane Rodrigues dos Santos (2007), que também pesquisou a concordância verbal de 3ª pessoa do plural, com base no Banco de Dados VarX, embora a estratificação da amostra por ela considerada divergisse da nossa. No caso, a pesquisadora tinha como objetivo comparar a distribuição de concordância verbal de 3ª pessoa do plural entre parte de um grupo mais pobre na comunidade de fala com um grupo mais rico, verificando se se tratava de marcador de classe. Com esse objetivo, ela escolheu 24 informantes dos 90, sendo 12 da classe mais pobre possível do Banco de Dados VarX (de um total de 19), e 12 da classe mais rica possível (também de um total de 19). Esses informantes foram estratificados por gênero, faixa etária e classe social. Em seu estudo, houve presença de marca de concordância verbal em 1.193, de um total de 1.314 contextos, perfazendo 91%, contra 119 casos de ausência de marca, perfazendo apenas 9%.

Outro estudo a que o nosso pode ser comparado é o de Monguilhott (2001), realizado com base nas entrevistas de 24 informantes da cidade de Florianópolis, pertencentes ao Banco de Dados do Projeto VARSUL. Seus informantes eram de origem açoriana, estratificados de acordo com as variáveis sociais: sexo/gênero, idade (15 a 24; 25 a 45 e 52 a 76) e escolaridade (4 anos de escolarização e 11 de escolarização). A pesquisadora encontrou percentagens próximas às nossas: 79% de emprego de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, e 21% de uso da variante zero.

Barden (2004), em Porto Alegre, com base na amostra de 24 informantes estratificados conforme sexo/gênero, idade (26-49; 50-65) e nível educacional (ensino fundamental e ensino médio), do Banco de Dados do Projeto Varsul, também obteve percentagens semelhantes às encontradas no VarX em Pelotas, no que se refere ao emprego de concordância verbal de 3ª pessoa do plural: 79% de concordância (sendo 57% de concordância total, 22% de concordância parcial) e 21% de formas sem concordância.

Embora somente tenhamos estabelecido comparações entre os nossos índices de presença de concordância verbal de 3ª pessoa do plural com os de outras comunidades com amostra semelhante à nossa (amostras urbanas de falantes monolíngües), chama atenção o fato de que nossos resultados de Pelotas se assemelham bastante também aos de duas outras localidades que têm a característica de serem bilíngües: a primeira é Missal/PR (comunidade

bilíngüe alemão-português), em que Jung (2000) e Welchen (2006) fizeram uma análise da concordância verbal, encontrando 87% de marcas de concordância verbal e 13% de ausência; e a segunda é uma vila rural do interior do município de Ijuí, no noroeste do Rio Grande do Sul, em que Costa (1990) analisou a fala de descendentes de italiano (bilíngües italiano-português). Esta última pesquisadora não apresenta as percentagens de concordância verbal de 3ª pessoa do plural separadamente das da 2ª pessoa do plural, nem fala da distribuição geral; traz, todavia, os resultados por tempo verbal: presente do indicativo com 95,5% de presença de concordância verbal; pretérito perfeito do indicativo com 98,1%; e imperfeito do indicativo, com 87%. Consideramos que é bem provável que essa semelhança entre os percentuais da nossa amostra com outras amostras bilíngüe alemão-português; italiano-português esteja relacionado à posição do sujeito, visto que a literatura sobre o assunto tem mostrado que com sujeito posposto favorece o apagamento da concordância verbal, independentemente de classe social. Esta questão será mais bem investigada quando analisarmos os resultados da variável *posição do sujeito* ainda nesta subseção.

Em função das altas percentagens de presença de concordância verbal, em Pelotas, iremos aprofundar melhor essa questão, como já foi dito, quando analisarmos a última hipótese (subseção 4.2.1): em Pelotas/RS, fala-se um português com marca de 3ª pessoa do plural, mas essa marca pode ser padrão ou não-padrão. É bem provável que a alta percentagem de presença de concordância verbal esteja associada aos aspectos socioculturais da comunidade, o que será investigado na subseção 4.2.1.

Antes de comentarmos acerca das variáveis selecionadas e das não-selecionadas pelo Varbrul na rodada com concordância *versus* sem concordância, é importante esclarecermos quais fatores excluímos dessa rodada, em função de terem apresentado poucas aplicações de concordância verbal de 3ª pessoa do plural: futuro do presente do indicativo, com duas aplicações e discurso indireto livre, com três.

Na rodada geral, das 10 variáveis estudadas, o programa estatístico considerou relevantes oito variáveis, excluindo duas, como podemos ver no quadro que aparece na sequência:

Grupo de fatores testado	Com significância estatística?
Tempo verbal	Sim
Traço humano do sujeito	Sim
Saliência fônica	Sim
Posição do sujeito	Sim
Tipo de sujeito	Sim
Discurso reportado	Sim
Assunto	Sim
Classe social	Sim
Gênero	Não
Faixa etária	Não

Quadro 2 - Indicação dos grupos de fatores testados na análise da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, com base no Banco de Dados VarX

A tabela que segue permite visualizar o efeito de todas as variáveis sobre a concordância verbal de 3ª pessoa do plural, com base no Banco de Dados VarX, em Pelotas.

Tabela 4 - Aplicação de concordância verbal, segundo todas as variáveis estudadas

Variável	Fatores	Aplicação/ocorrências	Percentual	Peso
Tempo verbal	Futuro do pretérito indicativo	13/15	87	0,60
	Futuro do subjuntivo	18/21	86	0,55
	Pretérito imperfeito indicativo	1520/1947	78	0,53
	Pretérito perfeito do indicativo	1210/1366	89	0,50
	Presente do indicativo	1447/1733	83	0,48
	Futuro do subjuntivo	27/34	79	0,48
	Imperfeito do subjuntivo	34/57	60	0,31
	Infinitivo pessoal	47/88	53	0,17
Traço humano do sujeito	Humano	3654/4197	87	0,55
	Não-humano	664/1066	62	0,30
Saliência fônica	Come-comem, fale-falem etc.	173/240	72	0,30
	Fala-falam, ia-iam, etc.	2044/2580	79	0,40
	Faz-fazem, quer-querem, etc.	188/261	72	0,35
	Dá-dão, está-estão, etc.	325/357	91	0,66
	Sumiu-sumiram, etc. incluindo foi-foram	334/389	86	0,57
	é-são, falou-falaram, fez-fizeram, etc.	1254/1436	87	0,66
Posição do sujeito	Sujeito anteposto contíguo	2427/2798	86	0,58
	SN anteposto não- contíguo	327/405	80	0,51
	SN posposto	558/702	50	0,20
Tipo de sujeito	Sujeito nulo	1194/1346	89	0,58
	Numeral	87/118	74	0,55
	Pronome reto	1327/1483	89	0,53
	Pronome indefinido	141/161	84	0,47
	Pronome relativo	256/295	87	0,44
	Sintagma nominal	1294/1825	71	0,41
	Pronome demonstrativo	19/28	68	0,29
Discurso reportado	Reportado de pessoa não-próxima	17/18	94	0,76
	Discurso indireto	61/63	97	0,52
	Reportado de pessoa próxima	30/33	91	0,42
	Reportado do próprio falante	27/30	90	0,35
Assunto	Trabalho intelectual	331/362	91	0,60
	Trabalho manual	584/719	81	0,55
	Escola	446/550	81	0,48
	Família	889/1076	83	0,46
	Amigos	495/594	83	0,43
Classe social	Média alta	1576/1762	89	0,68
	Média baixa	1984/1605	81	0,46
	Baixa	1517/1137	75	0,32
Gênero*	Mulher	2520/3038	82	0,51
	Homem	1798/2225	80	0,48
Faixa etária*	1= 16-20 anos	778/929	83	0,52
	2= 21-25 anos	579/693	83	0,52
	3= 26-37 anos	709/860	82	0,50
	4= 38-49 anos	871/1099	79	0,45
	5= 50-64 anos	639/774	82	0,50
	6= + 65 anos	742/908	81	0,49

* As variáveis assinaladas com asterisco não foram selecionadas pelo programa Varbrul porque não alcançaram significância estatística. Em ambas, Gênero e Faixa Etária, os percentuais e os pesos são muito semelhantes, sem que qualquer dos fatores se destaque. Note-se que os pesos dos fatores nestas duas variáveis estão todos em torno de 0,50, que é considerado o “ponto neutro”, que não favorece nem desfavorece a aplicação da regra estudada.

Os resultados que constam na tabela 4 serão discutidos nas subseções que seguem, levando-se em conta as hipóteses elencadas na introdução da presente seção: Descrição e análise dos resultados.

4.1.1 Apresentação e discussão dos resultados sobre presença versus ausência de concordância verbal

Em se tratando de uma discussão acerca da variação no uso de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, uma questão fundamental é verificar se há indícios de ela estar sendo adquirida ou perdida no português contemporâneo, por isso, começaremos analisando a primeira hipótese desta tese: A concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está sendo adquirida gradualmente, no português contemporâneo.

Os resultados da rodada geral apontam vários indícios de que, em Pelotas, há aquisição de marcas de terceira pessoa do plural, e esses indícios podem ser observados a partir dos resultados de determinadas variáveis: faixa etária, classe social, gênero, escolaridade, saliência fônica, posição do sujeito, tipo de discurso. Essas variáveis, em princípio, têm importância, porque são discutidas na literatura sobre o assunto, permitindo, portanto comparações, e também em razão do fato de, com base nos resultados da primeira variável, faixa etária, por exemplo, ser possível discutir se determinada variação é estável ou se há mudança linguística na amostra estudada; já a variável saliência fônica possibilita analisar, no caso de constatada a aquisição ou perda de marcas, se o nível de saliência fônica que diferencia as formas da 3ª pessoa do singular e do plural interfere nessa aquisição/perda de marcas; classe social poderá indicar se a variável estudada está difundida em todas as classes sociais, ou se se trata de um marcador de classe; gênero permitirá vislumbrar, quanto ao aspecto em estudo, se existe um dialeto masculino e outro feminino; escolaridade mostrará os efeitos que os distintos níveis escolares exercem sobre o emprego da concordância verbal de terceira pessoa do plural; posição do sujeito esclarecerá a influência da posição do sujeito em relação ao verbo para o uso de desinências verbais de 3ª pessoa do plural; e por último, tipo de discurso poderá elucidar se o fato de ser discurso reportado de pessoa próxima ou não próxima interfere ou não no emprego de desinências verbais de 3ª pessoa do plural. Enfim, o exame detalhado do resultado dessas variáveis contribuirá para a análise da nossa primeira hipótese, bem como das sub-hipóteses subordinadas a ela.

Desse modo, mesmo que faixa etária não tenha sido selecionada pelo Varbrul, damos início à avaliação da hipótese em questão, perguntando: o que os resultados dessa variável permitem afirmar acerca da primeira hipótese? Ao discutir os resultados da variável faixa etária, a fim de avaliar essa hipótese, também já estaremos analisando uma de suas sub-hipóteses, que é: A concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada à idade do informante. Para responder à questão formulada acima, retomamos seus resultados na tabela que segue:

Tabela 5 - Aplicação de concordância verbal, segundo a variável faixa etária

Faixa Etária	Aplicação / total	%	Peso relativo
1- 16-20 anos	778/929	83	0,52
2- 21-25 anos	579/693	83	0,52
3- 26-37 anos	709/860	82	0,50
4- 38-49 anos	871/1099	79	0,45
5- 50-64 anos	639/774	82	0,50
6- + 65 anos	742/908	81	0,49
Total	4318/5263	82	

Esses resultados são distintos dos por nós aguardados, pois não há diferenças significativas entre as faixas etárias mais novas e mais velhas do Banco de Dados VarX. Isso poderia ser interpretado como evidência de que a variação nessa pessoa verbal caracteriza-se como estável, significando que, na variante pelotense, desinências de 3ª pessoa do plural continuarão sendo empregadas por alguns, mas nem sempre, por outros não, mas não deixarão de ser usadas variavelmente ao longo do tempo. Ainda assim, acreditamos que, de alguma forma, existam evidências de que esteja havendo aquisição de marcas, e não perda delas, em função do comportamento lingüístico dos mais jovens: favorecerem levemente a concordância verbal de 3ª pessoa do plural.

A fim de acompanharmos melhor essa tendência na fala pelotense, vejamos os resultados na ilustração que segue:

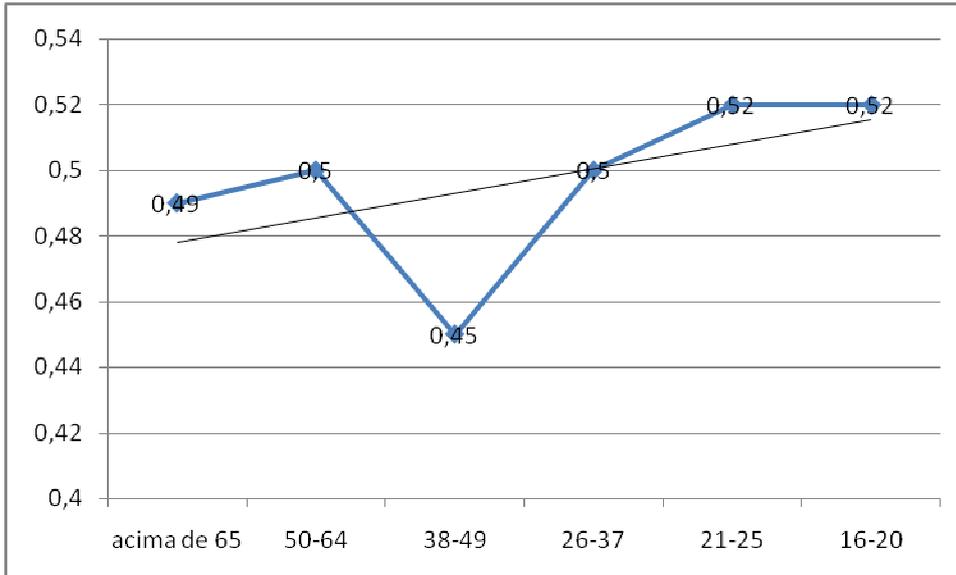


Gráfico 2 - Aplicação de concordância verbal, segundo a variável faixa etária (em pesos)

A tendência marcada pelo gráfico 2 é que são os mais jovens, das duas faixas etárias iniciais, os pelotenses que mais empregam concordância verbal de 3ª pessoa do plural, embora os valores entre todos os fatores sejam bastante próximos em termos de percentagens e pesos relativos, como já foi salientado anteriormente. Aliás, essa é, provavelmente, a razão pela qual a variável não tenha sido selecionada pelo Varbrul. Os informantes de 38-49 anos são os que menos empregam desinências verbais, resultado que não pode ser propriamente visto como destoante do das demais faixas etárias, pois está dentro da margem de erro. Ainda assim, devemos admitir que até o presente momento, não encontramos uma explicação para este comportamento. Entre os indivíduos de 50 a 64 anos de idade, novamente há um aumento na percentagem de emprego de marcas de concordância verbal de 3ª pessoa do plural. Esse aumento praticamente se mantém entre os informantes de mais de 65 anos, mas os pesos são menores do que os dos jovens.

Optamos por fazer amalgamações na variável faixa etária, reduzindo as seis idades para três, o que resultou em: 1 (16-25), 2 (26-49), 3 (50 + acima de 65), a fim de podermos acompanhar melhor a tendência expressa na fala pelotense. Na sequência, procedemos a uma nova rodada, cujos resultados constam no gráfico que segue.

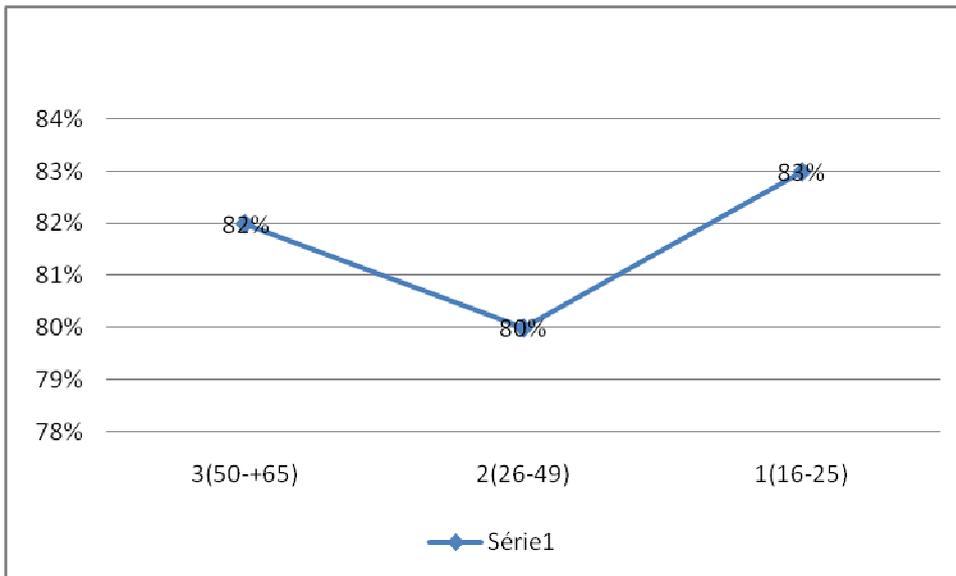


Gráfico 3 - Aplicação de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, segundo a variável faixa etária (em percentuais)

Essa nova rodada, após as amalgamações, confirma os resultados da anterior, novamente a variável faixa etária não foi selecionada como significativa pelo programa estatístico, já que os percentuais de emprego de marca de 3ª pessoa do plural são próximos. Os informantes mais novos empregam mais desinências verbais de 3ª pessoa do plural (83%), seguidos dos da faixa etária mais velha (82%), e por último, aparecem os da faixa etária intermediária (80%). É importante ressaltar que o percentual da faixa etária intermediária é puxado para baixo pelos informantes de 38-49 anos, que são os indivíduos com os mais baixos percentuais de uso de desinências de 3ª pessoa do plural. Até agora não encontramos uma explicação para o comportamento dessa faixa etária, quem sabe pudéssemos achar alguma motivação, no cruzamento entre as variáveis faixa etária e classe social ou faixa etária e gênero, mas com seis faixas etárias, todavia somente procedemos ao cruzamento dessas variáveis com três faixas etárias, portanto, desta forma, não conseguimos localizar o perfil causador desse comportamento destoante: se estaria relacionado, por exemplo, a homens de classe social baixa, etc.

Como vimos acima, os resultados da análise empreendida parecem indicar uma relativa estabilidade no uso de zero nas faixas etárias estudadas, em torno de 18%. No entanto, considerando que a ausência de marca de 3ª pessoa do plural é estigmatizada, particularmente em seqüências sujeito+verbo, pareceu-nos importante investigar possíveis relações entre idade e classe social. Por isso, fizemos o cruzamento das variáveis classe social e faixa etária, para observarmos o emprego de zero, ou seja, verbos sem desinência verbal de

3ª pessoa do plural, ao longo das três faixas etárias estudadas e em função das classes sociais. Vejamos:

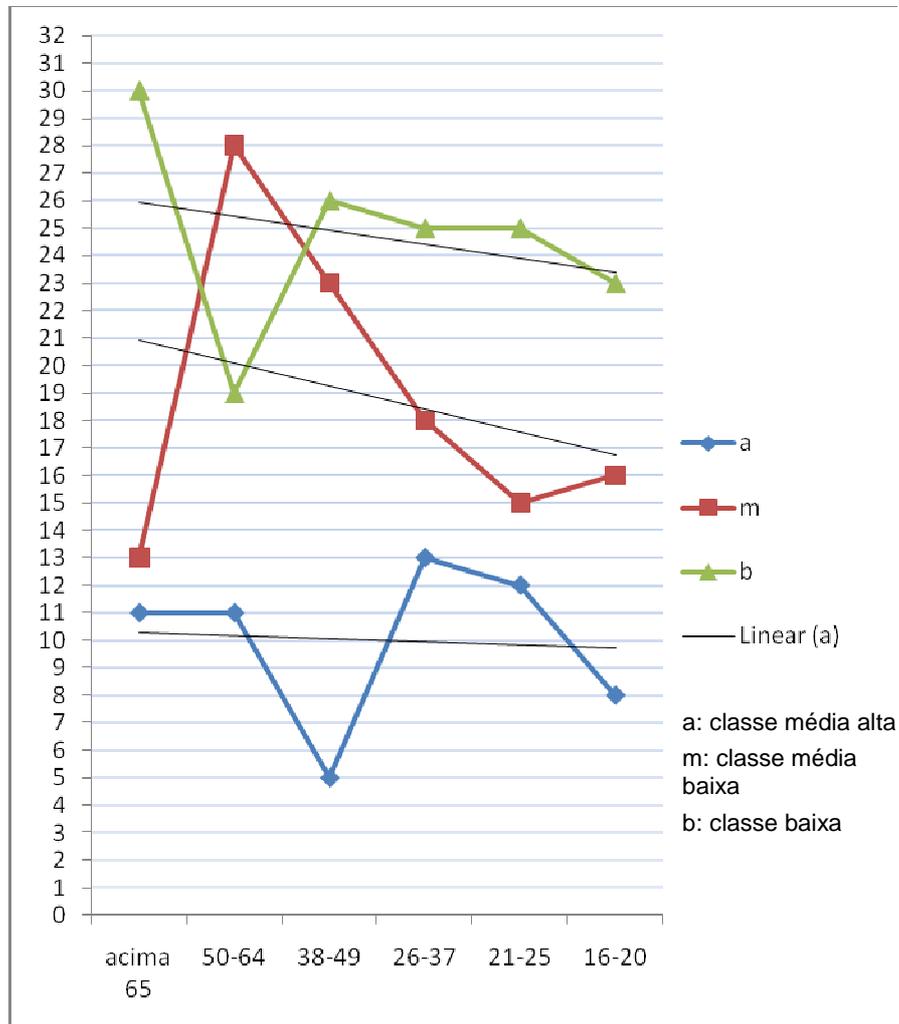


Gráfico 4 - Cruzamento entre as variáveis faixa etária e classe social em relação ao emprego de zero (em percentuais)

Com base nesse gráfico, podemos observar que há uma oscilação em torno de 5% de ausência de marca de 3ª pessoa do plural, em cada classe social, ao longo do tempo. Mas é na classe média baixa que a linha medianizada mostra uma oscilação maior: decréscimo de uso de formas sem desinência na terceira pessoa do plural, à medida que o tempo passa; na classe baixa, essa oscilação é um pouco menor; já na classe média alta, a oscilação é mínima quanto ao emprego de formas zero, nos últimos sessenta anos, além de ficar evidente que é essa classe social a que menos apresenta casos de ausência de desinência. Enfim, o fato de o cruzamento entre as variáveis faixa etária e classe social ilustrar um decréscimo de uso de formas verbais com marca zero, na terceira pessoa do plural, cuja direção é dos informantes

mais velhos para os mais novos, pode ser outro indício de que, em Pelotas, a concordância verbal de 3ª pessoa do plural esteja sendo adquirida gradualmente.

Como consideramos importante saber quem emprega zero em Pelotas, ou seja, quem costuma usar formas na terceira pessoa do plural sem desinências, apresentamos a seguir o resultado do cruzamento entre as variáveis faixa etária e gênero. Esse cruzamento também contribuirá para a discussão da nossa primeira hipótese de que a concordância verbal de 3ª pessoa do plural está sendo adquirida e estaria associada à idade do informante (sub-hipótese relacionada à primeira).

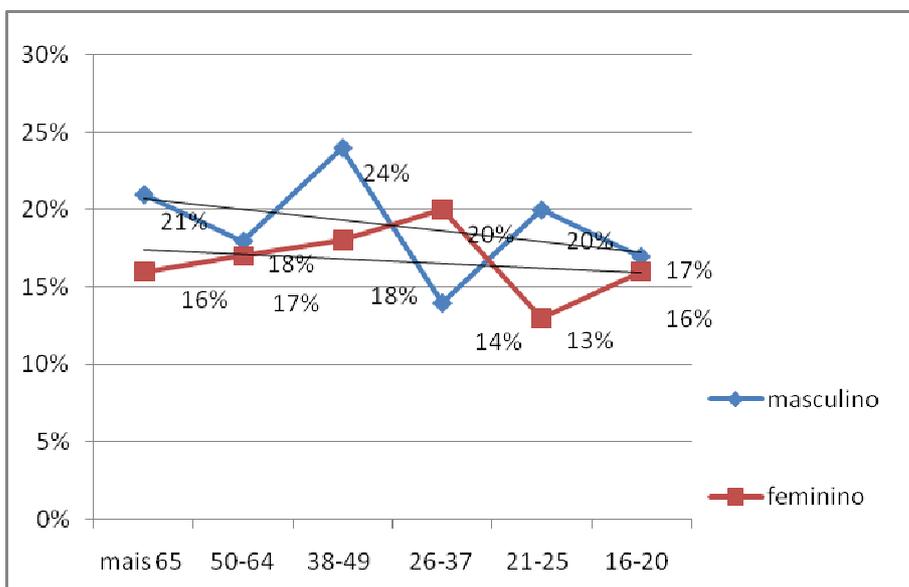


Gráfico 5 - Cruzamento entre as variáveis faixa etária e gênero em relação ao emprego de zero (em percentuais)

De acordo com o gráfico número 5, é possível observar que há uma oscilação pequena na linha medianizada de emprego da forma zero por parte de ambos os gêneros, ao longo do tempo, sendo essa oscilação um pouquinho maior na fala masculina; dizendo de outra forma, entre os homens, o decréscimo de uso da forma zero é um pouco mais visível. Em linhas gerais, esse gráfico parece demonstrar que quanto menos idade, menos homens e mulheres empregam a marca zero em verbos de 3ª pessoa do plural. Inversamente, pode significar que estão, cada vez mais, falando português com marca, nessa pessoa verbal.

O aumento de uso de desinências verbais de 3ª pessoa do plural tem relação com o nível escolar do informante no VarX, em Pelotas, conforme mostra o cruzamento entre as variáveis faixa etária e escolaridade.

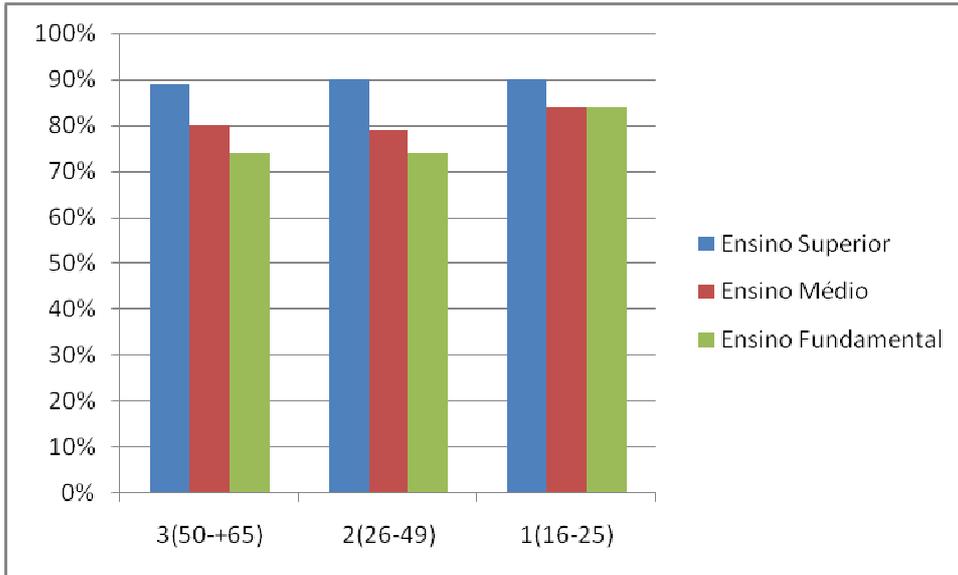


Gráfico 6 - Aplicação de concordância verbal, segundo o cruzamento das variáveis faixa etária e escolaridade (em percentuais)

Com base nesse gráfico, fica visível que houve um aumento gradual de emprego de marcas de 3ª pessoa do plural ao longo do tempo, em Pelotas, em relação a Ensino Médio e Ensino Fundamental, particularmente na faixa etária dos mais jovens. Entre os informantes com nível superior praticamente não há variação, sendo esses os falantes que apresentaram maiores percentagens de emprego de desinências, independentemente de serem padrão ou não-padrão. A relação entre a variável escolaridade e o uso de desinências verbais será aprofundada ainda nesta subseção, na parte em que discutiremos uma de nossas sub-hipóteses relacionadas à variável escolaridade: *a concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada à escolaridade do informante.*

Até este ponto, arrolamos vários indícios relacionados aos resultados da variável faixa etária que apontam para a tese de que a concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, apesar de parecer estável, numa observação mais geral ou superficial, está, de fato, sendo adquirida gradualmente, no português contemporâneo. Em amostras urbanas, os resultados da variável faixa etária têm apontado para variação estável, a exemplo do que ocorre nos trabalhos de Monguilhott (2001) e de Barden (2004), com os quais podemos comparar nossos resultados, já que envolvem amostras urbanas do Projeto Varsul. A pesquisa de Monguilhott (2001) foi realizada em Florianópolis, com informantes estratificados de acordo com as variáveis sociais: gênero, idade (15 a 24; 25 a 45 e 52 a 76) e escolaridade (4 anos de escolarização e 11 de escolarização); a de Barden (2004) foi desenvolvida em Porto

Alegre, com base na amostra de 24 informantes estratificados conforme sexo/gênero, idade (26-49; 50-65) e nível educacional (Ensino Fundamental e Médio).

Vejamos o gráfico 7, em que comparamos nossos resultados aos dessas autoras:

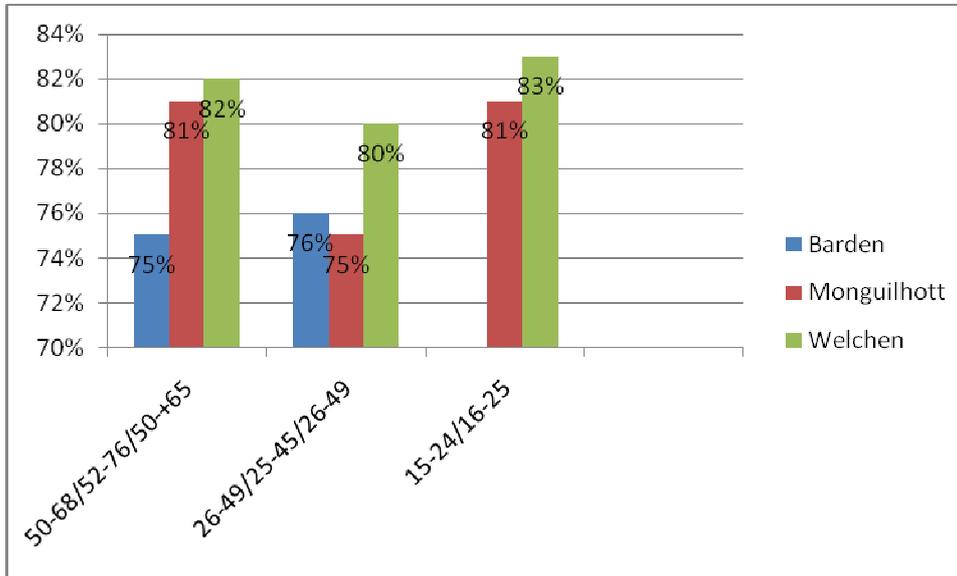


Gráfico 7 - A relação entre a variável faixa etária e uso de concordância verbal de 3ª pessoa do plural em três pesquisas (em percentuais)

O gráfico permite visualizar que, independentemente de idade, os informantes do VarX, em Pelotas, apresentam os mais altos percentuais de emprego de desinências verbais de 3ª pessoa do plural, em relação aos de Porto Alegre e aos de Florianópolis, embora haja pouca diferença entre os percentuais de uso de marcas de uma faixa etária para outra em todas as cidades, o que leva a suspeitar de que a marcação da concordância verbal de 3ª pessoa do plural possa ser estável, mas, especificamente, no VarX, em Pelotas, com indícios de aquisição, como já demonstrado, a par dos cruzamentos com a variável faixa etária.

Nossos resultados destoam dos encontrados por Amaral (2003), no estudo da concordância verbal de 2ª pessoa do singular, também realizado com base nas noventa entrevistas do Banco de Dados VarX. Na rodada com três faixas etárias, Amaral (2003, p. 130-131) evidenciou que as pessoas mais velhas aplicam maiores taxas de concordância verbal de 2ª pessoa do singular (13% e peso relativo de 0,64), enquanto as entre 26 e 49 (8% e peso relativo de 0,54), e os mais jovens aplicam as menores taxas de concordância (3% e peso relativo igual a 0,36). Esses resultados levaram o autor a concluir que, em relação à segunda pessoa do singular, há uma mudança linguística quase completada, no sentido de perda da desinência de 2ª pessoa; porém há, também, focos de resistência à mudança, destacando-se

como centrais nessa resistência as mulheres de classe média alta, conforme pode ser visto em Amaral (2003, p. 154). No caso da 3ª pessoa do plural, não há sinais de mudança na direção de perda da marca, a variação parece estável, mas acreditamos que haja indícios de aquisição de marcas, como já explicitado.

Daremos continuidade à discussão da primeira hipótese, iniciando a análise de uma sub-hipótese relacionada a ela, já citada no início da seção 5, que é: *A concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está associada à escala de saliência fônica, de modo que as formas mais salientes apresentam maior probabilidade de concordância*. Nesse intuito, avaliaremos, na seqüência, os resultados da variável saliência fônica, a fim de observarmos se há uma relação entre presença/aquisição de desinências de concordância verbal de 3ª pessoa do plural e a gradação das formas, segundo a sua saliência.

Embora a escala de saliência fônica tenha sido proposta por Lemle e Naro (1977), pensando em perda da concordância verbal no português popular brasileiro, concordamos com Guy (1996), para quem essa escala representa graus de facilidade de aquisição, e não de perda. Devemos lembrar que os dois trabalhos discutiram resultados ligados a falantes que então freqüentavam o MOBREAL, portanto, pessoas adultas com pouca ou nenhuma escolaridade anterior. Nossa amostra é muito mais complexa em termos de estratificação social e, entre os falantes da classe social alta, a variação é bem menor do que entre os falantes das demais classes.

A fim de avaliarmos o papel da escala de saliência fônica, inicialmente, retomaremos os resultados dessa variável, antes apresentados na Tabela 4. Como já explicamos anteriormente, a saliência fônica foi selecionada como estatisticamente significativa pelo programa Varbrul, e seus resultados evidenciam que a hierarquia de saliência fônica, conforme proposta por Lemle e Naro (1977), aprimorada por Naro (1981), e por Guy (1981) praticamente é sustentada pelos dados do Banco de Dados VarX:

Tabela 6 - Aplicação de concordância verbal, segundo variável Saliência fônica

Níveis de saliência fônica	Aplicação / Total	%	Peso Relativo
come-comem, fale-falem, etc. (m)	173/240	72	0,30
fala-falam, ia-iam, etc. (b)	2044/2580	79	0,40
faz-fazem, quer-querem, etc (g)	188/261	72	0,35
dá-dão, está-estão, etc. (t)	325/357	91	0,66
sumiu-sumiram, etc. – incluindo foi-foram – (u)	334/389	86	0,57
é-são, falou-falaram, fez-fizeram, etc. (v)	1254/1436	87	0,66
Total	4318/5263	82	

Essa tabela mostra que os verbos das categorias m (come-comem, fale-falem), b (fala-falam, ia-iam), g (faz-fazem, quer-querem) – cujas oposições são as menos salientes –, são também os que apresentam frequências e pesos relativos mais baixos de concordância verbal de 3ª pessoa do plural. Todos eles inibem o uso de desinências dessa pessoa verbal. Os verbos das categorias m (come-comem, fale-falem), e g (faz-fazem, quer-querem) trazem frequências iguais: 72%, mas pesos relativos distintos, isto é, 0,30 e 0,35 respectivamente; já os da categoria b aparecem com frequência de 79% e peso relativo de 0,40. Para que pudéssemos afirmar que a escala de saliência fônica é sustentada pelos nossos dados, seria necessário que os verbos da categoria g (faz-fazem, quer-querem) apresentassem frequência e peso relativo maiores em relação aos da categoria b (fala-falam, ia-iam). Talvez isso não tenha ocorrido, porque os da categoria g (faz-fazem, quer-querem) ocorrem em número bem menor nas entrevistas de Pelotas em relação aos da b (fala-falam, ia-iam).

Os verbos das categorias restantes: t (dá-dão, está-estão), u (sumiu-sumiram incluindo foi-foram), v (é-são, falou-falaram, fez-fizeram) favorecem o emprego da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, apresentando altas frequências, 91%, 86%, 87% e pesos relativos de 0,66, 0,57, 0,66 respectivamente. Trata-se de verbos cujas oposições são as mais salientes. Porém, novamente, houve uma inversão quanto às frequências e pesos de verbos de duas categorias, uma vez que os verbos de t (dá/dão, está/estão) mostraram-se mais propensos ao emprego da concordância verbal de 3ª pessoa do plural do que os de u (sumiu/sumiram, incluindo foi/foram). Gostaríamos de salientar, contudo, que os números de ocorrências totais dos fatores são equilibrados, de modo que o resultado inesperado não está

relacionado com problema amostral. Além disso, havia a expectativa de que os verbos da última categoria apresentassem percentagem e peso relativo maiores em relação aos outros dois, visto que se localizam na oposição mais saliente, o que não aconteceu.

Os resultados são novamente retomados na figura que segue, com intuito de facilitar sua visualização e posterior compreensão.

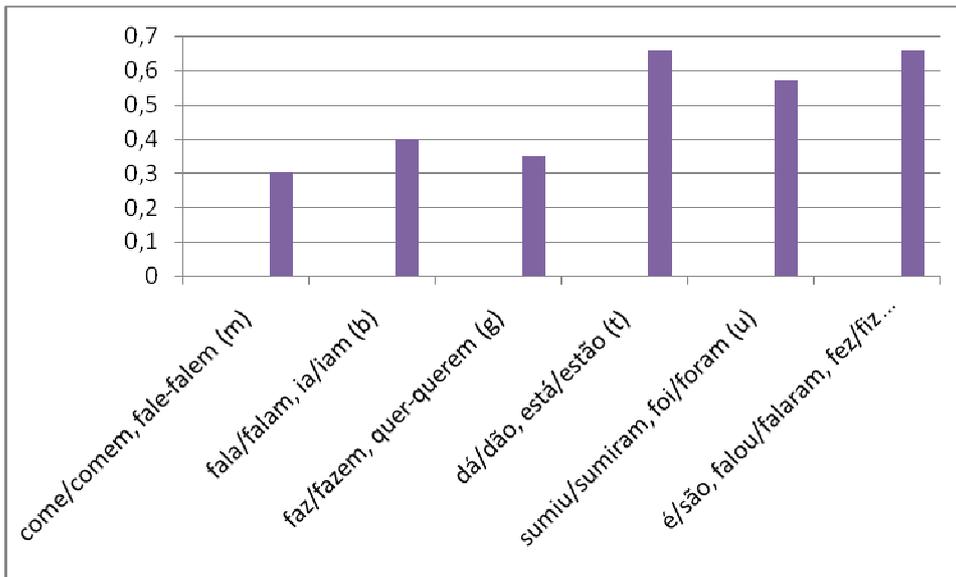


Gráfico 8 - Aplicação de concordância verbal, segundo a variável saliência fônica (em pesos)

Na sequência, ilustraremos os resultados do cruzamento de saliência fônica e faixa etária, a fim de podermos analisar a hipótese e sub-hipótese supracitadas, ou seja, de que a concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está sendo adquirida gradualmente, no português contemporâneo, no sentido das formas mais salientes para as menos salientes.

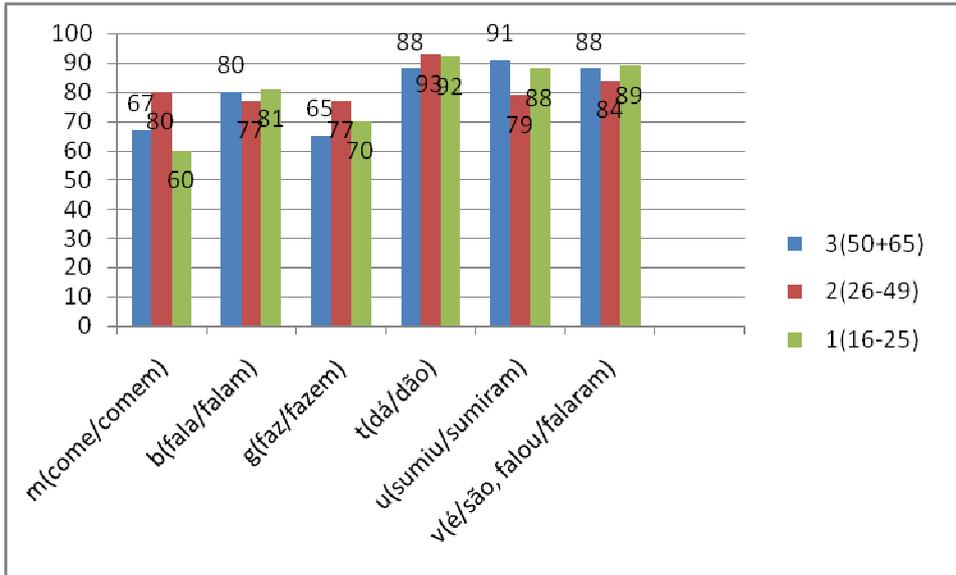


Gráfico 9 - Aplicação de concordância verbal, segundo o cruzamento das variáveis saliência fônica e faixa etária (em percentuais)

A par desse gráfico, podemos observar que há uma pequena oscilação de emprego de desinências verbais de 3ª pessoa do plural entre as distintas faixas etárias nos diferentes níveis de saliência fônica: ora uma faixa etária, ora outra utiliza mais desinências verbais de 3ª pessoa do plural. No nível m (come-comem, fale-falem), são os informantes da faixa intermediária que concordam mais o verbo ao sujeito em relação às demais; no nível b, são os mais novos que usam mais marcas de 3ª pessoa do plural; no nível g e t, são novamente os informantes da faixa etária intermediária que empregam mais desinências de 3ª pessoa do plural; no nível u, são os mais velhos que empregam mais desinências; e no último, são os mais novos que utilizam mais marcas de 3ª pessoa do plural.

A fim de compararmos os resultados dessa variável aos de outras pesquisas, na tabela 7, optamos por apresentar um panorama com os resultados de saliência fônica em distintos estudos acerca da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, mesmo que realizados com amostras diversas da nossa: o de Lemle e Naro (1977) no Rio de Janeiro, com falantes semi-analfabetos; o de Guy (1981), também com informantes semi-analfabetos do Rio de Janeiro; o de Jung (2000), com informantes bilíngües de alemão-português em Missal/PR, entre os quais havia indivíduos de 0 a 4 anos de escolarização, de 5 a 8 anos de escolarização,

de 9 a 11 anos de escolarização/⁶ e mais de 11 anos de escolarização; o de Monguilhott (2001), com falantes escolarizados; o de Resende (2006) com nativos de Conceição de Ipitipoca/MG com indivíduos sem escolaridade, de 1 a 4 anos de escolaridade, de 5 a 8 anos de escolaridade e de 9 a 11 anos de escolaridade; o de Almeida (2006), com remanescentes de quilombos em São Miguel dos Pretos⁷ e os falantes do Banco de Dados VarX de Pelotas.

Tabela 7 - A relação entre ‘Saliência fônica’ e o uso da concordância verbal de 3ª pessoa do plural em distintas pesquisas: percentuais e pesos relativos

Nível	Exemplo	Rio de janeiro (Lemle; Naro (1977))		Rio de Janeiro (Guy, 1981)		Missal (Jung, 2000)		Conceição de Ibitipoca/MG (Resende (2006))		Florianópolis (Monguilhott, 2001)		São Miguel dos Pretos, (Almeida (2006))		Pelotas (Welchen, 2009)	
		%	Peso	%	Peso	%	Peso	%	Peso	%	Peso	%	Peso	%	peso
1	Fale/falem – Come/comem	14	0,06	14	0,15	80 ⁸	0,34	28	0,36	25	0,02	34	0,08	72	0,30
2	fala/falam – ia/iam	30	0,17	26	0,28	-	-	25	0,37	80	0,46	81	0,38	79	0,40
3	faz/fazem – quer/querem	43	0,27	30	0,29	92	0,55	31	0,34	66	0,13	41	0,15	72	0,35
4	dá/dão – está/estão	65	0,58	63	0,69	95	0,68	42	0,69	96	0,88	87	0,57	91	0,66
5	falou/falaram – comeu/comeram	81 ⁹	0,80	66 ¹⁰	0,76	93	0,61	37 ¹¹	0,66	83 ¹²	0,65	89	0,64	86 ¹³	0,57
6	fez/fizeram – teve/tiveram	88	0,83	14 ⁷⁶	0,84	96 ¹⁵	0,81	43 ¹⁶	0,76	90 ¹⁷	0,75	98	0,90	18 ⁸⁷	0,66
7	é/são	82	0,81	-	-	-	-	-	-	-	-	91	0,73	-	-

⁶ Quanto ao nível escolar, há um viés na amostra, pois os informantes não foram devidamente distribuídos por idade e escolaridade por ocasião da delimitação da amostra.

⁷ A variável escolaridade não foi controlada, porque a pesquisadora não teve acesso a essa informação em tempo hábil.

⁸ A pesquisadora pôs no nível 1 as oposições come/comem; fala/falam.

⁹ Os pesquisadores não incluíram no nível 5 a oposição foi/foram, ficou sozinha: 72% - 0,69.

¹⁰ O pesquisador incluiu falou/falaram no nível 6, juntamente com as oposições é/são, fez, fizeram.

¹¹ A autora incluiu, neste nível, oposições com acréscimos de segmento sem mudança vocálica na forma plural.

¹² As autoras, neste nível, inseriram as oposições com acréscimos de segmento sem mudança vocálica na forma plural.

¹³ Incluímos falou/falaram no nível 6, juntamente com as oposições é/são, fez, fizeram

¹⁴ Nesses resultados, estão incluídos os das oposições é/são.

¹⁵ Jung (2000) incluiu, neste nível, a oposição é/são.

¹⁶ Nesses resultados, estão incluídos os das oposições é/são.

¹⁷ Nesses resultados, estão incluídos os das oposições é/são.

¹⁸ Nesses resultados, estão incluídos os das oposições é/são.

Analisando atentamente esses resultados, chamamos a atenção para o fato de que a escala de saliência, conforme a proposta de Lemle e Naro (1977), somente parece atuar em dois estudos, ou seja, no dos próprios autores, e no de Guy (1981). Embora a hierarquia não funcione da forma como foi proposta, realmente é perceptível que nos níveis de 1 a 3, em que as oposições entre os verbos são menos salientes, a probabilidade de haver concordância verbal de 3ª pessoa do plural é menor. Já a partir do nível 4, aumentam, sensivelmente, as percentagens e pesos relativos de concordância verbal, já que as oposições entre os verbos passam a ser mais salientes, apesar de nos níveis 4 a 6, com base na nossa amostra, ter apresentado valores distintos dos esperados, já que o nível 5 deveria ter apresentado percentuais e peso relativo maiores do que os do nível 4, e o nível 6 ter apresentado percentuais e peso relativo maiores em relação ao nível 5.

Fica difícil afirmar que os resultados da variável saliência fônica indicam aquisição de desinências verbais de terceira pessoa do plural, em função do emprego bastante próximo de marcas de concordância entre os indivíduos de distintas faixas etárias da amostra, nos diferentes níveis de saliência fônica. Todavia parece haver uma relação entre presença de concordância verbal e a gradação das formas, segundo a sua saliência, pois, em linhas gerais, aumenta o uso de desinências, conforme o grau de saliência fônica.

Dando continuidade à discussão dos resultados, analisaremos outra sub-hipótese relacionada à primeira hipótese: *A concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está associada à classe social (com base na renda, patrimônio, escolaridade e ocupação do informante).*

Em se tratando da variável classe social, é importante relembramos que, para a sua definição no Banco de Dados VarX, como já foi salientado na seção 4 intitulada *Procedimentos metodológicos*, Amaral (2003) considerou concomitantemente critérios como: ‘ocupação/profissão’, ‘zona de residência’ e ‘escolaridade’. E ao estudar a concordância verbal de 2ª pessoa do singular, ‘zona de residência’ (inclui renda e patrimônio) foi o indicador que melhor representou a concepção de classe social em Pelotas. Já no estudo da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, o indicador escolhido pelo programa foi ‘escolaridade’, vejamos os resultados expressos no gráfico 10.

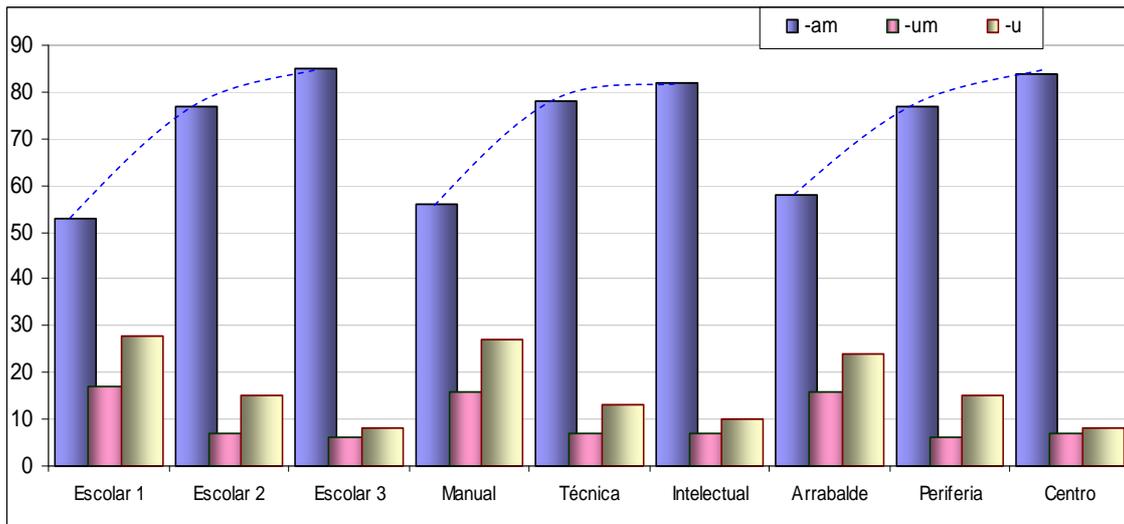


Gráfico 10 - Importância dos componentes 'zona de residência', 'escolaridade' e 'ocupação' para a definição de classe social no VarX – Pelotas (em percentuais)

Com base no gráfico 10, podemos observar que para o emprego da variável dependente –am, que abrange todos os verbos terminados em -am (brincam), -ao (são), -em (fazem), a escolaridade é determinante e se sobrepõe aos demais indicadores sociais (ocupação e zona de residência), de modo a diminuir o surgimento das demais variáveis não-padrão: -um (brincum), -u (brincu). São, conseqüentemente, os informantes da amostra que residem no centro, com maior escolaridade e ocupação intelectual da amostra que mais usam desinências padrão de 3ª pessoa do plural.

Classe social foi a única variável social considerada estatisticamente relevante na rodada com concordância versus sem concordância verbal de 3ª pessoa do plural. Seus resultados dão indícios de que a presença de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, com base no Banco de Dados VarX, em Pelotas, está associada à classe social, conforme poderemos observar na tabela que segue.

Tabela 8 - Aplicação de concordância, segundo a variável classe social

Classe social	Aplicação / total	%	Peso relativo
Média alta (a)	1576 / 1762	89	0,68
Média baixa (m)	1984 / 1605	81	0,46
Baixa (b)	1517 / 1137	75	0,32
Total	5263 / 4318	82	

Essa tabela ilustra que, em Pelotas, a classe média alta, com percentagem de 89% e peso relativo de 0,68, favorece o emprego da concordância verbal de terceira pessoa do plural, enquanto as demais classes: média baixa e baixa inibem o uso de desinências dessa forma verbal. Mas convém chamar atenção do fato de que os percentuais entre as classes média alta e média baixa são relativamente próximos, respectivamente, 89% e 81%. Esses resultados podem ser mais bem visualizados na ilustração que segue.

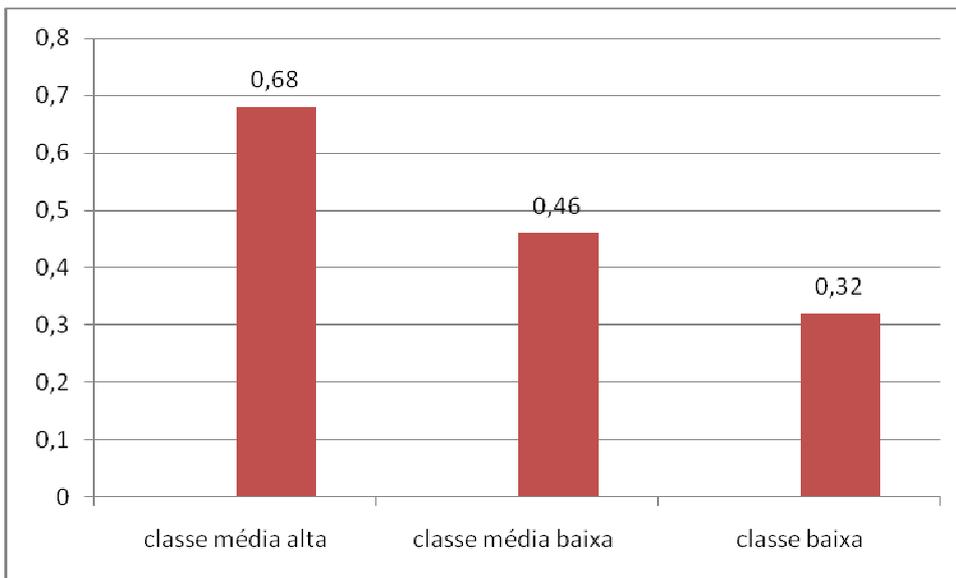


Gráfico 11 - Aplicação de concordância verbal, segundo variável classe social (em pesos)

Da mesma forma como ocorre com a concordância verbal de 2ª pessoa do singular, conforme relatado por Amaral (2003), parece haver um forte indício de que também a concordância verbal de 3ª pessoa do plural seja vista pela comunidade pelotense como algo digno de prestígio, pois quanto mais alta a classe social do informante, mais emprega marcas de concordância verbal da pessoa em questão.

Os resultados da variável classe social mantêm a mesma direção apontada por Santos (2007), que todavia não incluiu, em sua pesquisa, os informantes da classe média baixa. Ela observou que a ausência de marca de concordância é maior na classe baixa, apesar de as percentagens de emprego de concordância entre as duas classes serem próximas (93% para a classe média alta, e 88% para a classe baixa), mas a pesquisadora encontrou pesos relativos bastante diversos de uma classe para outra: a classe média alta favorece o emprego da concordância verbal (0,62); enquanto a classe baixa a inibe (0,36). Seus resultados, portanto, são muito semelhantes aos nossos.

Não há razão em apresentarmos o cruzamento entre as variáveis classe social e faixa etária, uma vez que os resultados desse cruzamento já foram apresentados e discutidos anteriormente, no gráfico 6, em que constam os resultados do cruzamento entre as variáveis faixa etária e escolaridade, dado que o indicador 'escolaridade' representa classe social neste estudo. Mas, em linhas gerais, é importante ressaltar que esse cruzamento demonstra um comportamento lingüístico bastante próximo entre uma classe e outra nas distintas faixas etárias quanto ao emprego de desinências de terceira pessoa plural. Nas três faixas etárias, são os informantes da classe média alta que utilizam mais formas de 3ª pessoa do plural, seguidos dos da classe média baixa, e por último aparecem os da classe baixa.

Cruzando classe social e gênero, obtivemos o seguinte resultado expresso no gráfico 14, conforme podemos visualizar na sequência.

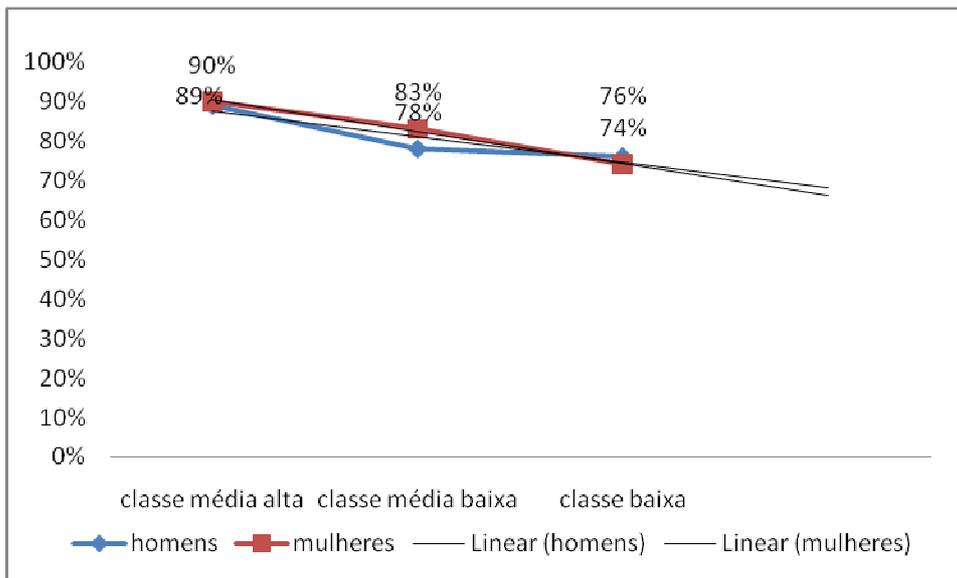


Gráfico 12 - Aplicação de concordância verbal, segundo o cruzamento das variáveis classe social e gênero (em percentuais)

Com base nesse gráfico, podemos observar que as linhas de tendência feminina e masculina, nas diferentes classes sociais, praticamente se sobrepõem, pois os percentuais de ambos os gêneros, nas distintas classes sociais, é muito próximo. As mulheres das classes médias aplicam mais desinências verbais de 3ª pessoa do plural em relação ao gênero masculino, mas na classe baixa, a relação entre os percentuais se inverte, são os homens que usam maiores percentuais de emprego de formas de concordância verbal.

No estudo de Amaral (2003, p. 154-155), em todas as classes, as mulheres utilizavam mais marcas de concordância verbal em relação aos homens, e sobretudo nas

classes médias, o padrão de concordância masculino se aproximava mais do feminino, o que levou o autor a concluir que o comportamento de ambos os gêneros nas distintas classes sociais poderia ser um indício de que haveria uma distinção meramente cultural entre homens e mulheres, principalmente na classe baixa.

Fica difícil estabelecer mais comparações com outros estudos acerca do assunto, porque a variável classe social ainda tem sido pouco estudada em pesquisas sociolinguísticas, também porque alguns pesquisadores, para a definição de classe social, na constituição da sua amostra, basearam-se em um único critério: escolaridade. Mas atualmente a importância da variável classe social já foi atestada e critérios para sua definição estão sendo estabelecidos, a exemplo de como procedeu Amaral (2003), que é um dos precursores nessa área, ao definir classe social, tomando por base renda, patrimônio, escolaridade e ocupação do informante.

Como pudemos observar no decorrer da discussão dos resultados de classe social, a concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, em linhas gerais, está associada à classe social, pois é favorecida pela classe média alta e inibida pelas demais. O que esses resultados permitem afirmar acerca da nossa primeira hipótese, ou seja, de que a concordância verbal, nessa cidade, estaria sendo adquirida? Se tomarmos por base Labov (1982), para quem, em um cenário em que os indivíduos da classe social mais alta e de maior nível de escolaridade exibem os mais altos percentuais de emprego de formas de prestígio em relação aos da classe média baixa, que, por sua vez, apresentam maior uso de formas padrão se comparados à classe baixa, há indícios de variação estável, então, provavelmente, no VarX, em Pelotas haveria variação estável. Por isso, acreditamos que a variação de 3ª pessoa do plural, nessa cidade, é estável, mas com indícios de aquisição de marcas, como já foi salientado várias vezes anteriormente ao discutirmos os resultados da variável faixa etária.

A próxima sub-hipótese a ser discutida é a que associa a concordância verbal de 3ª do plural à escolaridade do informante, conforme consta no início da seção 5. Mas dado que 'escolaridade' representa a variável classe social, neste estudo da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, não há por que discutirmos com profundidade esses resultados, pois eles já foram apresentados e analisados como sendo os de classe social. Em linhas gerais, a escolaridade tem relação com o emprego de formas da 3ª pessoa do plural, independentemente de essas formas serem ou não padrão, pois à medida que sobe o grau de escolarização, os informantes da amostra empregam mais formas de 3ª pessoa do plural. Visualizemos, então, os resultados da variável escolaridade:

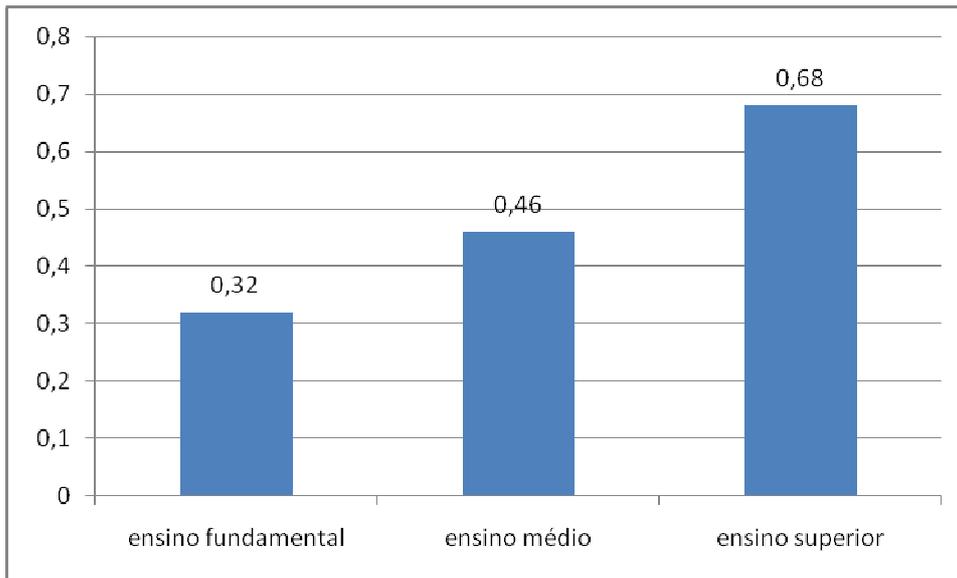


Gráfico 13 - Aplicação de concordância verbal, segundo variável escolaridade (em pesos)

Somente os informantes com ensino superior da nossa amostra favorecem o emprego de desinências verbais de 3ª pessoa do plural, enquanto os indivíduos dos níveis médio e fundamental inibem esse emprego. A nossa expectativa era de que os informantes com ensino médio da amostra também mostrassem pesos relativos favoráveis ao emprego de marcas, pois em outros estudos, com amostras afins da nossa, a exemplo do de Monguilhott (2001) e Barden (2004), informantes com 11 anos de escolarização favorecem o uso da marca de 3ª pessoa do plural, comprovando que a escola tem papel importante na difusão do uso da regra. O trabalho de Barden (2004), inclusive, mostra que o efeito da escolaridade sobre homens e mulheres é muito semelhante: ambos apresentam aumento de probabilidade de concordância, à medida que aumenta o tempo de escolarização, como ocorreu na nossa amostra, conforme podemos visualizar no gráfico 14, na sequência.

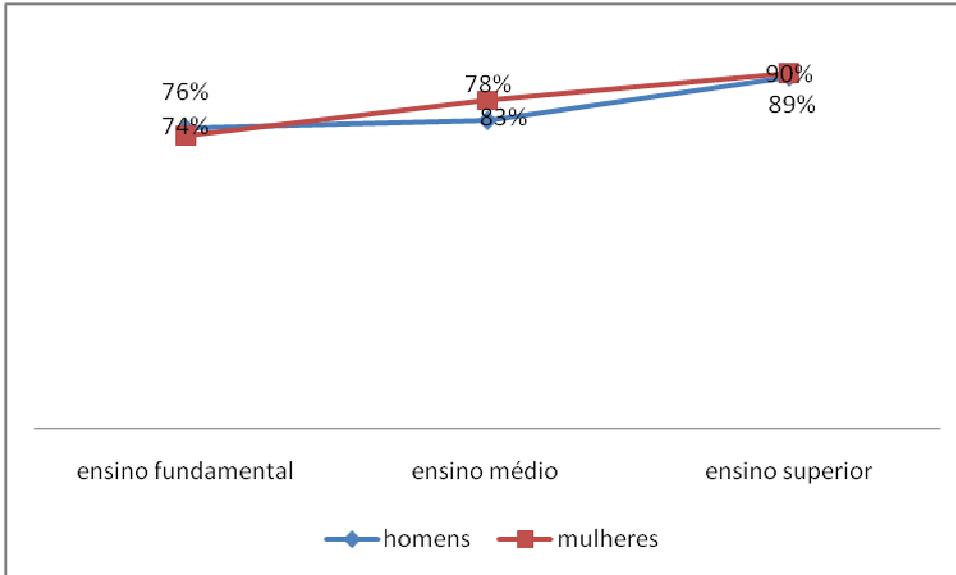


Gráfico 14 - Aplicação de concordância verbal, segundo o cruzamento das variáveis classe escolaridade e gênero (em percentuais)

Esse gráfico permite que visualizemos que apesar de o efeito da escolarização acarretar em comportamento lingüístico próximo entre homens e mulheres, também mostra que, em geral, as mulheres parecem ser mais sensíveis aos efeitos da escola, apesar de a diferença entre homens e mulheres desses níveis escolares ser pequena, podendo, inclusive, ser mero efeito da amostra.

Sobre o efeito da escolarização nas distintas faixas etárias, vejamos os resultados expressos no gráfico 15:

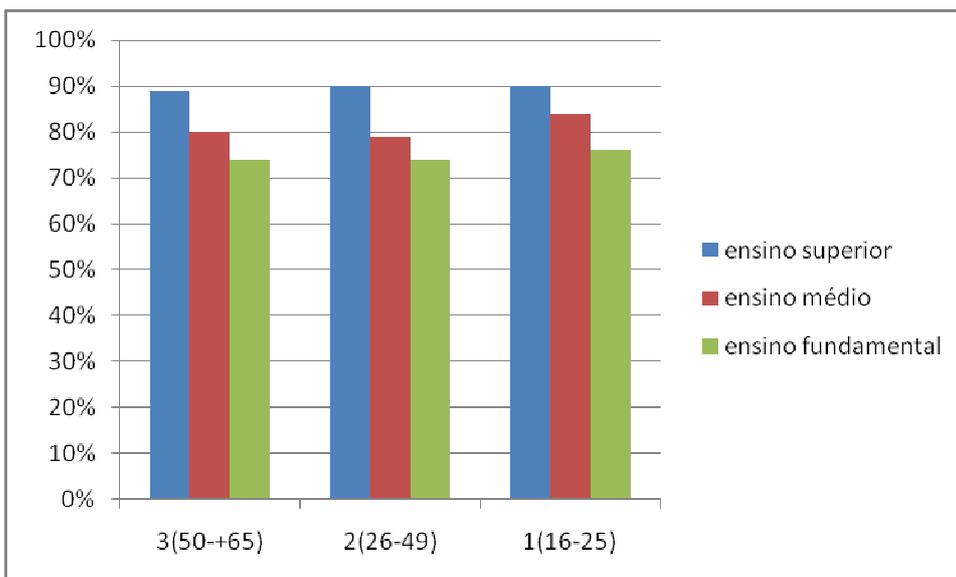


Gráfico 15 - Aplicação de concordância verbal, segundo o cruzamento das variáveis escolaridade e faixa etária (em percentuais)

A par do gráfico 15, observamos que, independentemente da faixa etária, são os informantes com nível superior (ou cursando) que empregam mais formas de 3ª pessoa do plural. Parece ainda que a escola exerce mais pressão sobre as pessoas mais novas, pois, o aumento de emprego de marcas vai dos mais velhos para os mais novos de forma gradual, em todos os níveis escolares. Esse seria, então, um argumento a favor da hipótese de que a marca de 3ª pessoa estaria sendo gradualmente adquirida, justamente como um efeito da escolarização.

Voltando à sub-hipótese em discussão, ou seja, de que *a concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada à escolaridade do informante*, os resultados da nossa amostra corroboram-na, pois há um aumento gradual de emprego de desinências verbais, à medida que aumenta o nível de escolarização dos indivíduos e esse aumento é maior entre os mais jovens, outro indício de que talvez esteja havendo aquisição de marcas, dos mais velhos em direção aos mais novos, graças aos efeitos da escola.

A concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está associada ao gênero do informante. Essa será a próxima sub-hipótese a ser discutida, na sequência da tese. Em estudos sociolinguísticos, essa variável tem sido bastante discutida, sua importância consiste no fato de permitir vislumbrar, de certa forma, o que significa ser homem ou mulher em uma determinada sociedade, no caso, Pelotas. Vejamos os resultados na tabela que segue:

Tabela 9 - Aplicação de concordância verbal, segundo a variável gênero

Gênero	Aplicação / total	%	Peso relativo
Mulher	2520/3038	82	0,51
Homem	1798/2225	80	0,48
Total	4318 /5263	82	

São, conforme prevíamos, as mulheres que empregam mais marcas de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, em relação aos homens. Mas elas apresentam comportamento linguístico bem próximo ao deles, tanto em termos de percentagem, quanto de peso relativo, o que resultou no fato de essa variável não ter sido selecionada pelo programa estatístico. Esse resultado pode ser um indício de que, em Pelotas, não há um dialeto feminino e outro masculino em relação ao emprego da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, apesar de, naquela comunidade de fala, o uso de desinências dessa pessoa parece ter prestígio, como mostra a variável classe social: quanto mais alta a escala social do informante, maior o

emprego de tais formas. Neste momento, é importante recordarmos que o cruzamento entre as variáveis gênero e classe social – que já foi apresentado e discutido há pouco, ao analisarmos a sub-hipótese relacionada à classe social –, mostrou que as mulheres das classes médias parecem empregar mais marcas de desinências verbais; somente na classe baixa, os homens usam mais desinências verbais em relação às mulheres, outro indício de que se trataria de variação estável e não mudança linguística, pois conforme Chambers e Trudgill (1980), as mulheres tendem a ser mais sensíveis ao emprego de formas de prestígio, em situações de variação estável. Mas convém frisar que o papel das mulheres nem sempre é tão claro na literatura linguística.

Nossos resultados para a variável gênero confirmam os de Santos (2007), cuja pesquisa também demonstrou uma diferença ínfima de uso de concordância verbal entre homens e mulheres, com percentuais altos de uso para ambos os gêneros: 91% e 89%, respectivamente.

Já o estudo de Amaral (2003) demonstrou diferenças bastante discrepantes entre ambos os gêneros, em relação à concordância verbal de 2ª pessoa do singular. Na sua tese, a variável gênero também não foi considerada estatisticamente significativa pelo programa Varbrul, igual ao que ocorreu na nossa amostra. A tabela número 10 ilustra os resultados do autor.

Tabela 10 - A concordância de segunda pessoa do singular no VarX (Pelotas) e a variável gênero no VarX (Pelotas) (Aplicações, total de ocorrências, percentuais e pesos relativos)

Gênero	Aplicação / total	%	Peso relativo
Feminino (F)	112/1146	10%	0,59
Masculino (M)	45/984	5%	0,39
Total	157/2130	7%	

Fonte: Amaral (2003, p. 145).

Quanto aos seus resultados, o autor afirma que eles parecem indicar que as mulheres valorizam mais as formas com concordância em relação aos homens. Ele considera indício forte de que há prestígio no emprego de marcas de concordância verbal de 2ª pessoa do singular, em Pelotas, o fato de as mulheres de nível social mais alto serem as que mais utilizam marcas de concordância. O cruzamento entre as variáveis gênero e classe social, em relação à concordância verbal de 3ª pessoa do plural (conforme gráfico 12) também demonstrou que as mulheres das classes médias empregam mais desinências verbais dessa

pessoa em relação aos homens dessas classes; portanto, parece que, com base na nossa amostra, empregar marcas de 3ª pessoa do plural também possui prestígio, conforme já salientamos.

Portanto, como há diferenças pequenas em termos de percentuais e pesos relativos de emprego de desinências verbais entre os gêneros masculino e feminino, com base nas noventa entrevistas do Banco de Dados VarX, em Pelotas, a concordância verbal de 3ª pessoa do plural não parece estar associada a gênero isoladamente. Resultados semelhantes foram encontrados por Barden (2004), em cujo estudo homens e mulheres alcançaram pesos relativos iguais de presença de concordância verbal de 3ª pessoa do plural (0,50) e percentuais um pouco diversos: homens com 74% e mulheres com 78%. Nessa mesma linha, encontra-se ainda o trabalho de Monguilhott (2001), em que as mulheres obtiveram 81% de concordância (0,53) e os homens 76% (0,45).

Em síntese, o que podemos depreender dos resultados da variável gênero para nossa hipótese sobre a aquisição de marcas de concordância verbal de 3ª pessoa do plural com base na nossa amostra? O fato de as mulheres empregarem mais formas com marca é um indício de variação estável (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980), mas o cruzamento das variáveis gênero e faixa etária pode nos dizer algo diverso. Vejamos:

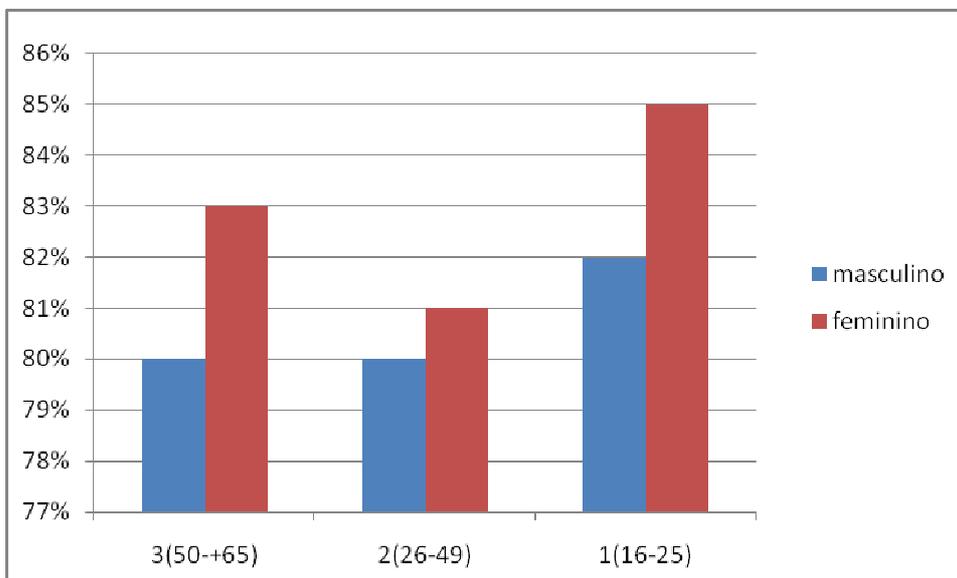


Gráfico 16 - Aplicação de concordância verbal, segundo o cruzamento das variáveis gênero e faixa etária (em percentuais)

Com base no gráfico 16, observamos que em todas as idades, as mulheres são mais sensíveis ao emprego de desinências verbais de 3ª pessoa do plural, uma provável

motivação pode ser a sua responsabilidade na educação dos filhos. Demonstra ainda que, na amostra, há um crescimento de emprego de desinências verbais com o passar do tempo, embora haja um pequeno declínio entre as mulheres na faixa etária intermediária, mas novamente ocorre um aumento maior de uso da forma verbal em estudo, entre as mais novas. O resultado desse cruzamento pode ser um indício de aquisição de marcas de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, já que de acordo com Chambers e Trudgill (1980), em uma variação em que os jovens apresentam percentuais maiores de uso de formas inovadoras, há possibilidade de mudança linguística, mas com base em nossa amostra, não são formas inovadoras as aprendidas, o que os jovens estão mostrando é que essa aprendizagem resulta da pressão da escola e da normatização. Talvez por isso, ou seja, por se tratar de aprendizagem da língua padrão, e não mudança linguística espontânea, os padrões esperados não aparecem.

Dando continuidade à discussão das sub-hipóteses relacionadas à presença de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, avaliaremos se ela está associada à posição do sujeito na frase. O fato de essa variável ter sido selecionada pelo programa estatístico já é sinal de sua importância para explicar a variação na concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, conforme podemos verificar no quadro 2, no início da subseção 4.1.

Consideramos que a variável posição do sujeito em relação ao verbo afeta a concordância, principalmente, em função do fato de, no português brasileiro, a ordem canônica ser sujeito-verbo e quando há uma inversão nessa ordem, sobretudo na oralidade, é comum o falante deixar de utilizar desinências verbais; além disso, palavras entre o sujeito e o verbo podem fazer com que o falante deixe de concordar o verbo com o sujeito. Os resultados dessa variável são retomados na tabela 11 e mostram exatamente isso:

Tabela 11 - Aplicação de concordância verbal, segundo variável posição do sujeito em relação ao verbo

Posição	Aplicação / total	%	Peso relativo
Sujeito anteposto contíguo (l)	2427/2798	86	0,58
SN anteposto não-contíguo (o)	327/405	80	0,51
SN posposto (j)	558/702	50	0,20
Total	3112/ 3905	80	

De acordo com os resultados ilustrados na tabela 11, a concordância verbal de 3ª pessoa do plural é favorecida com sujeito anteposto contíguo, o qual apresenta uma percentagem de 86%, e peso relativo de 0,58, resultado que condiz com o de outros estudos acerca da questão. Algumas frases retiradas do nosso *corpus* ilustram esse tipo de sujeito:

As pessoas não *vêm* assim desse jeito (VarX 37, cód. 4700).
 A *Eva* e o *Valdo* *tinhu* pego da Daíra aí me *trouxeru* a pastinha (VarX 66, cód. 4043).

O sujeito anteposto não-contíguo também favorece, ainda que levemente, o emprego da concordância verbal de 3ª pessoa do plural em Pelotas. Esse fator traz uma percentagem alta de concordância: 80%, mas seu peso relativo fica um pouco acima de neutro: 0,51. Ressaltamos, todavia, que sujeito anteposto não-contíguo aparece consideravelmente menos em relação aos demais fatores desse grupo no nosso *corpus*, ou seja, há 405 contextos com sujeito anteposto não-contíguo, nos quais, houve aplicação da regra em 327 exemplos. Esse resultado nos surpreende, uma vez que nossa expectativa era de que, quando houvesse material entre sujeito e verbo, ou seja, muitas palavras separando-os, a tendência fosse não flexionar o verbo de 3ª pessoa do plural. Claro que houve muitos contextos sem concordância, inclusive um retirado da fala de um médico, o qual, embora domine a língua culta, deixou de flexionar o verbo nessa pessoa verbal, talvez porque existissem muitas palavras separando o sujeito e o verbo, como podemos ver na seqüência:

Trinta anos de medicina, inacreditavelmente, até pra mim, parece que se *passou* tão rápido (VarX 73, cód. 3844).

Vejamos mais exemplos de frases com ‘sujeito anteposto não-contíguo’ retirados do nosso *corpus* e que ilustram esse tipo de sujeito:

Aí *tem* pessoas que *dizem* assim (VarX 26, cód. 2286).
 As *casa* que *ficum* de frente da Ferreira Veloso pra cá (VarX 46, cód. 622).
 Ele acha que *as mulheres* que ele anda *são* propriedade dele (VarX 37, cód. 4703).

O sujeito posposto, com 50% e peso relativo de 0,20, inibe fortemente a concordância verbal de 3ª pessoa do plural em Pelotas. Isso significa que os 90 sujeitos do Banco de Dados VarX tendem a não marcar a concordância verbal de terceira pessoa do plural, no caso de o sujeito ser posposto, igual ao que acontece em outras variedades populares do português brasileiro. Vejamos mais exemplos com frases com e sem marcas de concordância verbal de 3ª pessoa do plural extraídas do nosso *corpus*:

Oito e meia nove hora começava os baile (VarX 53, cód. 2802).
 Agora quase são os fatores (VarX 43, cód. 762).
 A escola são 4 anos (VarX 25, cód. 2271).

Antes de estabelecermos comparações com outros estudos, gostaríamos de comentar outra rodada realizada em relação a zero, em que contrapomos a variante zero (0) às demais variantes, ou seja, os fatores 2 a 7. Nesta nova rodada, excluimos a variante 8: “Elas fazi excursão”, forma não-padrão: /i/ sem nasalização, pois, conforme já salientamos no início da introdução da *Descrição e Análise dos Resultados*, somente houve quatro contextos com essa variante, sendo que este “Elas fazi excursão” é o único que apresenta uma forma distinta da singular, que seria “Eles faz”, enquanto os outros três contextos, a exemplo de “Ah eles bati” deveriam ter sido por nós considerados como sendo formas sem concordância verbal, forma zero, por isso, excluimos esta variante desta rodada.

Como essa nova rodada não apresentou nenhuma novidade se comparada à rodada com presença *versus* ausência de desinências de 3ª pessoa do plural (rodada em relação à presença) e dado que o objetivo dessa rodada era observar o comportamento da variável posição do sujeito em relação ao verbo, ilustraremos os resultados dessa variável em relação a zero, na sequência:

Tabela 12 - Apagamento de concordância verbal, segundo variável posição do sujeito em relação ao verbo

Posição	Aplicação / total	%	Peso relativo
SN posposto (j)	558/702	50	0,80
SN anteposto não-contíguo (o)	327/405	20	0,50
Sujeito anteposto contíguo (l)	2427/2798	14	0,40
Total	793/3901	80	

A tabela 12 mostra que o sujeito posposto é o único que favorece o apagamento da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, com base na amostra em estudo, enquanto os demais desfavorecem-no. Resultado esse que está de acordo com o que ocorre nas variedades populares e cultas do português brasileiro, conforme já explicitado anteriormente, nesta subseção.

Resolvemos cruzar as variáveis posição do sujeito e classe social, com o intuito investigar como as distintas classes da amostra se comportam diante da posposição do sujeito. Vejamos esse cruzamento no gráfico 17:

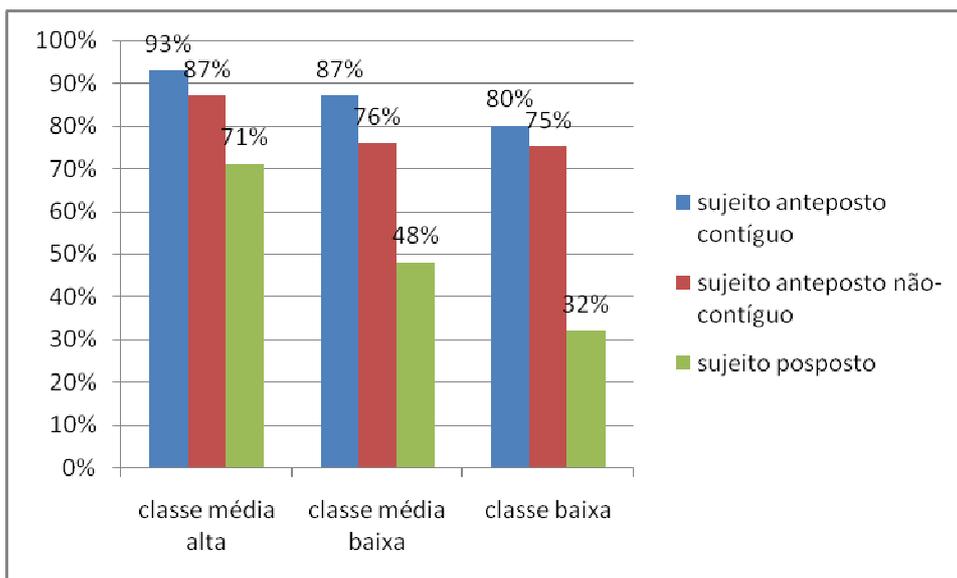


Gráfico 17 - Aplicação de concordância verbal, segundo o cruzamento das variáveis posição do sujeito e classe social (em percentuais)

Com base nesse gráfico, podemos observar que, em todas as classes sociais, os informantes da amostra fazem menos concordância com sujeito posposto; a classe média alta apresenta 71% de concordância com esse tipo de sujeito, enquanto nas classes média baixa e baixa, os percentuais de presença de concordância verbal de 3ª pessoa do plural são inferiores a 50%, respectivamente, 48% e 32%.

Em termos gerais, os resultados de posição do sujeito vêm ao encontro dos achados de outros estudos realizados com amostras semelhantes a nossa, como os de Monguilhott (2001) e Barden (2004), e com mostras distintas da nossa, como o de Naro (1981), Naro e Scherre (1996), Naro e Scherre (2000), Naro e Scherre (2003), Rodrigues (1987), Bortoni-Ricardo (1985), Jung (2000), Welchen (2006), Almeida (2006), os quais têm mostrado que o sujeito anteposto ao verbo desencadeia mais marcas de plural; efeito inverso têm os sujeitos pospostos ou à direita do verbo.

Desta forma, podemos concluir que nossos resultados dão suporte para a hipótese de que a concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está associada à posição do sujeito, visto que com sujeito anteposto contíguo, há favorecimento de uso de desinências verbais de 3ª pessoa; com sujeito anteposto não-contíguo, o peso relativo é próximo do neutro; enquanto com posposto, a concordância verbal de 3ª pessoa do plural é inibida.

Finalmente, discutiremos nossa última sub-hipótese: *A concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada ao tipo de discurso reportado, pois com base no que diz*

Amaral (2002), há mais marcas de concordância verbal no estilo mais próximo do formal ou a relações assimétricas.

Os fatores da variável discurso reportado não avaliam exatamente a concordância verbal de 3ª pessoa do plural do informante que está sendo entrevistado, mas do indivíduo de quem reporta a fala, pois trata-se da fala de outrem, com possíveis características do discurso desse indivíduo.

Ao propor a análise dessa variável, esperávamos encontrar alguma relação entre ela e o emprego da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, mas não conseguimos avaliar, de modo adequado, essa relação, em função do fato de ter havido poucos contextos de discurso reportado no Banco de Dados VarX de Pelotas.

Nossa variável foi formulada com quatro fatores, conforme explicitado na metodologia, dos quais, três apresentaram resultados que devem ser analisados com ressalvas, em função da quantia de ocorrências: poucos contextos totais. São eles: discurso reportado de pessoa próxima, com 33 ocorrências, discurso reportado de pessoa não-próxima, com 18 ocorrências, e discurso reportado do próprio falante, com 30 ocorrências. Dentre esses três fatores, ou seja, dentre os com poucos contextos, o único que favorece o uso da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, é discurso reportado de pessoa não-próxima, que apresenta 94% de emprego de concordância verbal, e peso relativo de 0,76.

Antes de apresentarmos os resultados dessa variável, consideramos importante ilustrar frases com exemplos dos distintos fatores de discurso reportado.

Discurso reportado de pessoa não-próxima pode ser exemplificado com a frase de uma funcionária de um colégio de Pelotas, que relata o coro das pessoas que estavam em um ônibus de Porto Alegre e tiveram que pará-lo em função da passeata dos servidores públicos de Pelotas, entre os quais, ela estava. A multidão gritava:

“Saem daqui, vão trabalhar, cambada de desocupados!” (VarX 47, cód. 543-544).

No exemplo acima, a informante acaba recriando o discurso de pessoas que não conhece. Pode, todavia, não conseguir recriá-lo, de memória, exatamente da forma como dito.

Dando continuidade, exemplifica discurso reportado de pessoa próxima a ocorrência abaixo, em que a informante relata o diálogo ocorrido entre a mãe de uma amiga e a própria mãe, quando a informante e a amiga resolveram sair às escondidas:

“As gurias estão aí? Oh, Maria? Disse pra mãe. E a mãe disse não, então ela disse: só pode que estão lá” (VarX 24, cód. 221);

Na seqüência, retomamos um excerto em que há exemplo de discurso reportado da própria informante. Nesse excerto, a informante lê um trecho do livro escrito por ela.

“A singeleza do trabalho, a humildade da expressão dos personagens, a pobreza do material usado retratam muito bem a vida dos pequenos artistas” (VarX 74, cód. 305).

O excerto acima destoa dos demais discutidos nesta seção, em função do emprego da língua culta pela informante, o que se deve ao fato de ela ter lido um trecho do seu livro. Essa informante tem entre 50 e 60 anos, mora no centro de Pelotas, e tem curso superior.

Discurso indireto é o único fator dessa variável que apresenta resultados confiáveis, porque apresenta um número total de ocorrências maior em relação aos demais fatores dessa variável, embora o número total de ocorrências não seja grande: 63. São exemplos de frases com discurso indireto:

“Eles disseram que esse pedágio seria para adquirirem mais ambulâncias” (VarX 60, cód. 472).

“Eles diziam tudo as qualidades tudo o que a professora deles deveria ter” (VarX 53, cód. 2920).

Tendo exemplificado os distintos fatores da variável discurso reportado, vejamos seus resultados na tabela que segue.

Tabela 13 - Aplicação de concordância, segundo a variável discurso reportado

Discurso reportado	Aplicação/total	%	Peso relativo
Reportado de pessoa não-próxima (u)	17/18	94	0,76
Discurso indireto (i)	61/63	97	0,52
Reportado de pessoa próxima (r)	30/33	91	0,42
Reportado do próprio falante (y)	27/30	90	0,35
Total	135/144	93	

A tabela 13 ilustra que o único fator da variável discurso reportado que favorece a concordância verbal de 3ª pessoa do plural, no VarX em Pelotas, é discurso indireto, em um

total de 63 verbos, houve aplicação da regra em 61 casos, perfazendo 97% e peso relativo de 0,52, portanto, um pouco acima do valor neutro. Apesar de discurso reportado de pessoa não-próxima favorecer o emprego de marcas de 3ª pessoa do plural, esse resultado não é confiável, uma vez que esse fator apresentou poucas ocorrências totais no *corpus* em estudo: somente 18, nas quais houve concordância em 17 casos.

Mesmo que esses números devam ser olhados com cautela, conforme já salientamos, em função da quantia ínfima de ocorrências, gostaríamos de estabelecer uma comparação com os resultados de Amaral (2003), já que ele também testou essa variável em seu estudo acerca da concordância verbal de 2ª pessoa do singular. Inicialmente, o pesquisador frisa que os resultados dessa variável destoam de outros por ele realizados, sendo que o fator que mais influenciou foi a interação entrevistado-entrevistador, com peso relativo de 0,81. Na tentativa de explicar esse resultado, o pesquisador diz que é bem provável que alguns informantes do Banco de Dados VarX tenham percebido na situação de entrevista ou na entrevistadora motivação para empregarem concordância verbal de 2ª pessoa do singular.

Igualmente ao que ocorreu na nossa amostra (embora com poucas ocorrências), também no de Amaral, o discurso reportado de pessoa não-próxima favoreceu a concordância verbal de segunda pessoa do singular, com uma frequência de 9% e peso relativo de 0,60. Concordamos com Amaral que atribui esse resultado ao fato de haver pressão para um uso mais formal, em função da assimetria das relações entre indivíduos ou a níveis diferenciados de monitoramento da fala, o que, no nosso caso, resulta em maior presença de concordância verbal de 3ª pessoa do plural. Além desses dois fatores da variável discurso reportado terem favorecido a concordância verbal de 2ª pessoa do singular, no estudo de Amaral (2003), ainda favoreceram-na discurso reportado de pessoas próximas: 0,53 e discurso reportado do próprio falante: 0,51, os quais, em nosso estudo, inibem a concordância verbal de 3ª pessoa do plural.

Diante da insuficiência de ocorrências de contextos com discurso reportado, fica difícil concluirmos algo mais concreto acerca da variável, embora seja possível afirmar que há relação entre ela e o emprego de desinências verbais de 3ª pessoa do plural, tanto que foi considerada estatisticamente relevante. Com base em nosso *corpus*, pudemos observar o que Amaral (2002) já havia proposto: realmente há mais marcas de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, no estilo mais próximo do formal ou a relações assimétricas.

No decorrer desta subseção, arrolamos evidências baseadas nos resultados da rodada geral *presença versus ausência de concordância verbal de 3ª pessoa do plural*, com o propósito de discutir nossa primeira hipótese principal e suas sub-hipóteses.

4.2 CONCORDÂNCIA VERBAL PADRÃO DE 3ª PESSOA DO PLURAL *VERSUS* NÃO-PADRÃO

No decorrer da subseção 4.1.1, em que discutimos a hipótese e sub-hipóteses relacionadas à rodada com concordância *versus* sem concordância verbal de 3ª pessoa do plural, observamos que, em Pelotas, fala-se um português com marca, e há indícios dessa marca estar sendo adquirida, por isso, nesta subseção, verificaremos se essa marca é padrão ou não-padrão.

Dessa forma, a fim de testar a nossa última hipótese: *em Pelotas, fala-se um português com marca de 3ª pessoa do plural, mas essa marca pode ser padrão ou não-padrão*, passaremos a analisar os resultados das variáveis sociais da rodada: padrão *versus* não-padrão, aludindo esporadicamente aos resultados da rodada não-padrão nasalada *versus* não-padrão desnasalada.

Nessa primeira rodada, a variável dependente foi definida como padrão *versus* não-padrão; nela contrapomos os casos de desinências padrão aos divergentes do padrão, excluindo as formas de terceira pessoa do plural com desinência zero. As variáveis independentes permanecem as mesmas da rodada com concordância *versus* sem concordância de 3ª pessoa do plural, conforme constam na seção 3 intitulada *Procedimentos Metodológicos*, à exceção da variável discurso reportado, que excluimos da rodada padrão *versus* não-padrão e da não-padrão nasalada *versus* não-padrão desnasalada, por insuficiência de contextos. Na rodada padrão *versus* não-padrão, de 121 contextos totais de discurso reportado houve emprego de desinência padrão em 98 casos (80%). Quanto aos seus fatores, o único que apresentou resultados confiáveis foi discurso indireto (os demais ocorreram ínfimas vezes na amostra), com 61 casos totais, nos quais houve uso de desinências padrão em 46 casos (75%).

Na rodada não-padrão nasalada *versus* não-padrão desnasalada, a variável dependente foi definida como desnasalada -u (brincu), *versus* monotongo nasal -um (brincum, fazem), as variáveis independentes continuam as mesmas da rodada concordância verbal padrão *versus* não-padrão de 3ª pessoa do plural.

De um total de 4.318 ocorrências de terceira pessoa do plural (excluídas as formas verbais com desinência zero), há 74% de desinências padrão e 26% de desinências não-padrão, com base nas entrevistas dos noventa informantes do Banco de Dados VarX. Vejamos esses resultados na ilustração que segue:

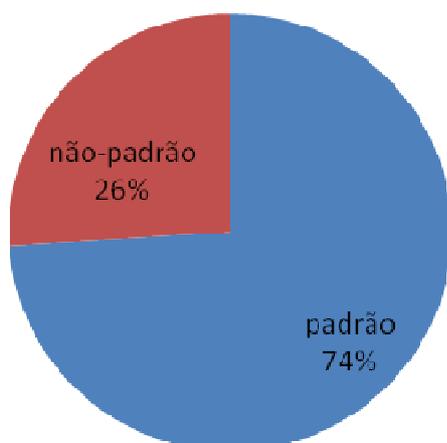


Gráfico 18 - Distribuição geral de formas verbais padrão e não-padrão de 3ª pessoa do plural, VarX, Pelotas, RS

De acordo com o gráfico acima, podemos observar que, em Pelotas, há percentuais altos de emprego de desinências padrão: 74% de dados com concordância verbal padrão de 3ª pessoa do plural (*eles estão, eles precisam, eles sabem*), contra apenas 26% de dados de concordância verbal não-padrão (*eles virum, eles viru, eles estudim,estudi*). Em uma nova rodada, incluindo as formas com concordância zero, de um total de 5.209 contextos, houve 62% de formas padrão de 3ª pessoa do plural, 18% de verbos sem desinência (zero), 13% de formas não-padrão desnasaladas e 8% de formas não-padrão nasaladas:

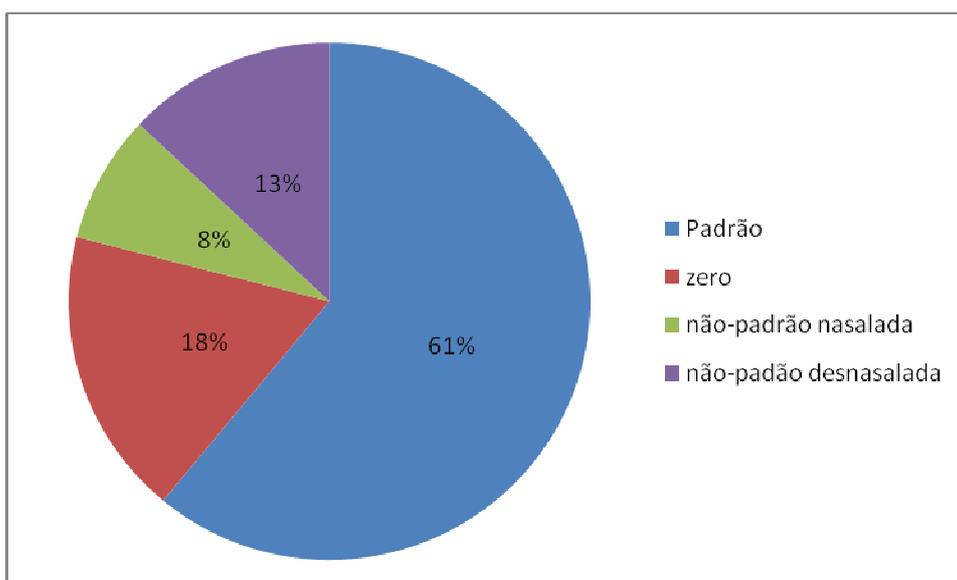


Gráfico 19 - Distribuição geral de formas verbais padrão e não-padrão de 3ª pessoa do plural, VarX, Pelotas, RS

O gráfico 19 ilustra uma diminuição nos percentuais de uso de formas padrão em relação ao gráfico 18, porque houve uma alteração no total de verbos de 3ª pessoa do plural, já que incluímos os com forma zero, o que modificou também os percentuais. Mesmo assim, o emprego de formas padrão, com base na amostra, continua alto: 61%. O percentual de verbos sem concordância verbal é um pouco menor que a soma dos percentuais das formas não-padrão desnasaladas mais as nasaladas. Os resultados da distribuição das formas não-padrão confirmam os achados de Santos (2007), que também observou maior uso de verbos não-padrão desnasalados (*brincu*) em relação aos nasalados (*brincum*). Mais adiante, ainda nesta subseção, voltaremos a esta questão, visto que é importante, nesta tese, sabermos como se distribuem as formas padrão e as não-padrão, com base no Banco de Dados VarX, em Pelotas.

Fica difícil estabelecer comparações entre os nossos resultados de uso de desinências padrão de 3ª pessoa do plural com outros estudos realizados em contexto lingüístico semelhante, ou seja, com amostras urbanas monolíngües de português, porque, na literatura sobre o assunto, a grande maioria dos estudiosos têm optado por analisar apenas presença *versus* ausência de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, embora, algumas vezes, costumem tratá-la ou chamá-la de padrão, como fez Rodrigues (1987). Esse tipo de análise, cujo objetivo é verificar em que medida o falante faz, efetivamente, concordância verbal padrão ou não-padrão, é ainda raro na literatura acerca do assunto, e tem sido feita em trabalhos orientados por Zilles e Amaral, bem como no de Nicolau (1995), com o qual, apesar de ter verificado em que medida o falante de Belo Horizonte faz, efetivamente, uso da concordância verbal padrão ou não-padrão, não podemos comparar nossos resultados, porque ela não analisou o efeito dos fatores sociais por nós estudados, além disso, a autora não forneceu as percentagens gerais de distribuição de concordância verbal padrão naquela cidade.

Uma provável explicação para o alto percentual de uso de formas padrão na 3ª pessoa, em Pelotas, pode ser a citada por Guy e Zilles (2008) cuja ideia central é de que está havendo aquisição de marca padrão, uma uniformização no português popular brasileiro, em conseqüência de um progressivo desaparecimento das variedades linguísticas populares quanto a aspectos como o que estamos estudando aqui: a concordância verbal. Para os pesquisadores, as características do português brasileiro, que eram distintas, estão cedendo à pressão da padronização, em decorrência de fatos do trabalho social contemporâneo, incluindo a urbanização, a industrialização, o avanço das classes populares na educação e literatura, migração interna brasileira, e a melhoria no transporte e comunicação. Segundo eles, esses fatores têm facilitado a rápida assimilação da variedade dominante do português

pelos falantes de outras variedades linguísticas. E Pelotas é uma cidade industrializada, urbanizada, apresentando as características descritas pelos linguistas em seu artigo.

Sem contar que se trata de uma cidade que se tornou desenvolvida culturalmente no século XIX, e conforme Ribeiro (2002), em decorrência dos charqueadores enviarem seus filhos à Europa, naquela época, essa cidade se tornou um pólo econômico, artístico e cultural, fato esse que pode acarretar em emprego de linguagem mais cuidada por parte dos pelotenses, com predomínio maior de formas padrão de 3ª pessoa do plural. Inclusive, alguns informantes do Banco de Dados VarX, ao serem inquiridos acerca da linguagem falada, em Pelotas, têm uma avaliação bastante positiva de sua em relação à linguagem dos gaúchos de Porto Alegre, Santa Maria. Vejamos alguns excertos que mostram isso. Sobre esses excertos salientamos que, no caso do informante não concordar o verbo à segunda pessoa do singular, optamos por deixar sem a marca de concordância, já que o trabalho de Amaral (2003) demonstrou que, em Pelotas, a não utilização da marca de concordância verbal de 2ª pessoa do singular não sofre estigma, configurando-se como uma mudança linguística quase consolidada.

Sobre a nossa fala? Eu acho que é meio parecida a deles, (referindo-se aos porto-alegrenses), eu acho, eu vejo mais diferença com o pessoal de Santa Maria, pra nós, lá eles puxam bem o D, sabe, mas os porto-alegrenses são também, eles puxam também [...] Não sei se é porque a gente fala, eu acho o nosso que é o mais certo, entendeu? O deles, apesar que a gente fala errado, o 'di' não 'di' é 'de' (VarX 12, mulher).

O nosso jeito de falar é bem português, né? É bem explicado, é bem declarado (VarX 78, homem).

Eu acho que o nosso é mais manso, é mais puxado que pra fronteira espanhola, lá é mais carregado, tu vê mais diferença, se tu for mais pra baixo, tu vê mais diferença. O sotaque do tu, aquela coisa do gaúcho é igual, é igual, eu acho igual (VarX 42, mulher).

[...] Bah, eles falam tudo assim, é uma coisa muito irritante aquele sotaque deles, 'os magro do Bonfa' e tal eu acho o sotaque deles assim meio forçado, se já não veio de anos, principalmente os cara que tu vê na Redenção [...] não, não, mas porque é até meio parecido, eu acho o sotaque aqui de Pelotas com o de Porto Alegre. Eles falam em Porto Alegre, lá notam mais quem fala *de*, uma coisa assim, nunca ninguém me disse nada (VarX 30, mulher).

A fala dos pelotenses? Não sei te dizer dif..., até que daqui pra lá eu acho a gente chegando lá, a gente fala mais grosso, um pouco [...] eu acho que o pelotense é mais de falar alto, eu tenho a impressão que lá é uma coisa mais gaúcha que aqui (VarX 53, mulher).

Antes de passar à próxima subseção, em que discutiremos a hipótese para essa rodada: em Pelotas, fala-se um português com marca de 3ª pessoa do plural, mas essa marca pode ser padrão ou não-padrão, apresentaremos os resultados das variáveis sociais da rodada concordância verbal padrão versus não-padrão de 3ª pessoa do plural ao mesmo tempo em que faremos uma breve reflexão sobre a rodada não-padrão nasalada versus desnasalada, que, apesar de ser um dos processos envolvidos na realização da concordância, em Pelotas, ultrapassa os limites deste trabalho. Nos apêndices, constam os resultados dessas duas rodadas.

Grupo de fatores testado	Com significância estatística?
Tempo verbal	Sim
Traço humano do sujeito	Sim
Saliência fônica	Sim
Posição do sujeito	Sim
Tipo de sujeito	Sim
Assunto	Sim
Gênero	Sim
Faixa etária	Sim
Classe social	Sim

Quadro 3 - Indicação dos grupos de fatores testados na análise da concordância verbal padrão *versus* não-padrão de 3ª pessoa do plural, com base no Banco de Dados VarX, em Pelotas

Vejamos o quadro 4, na sequência, a indicação dos grupos selecionados na rodada não-padrão nasalada *versus* não-padrão desnasalada.

Grupo de fatores testado	Com significância estatística?
Traço humano do sujeito	Sim
Saliência fônica	Sim
Faixa etária	Sim
Classe social	Sim
Posição do sujeito	Não
Tipo de sujeito	Não
Assunto	Não
Gênero	Não
Tempo verbal	Não

Quadro 4 - Indicação dos grupos de fatores testados na análise da concordância verbal não-padrão nasalada *versus* não-padrão desnasalada de 3ª pessoa do plural, com base no Banco de Dados VarX, em Pelotas

4.2.1 A concordância verbal padrão e a não-padrão e as variáveis sociais

A fim de discutir a hipótese: em Pelotas, fala-se um português com marca de 3ª pessoa do plural, mas essa marca pode ser padrão ou não-padrão, conforme já salientado anteriormente, analisaremos os resultados das variáveis sociais da rodada concordância verbal padrão *versus* não-padrão de 3ª pessoa do plural, pois nosso objetivo é mostrar quem usa essas formas verbais e como se distribuem os casos de não-padrão. Para a distribuição das formas não-padrão, faremos uma breve discussão dos resultados das variáveis sociais da rodada não-padrão nasalada *versus* não-padrão desnasalada, pois há vários processos envolvidos na realização da concordância não-padrão e esse é um deles, mas não será aprofundado nesta tese. Começaremos examinando os resultados da variável faixa etária, conforme tabela que segue. Essa variável foi selecionada como significativa pelo Varbrul para o uso da concordância verbal padrão, conforme mostra o quadro 3.

Tabela 14 - Aplicação de concordância verbal padrão, segundo a variável faixa etária

Faixa Etária	Aplicação / total	%	Peso relativo
1- 16-20 anos	576/778	74	0,56
2- 21-25 anos	451/579	77	0,55
3- 26-37 anos	546/709	77	0,51
4- 38-49 anos	658/871	75	0,48
5- 50-64 anos	452/639	70	0,46
6- + 65 anos	515/742	69	0,42
Total	3198/4318	74	

A tabela acima ilustra pesos relativos decrescentes de emprego de concordância verbal padrão de 3ª pessoa do plural, no sentido dos mais jovens aos mais velhos, ou seja, são os mais jovens, entre 16 a 20 anos, os informantes que favorecem o uso de desinências verbais padrão de 3ª pessoa do plural, com peso relativo de 0,56, seguidos de perto pelo grupo etário mais próximo, os de 21 a 25, com peso de 0,55; no próximo grupo, entre os informantes de 26 a 37 anos, o emprego de desinências padrão gira em torno de um peso relativo próximo do ponto neutro: 0,51, mas seu percentual é igual ao da faixa etária anterior. Inibem o uso de marcas padrão de concordância verbal os informantes das faixas etárias mais velhas, ou seja, entre os de 38-49 anos, 50-64, e entre os de mais de 65 anos. Da mesma forma como ocorreu na rodada com presença *versus* ausência de concordância, cujos resultados foram discutidos na subseção 4.1.1, causa-nos estranhamento o comportamento dos informantes de 38-49 anos

de idade, por inibirem o emprego de formas padrão. Nossa expectativa era que favorecessem esse uso, uma vez que sobre essa idade recaem as mais fortes pressões do mercado de trabalho, sem falar no exercício da maternidade, que, geralmente, induz as mães ao uso da variedade padrão, em que se inclui a concordância verbal padrão. Por conseguinte, não conseguimos encontrar uma razão para esse comportamento, que precisaria ser mais bem investigado, com cruzamentos entre as variáveis faixa etária e classe social; faixa etária e gênero, com seis faixas etárias.

Os resultados de faixa etária serão novamente ilustrados no gráfico que segue, com o propósito de acompanharmos a tendência que parece indicar aquisição/emprego de marcas padrão de 3ª pessoa do plural.

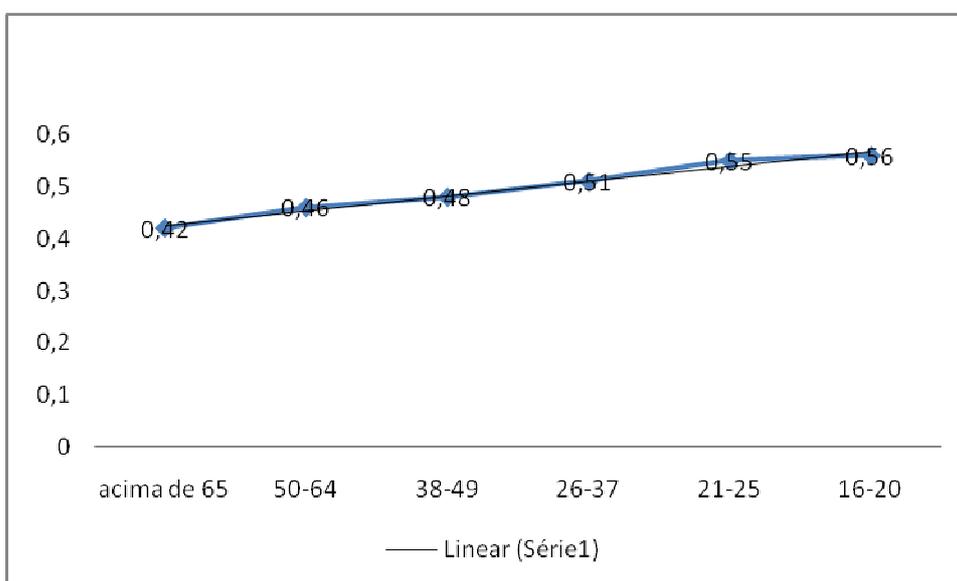


Gráfico 20 - Aplicação de concordância verbal padrão, segundo a variável faixa etária (em pesos)

Como já evidenciamos na seção 4.1.1, são os mais jovens que usam efetivamente desinências verbais de 3ª pessoa do plural, e com base nos resultados da rodada padrão *versus* não-padrão, podemos observar que são também os informantes mais jovens da amostra que favorecem o uso de formas padrão.

Consideramos importante ressaltar que os resultados da variável faixa etária reforçam, em termos gerais, os de Santos (2007), a cujo estudo já fizemos menção nas subseções anteriores, visto que também utilizou informantes do Banco de Dados VarX. Vejamos seus resultados na tabela que segue.

Tabela 15 - A aplicação de concordância padrão, segundo a variável faixa etária

Faixa etária	Aplicação / Total	%	Peso relativo
Faixa1 (16-20 anos)	58 / 103	56	0,68
Faixa2 (21-25 anos)	179 / 259	69	0,69
Faixa3 (26-37 anos)	133 / 223	59	0,54
Faixa4 (38-49 anos)	231 / 443	52	0,43
Faixa5 (50-64 anos)	18 / 19	94	0,93
Faixa6 (+de 65 anos)	31 / 148	20	0,13

Fonte: Santos (2007, p. 124).

Com base nessa tabela, podemos observar que, igualmente aos resultados do nosso estudo, as faixas etárias que contêm os informantes mais jovens favorecem o emprego de formas padrão. Diferentemente do nosso estudo, no de Santos (2007), também favorecem o uso dessa forma os informantes de uma das faixas etárias mais velhas, que apresentam emprego próximo a 100% de formas padrão, mas esse resultado não é confiável, porque houve poucas ocorrências de 3ª pessoa do plural, somente 19 casos.

Os resultados de faixa etária levam-nos a crer que, nessa cidade, além de parecer que a concordância está sendo adquirida, conforme seção 4.1.1, há indícios de que são as formas padrão as adquiridas, dado o fato de os pelotenses mais novos da amostra favorecerem o uso de marcas padrão de 3ª pessoa do plural, enquanto os informantes mais velhos inibem-nas. Sobre a distribuição das formas não-padrão, por faixa etária, recorreremos à rodada não-padrão nasalada *versus* desnasalada, já que para a discussão da nossa hipótese, é importante caracterizar como se distribuem esses casos de formas não-padrão, de 3ª pessoa do plural, recordando que a variável faixa etária, além de classe social, foram as únicas variáveis sociais selecionadas pelo Varbrul na rodada não-padrão nasalada *versus* desnasalada.

Tabela 16 - Aplicação de concordância verbal não-padrão desnasalada, segundo a variável faixa etária

Faixa Etária	Aplicação / total	%	Peso relativo
1- 16-20 anos	103 / 198	52	0,32
2- 21-25 anos	55 / 126	43	0,32
3- 26-37 anos	101 / 164	61	0,47
4- 38-49 anos	136 / 209	65	0,53
5- 50-64 anos	129 / 187	68	0,59
6- + 65 anos	168 / 226	74	0,68
Total	692/1110	62	

São os informantes com mais tempo de vida que favorecem o emprego da forma não-padrão desnasalada, conforme já suspeitávamos, e essa forma é inibida pelos informantes das três faixas etárias mais novas da amostra. Trechos retirados das entrevistas do Banco de Dados VarX podem caracterizar essas formas verbais em –u, que estão destacadas:

[...] Sentindo falta, assim, mas não tem. Vivo com meus filho, eles vêm tudo, me visitar, tão sempre junto de mim, me querem bem, coisa que não tem motivo para dizer, eu sofri moça, mas depois de casada, não sofro mais. Aí nós tínhamos matador de galinha, nós tínhamos leitaria, eu trabalhava muito, né? Quantidade, eu trabalhei, tu nem sabe. Uma vez nós tínhamos, chegava a ter três empregadas, só que elas me me *incomudavu* muito minha cabeça, que elas não *eru*, elas não *eru* caprichosas, e faziam muito negócio assim, assim *sujavu* roupa, e *botavu* debaixo dos colchões, eu não gostava, então uma vez fiquei louca da cabeça, tu sabia? (VarX 78, mulher).

Hoje quando eu vou no supermercado buscar um um queijo minas, eu sei se aquele queijo é minas, ou se foi um leite que talhou lá e eles simplesmente *empacotaru* aquilo e *disseru* que era um queijo minas, não é, porque aos seis anos de idade, eu fazia queijo minas com perfeição [...]

Sim, porque meu avô era uma pessoa invejável [...] Terminou de criar todos ju.. junto comigo, porque os meus pais não me cuid.. *cuidaru* quando pequena, então, meu avô me levou para casa dele, onde fiquei, fui com sete meses fiquei até 5 anos lá. (VarX 84, mulher).

Este último excerto foi retirado da entrevista de uma mulher com mais de 65 anos, em que as formas desnasaladas de 3ª pessoa do plural são comuns. É interessante destacar que ela pertence à classe média alta, é professora e tem ensino superior.

O gráfico 23 apresenta a distribuição dessas formas não-padrão em conjunto com as formas padrão, compreendendo, assim, os contextos terminados por [ãwn], a variável contém todas as ocorrências de ditongo nasal padrão: *brincam*, *são*, *fazem*; pelo monotongo nasal [un]: *brincum* e pelo *monotongo desnasalado* [u]: *brincu*, nas três faixas etárias, pois, conforme já explicitado no início desta subseção, nosso objetivo é analisar quem usa formas padrão, bem como verificar como se distribuem os casos de formas não-padrão de 3ª pessoa do plural:

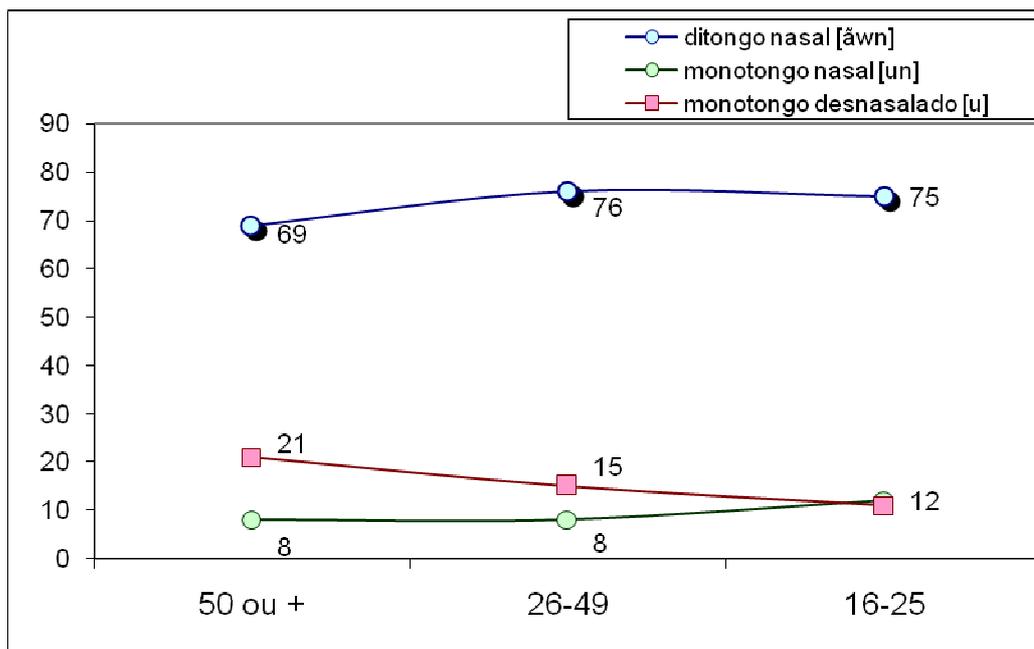


Gráfico 21 - Distribuição geral dos contextos na 3ª pessoa do plural divididos em [ãwn], que compreende todas as ocorrências de ditongo nasal padrão (estudarão, brincam, fazem), em [un], que contém as ocorrências em -um (brincum) e em [u], compreendendo as ocorrências em -u (brincu); por faixa etária, no VarX, em Pelotas (em percentuais)

Esse gráfico permite visualizar que nas três faixas etárias estudadas, há altos percentuais de uso de verbos com marca padrão, e parece ter havido um aumento gradual dos mais velhos para os mais novos ao longo do tempo; enquanto as formas não padrão em [u] e [un] figuram com baixos percentuais em todas as faixas etárias. De um lado, parece indicar que o monotongo nasal [un] tem seu emprego aumentado e o monotongo desnasalado [u] tem diminuído seu uso ao longo do tempo. Mas essa é uma questão a ser mais bem investigada, mas não nesta tese.

A fim de verificar com mais profundidade a distribuição das formas não-padrão, vejamos o gráfico 22, incluindo a forma zero: 0 - sem concordância verbal (eles brinca), -um (brincum), -u (brincu), -im (fazim), por faixa etária e classe social.

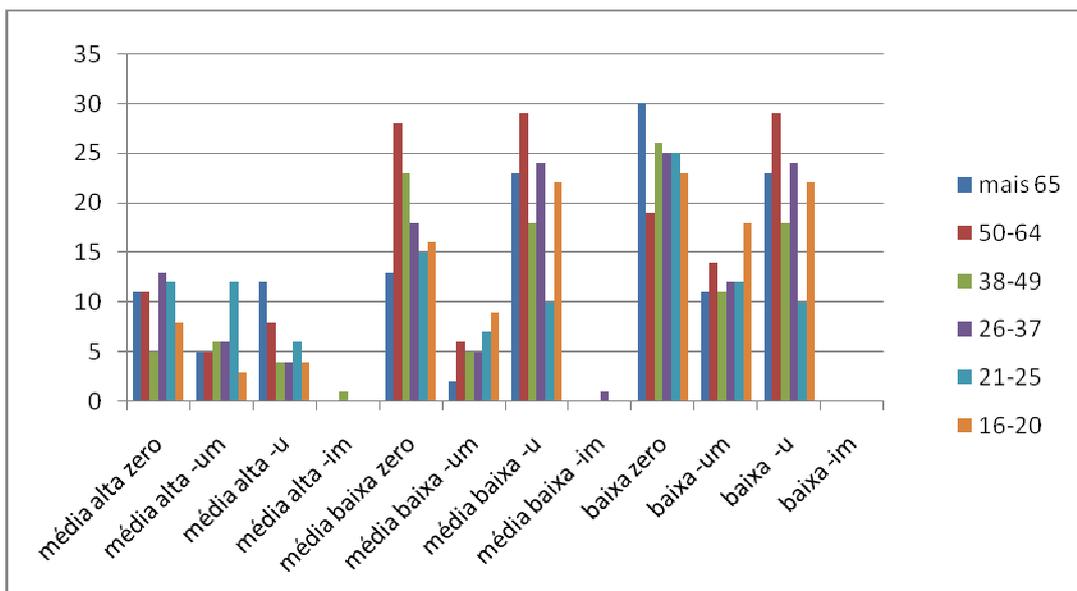


Gráfico 22 - A distribuição da concordância verbal não-padrão por faixa etária e classe social, no VarX, Pelotas (em percentuais)

Com base no gráfico 22, podemos observar que é visível que a classe baixa, nas seis faixas etárias, utiliza mais formas não-padrão de 3ª pessoa do plural em relação às demais classes, com duas exceções:

- os informantes de mais de 65 anos da classe média baixa apresentam percentuais iguais de emprego de formas verbais desnasaladas (fizeru) em relação aos da classe baixa;
- os informantes de 50 a 64 anos da classe média baixa apresentam percentuais mais altos de formas verbais de 3ª pessoa do plural sem concordância, variante zero, em relação à classe baixa.

Consideramos importante destacar, ainda sobre os resultados do cruzamento entre as variáveis faixa etária e classe social, o que segue:

- na classe baixa, independentemente de idade, a opção pela variante zero fica próxima de trinta por cento;
- Em todas as classes sociais e faixas etárias, a variante -im (sentim) aparece de forma inexpressiva na nossa amostra;
- os informantes da faixa etária mais nova, na classe baixa, empregam percentuais significativos de verbos sem flexão no plural, ou seja, a forma zero;
- os informantes de mais de 65 anos de idade da classe baixa usam os mais altos percentuais de verbos sem desinência;

- são os informantes de mais de 65 anos da classe baixa que empregam mais verbos de 3ª pessoa do plural terminados na forma não-padrão nasalada (eles brincum);
- são os informantes mais velhos, nas classes média baixa e baixa, que mais usam verbos desnasalados (brincu);
- os informantes da faixa etária mais nova utilizam formas verbais desnasaladas, em percentual superior a 20%.

Para entendermos o efeito da escola sobre os indivíduos de distintas faixas etárias em relação ao uso de formas padrão de 3ª pessoa do plural, vejamos o cruzamento das variáveis faixa etária e escolaridade:

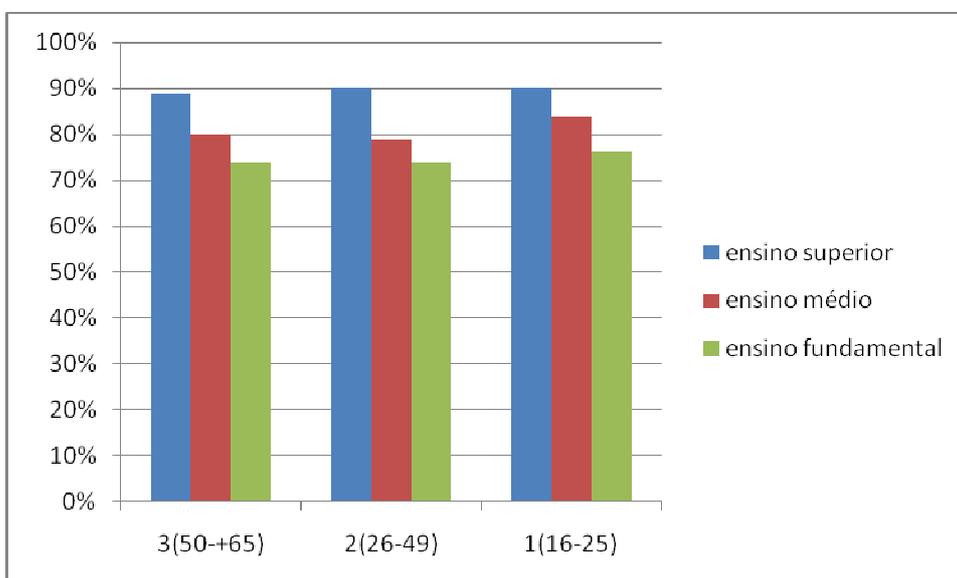


Gráfico 23 - Aplicação de concordância verbal padrão, segundo o cruzamento das variáveis faixa etária e escolaridade (em percentuais)

O gráfico 23 demonstra que quanto maior a escolaridade do indivíduo, mais se utiliza de formas padrão, pois, em todas as faixas etárias, são os indivíduos com ensino superior (ou cursando tal nível) que apresentam as maiores freqüências de concordância verbal de 3ª pessoa do plural. Esse gráfico também permite que observemos que a escola, independentemente da idade do informante exerce a mesma influência: um aumento gradual de emprego de formas padrão, à medida que sobe o grau de escolarização do indivíduo, apesar de haver um decréscimo de 1% de uso de formas padrão por parte dos informantes do ensino médio pertencentes à faixa etária intermediária em relação aos da faixa etária mais velha. Esse 1% pode ser em decorrência de efeito da amostra.

Vejam os resultados do cruzamento entre as variáveis faixa etária e classe social no gráfico que segue:

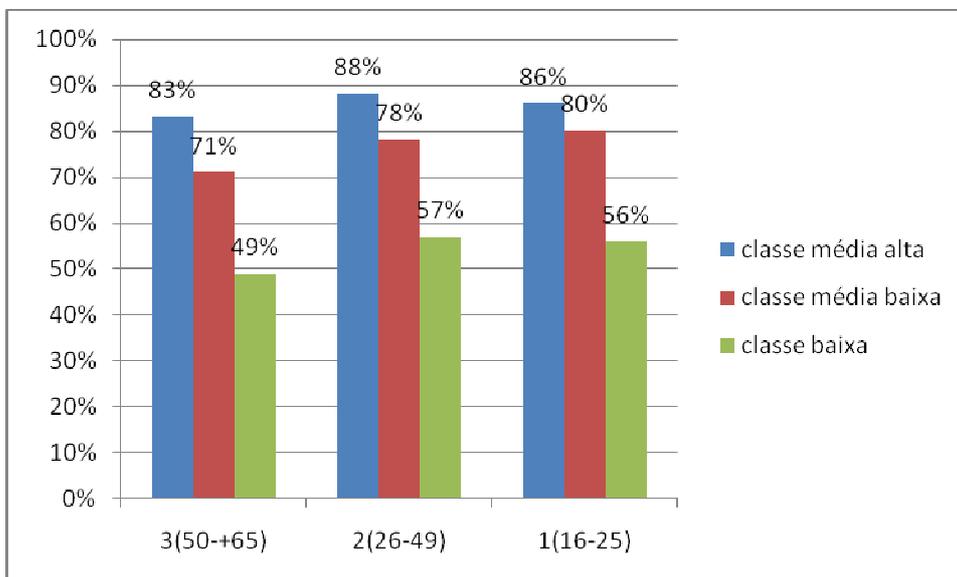


Gráfico 24 - A distribuição da concordância verbal padrão por faixa etária e classe social, no VarX, Pelotas (em percentuais)

Com base no gráfico 24, podemos observar que nossa amostra indica que, em relação ao percentual de uso de formas padrão, há uma diferença maior entre os indivíduos da mesma faixa etária nas distintas classes sociais, em outras palavras, a classe social é mais importante para determinar o emprego de desinências padrão do que a idade do informante.

Esses resultados, à luz da hipótese em discussão, podem significar que o uso de desinências padrão de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, é um fenômeno de variação estável, mas com evidências de aquisição, pois os mais novos se utilizam mais delas em relação aos mais velhos, que, por sua vez, apresentam percentagens mais baixas de formas padrão, em relação aos informantes das faixas intermediária e mais nova.

Dando continuidade à discussão da hipótese relativa à concordância verbal padrão de 3ª pessoa do plural em Pelotas, vejamos o que a variável gênero tem a nos dizer sobre o uso de formas padrão e não padrão, com base nos dados do VarX.

Tabela 17 - A aplicação de concordância padrão, segundo a variável gênero

Faixa Etária	Aplicação / total	%	Peso relativo
Homens	1341/1798	74	0,53
Mulheres	1857/2530	73	0,47
Total	3198/4318	74	

Embora os percentuais de uso de concordância verbal padrão de 3ª pessoa do plural entre homens e mulheres sejam próximos, respectivamente 74% e 73%, os pesos relativos são consideravelmente distintos, sendo os homens que favorecem o emprego de formas padrão (0,53), enquanto as mulheres inibem seu uso (0,47). Esse resultado contraria nossa expectativa inicial, uma vez que vários autores, a exemplo de Chambers (1995) e Haeri (1996) afirmam que as mulheres tendem a usar mais formas de prestígio em relação aos homens. E a rodada com concordância verbal de 3ª pessoa do plural *versus* sem concordância ilustra as mulheres empregando mais desinências verbais de 3ª pessoa do plural em comparação aos homens. Mas, agora, há uma inversão em relação ao uso de formas-padrão, os homens as favorecem mais em relação às mulheres.

Na tentativa de explicar o fato de os homens favorecerem o emprego de formas padrão em relação às mulheres, investigaremos o processo de mobilidade social de ambos os gêneros em Pelotas, pois as pesquisas sociolinguísticas envolvendo gênero têm demonstrado que não é possível avaliar a linguagem de homens e de mulheres, sem prestar atenção ao seu processo de socialização, bem como à dinâmica de mobilidade social, que caracteriza cada comunidade de fala. Acerca da mobilidade social das mulheres, em Pelotas, Santos (2007) acredita que as pelotenses teriam maior mobilidade social, em relação a mulheres de outros estudos, a exemplo das de Bortoni-Ricardo, em Brazlândia. Estas últimas são migrantes recém vindas do alto Paranaíba, Minas Gerais, e ficam em casa, cuidando dos filhos e da casa, em consequência, em sua fala, permaneceriam as características de seu dialeto original, da região do Paranaíba. A pesquisadora diz “[...] as mulheres pelotenses teriam maior mobilidade social, não ficando confinadas ao lar, ao bairro, o que proporciona um maior contato com a variedade padrão” (SANTOS, 2007, p. 127-128).

Nossa suspeita é de que o não favorecimento da concordância verbal padrão por parte das mulheres da nossa amostra possa ser um indício de que a desinência padrão não tenha tanto prestígio quanto supúnhamos, em Pelotas, salientando, todavia, que parece haver prestígio em seu emprego. Por isso, discutiremos o cruzamento das variáveis gênero e classe social, com o propósito de examinar melhor essa questão da mobilidade social e do prestígio

envolvendo formas padrão de 3ª pessoa do plural, pois com base nos resultados de classe, teremos uma noção da ocupação dos informantes.

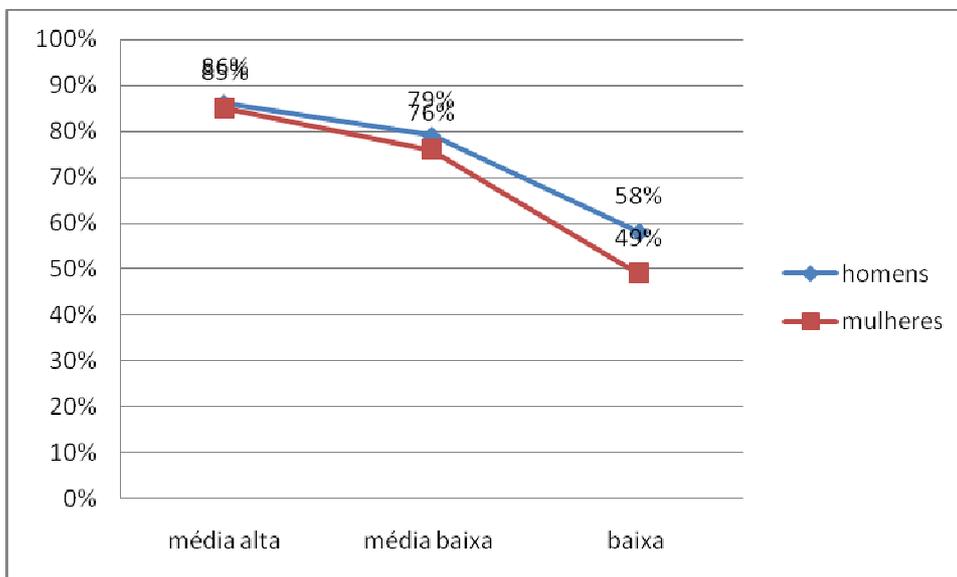


Gráfico 25 - Aplicação de concordância verbal padrão de 3ª pessoa do plural, segundo o cruzamento das variáveis gênero e classe social (em percentuais)

Os resultados apresentados no gráfico anterior, com base nos noventa entrevistados do Banco de Dados VarX, permitem observar que, nas classes mais altas, praticamente não há diferenças entre homens e mulheres quanto ao emprego de formas padrão. Os percentuais são os seguintes: média alta, homens 86% e mulheres 85%, e média baixa: homens 79% e mulheres 76%. Somente na classe baixa, há diferença quanto ao emprego de formas padrão na terceira pessoa do plural: homens com 58% e mulheres 49%. Essa diferença chama a atenção, até porque as mulheres, em geral, são as responsáveis pela educação dos seus filhos, motivo pelo qual, possivelmente, se esmeram na linguagem e tentam usar formas de maior prestígio, em que se inclui, a princípio, a concordância verbal padrão de 3ª pessoa do plural. O comportamento de ambos os gêneros, na classe baixa, pode significar que há um dialeto masculino e outro feminino, cuja mola propulsora podem ser as pressões do mercado de trabalho, que recaem mais sobre os homens da classe trabalhadora em relação às mulheres. Um exame mais detalhado da história de vida desses informantes talvez permitisse compreender melhor esse resultado.

Com base nos resultados da variável gênero, principalmente no cruzamento dessa variável com classe social, acreditamos que haja indícios de que marcar concordância verbal padrão de 3ª pessoa do plural apresenta prestígio, pois quanto maior a classe do informante,

independentemente do fato de ser homem ou mulher, maior o uso de formas padrão de 3ª pessoa do plural. Por isso consideramos importante examinar o cruzamento das variáveis gênero e faixa etária, com o propósito de investigarmos essa nossa suspeita.

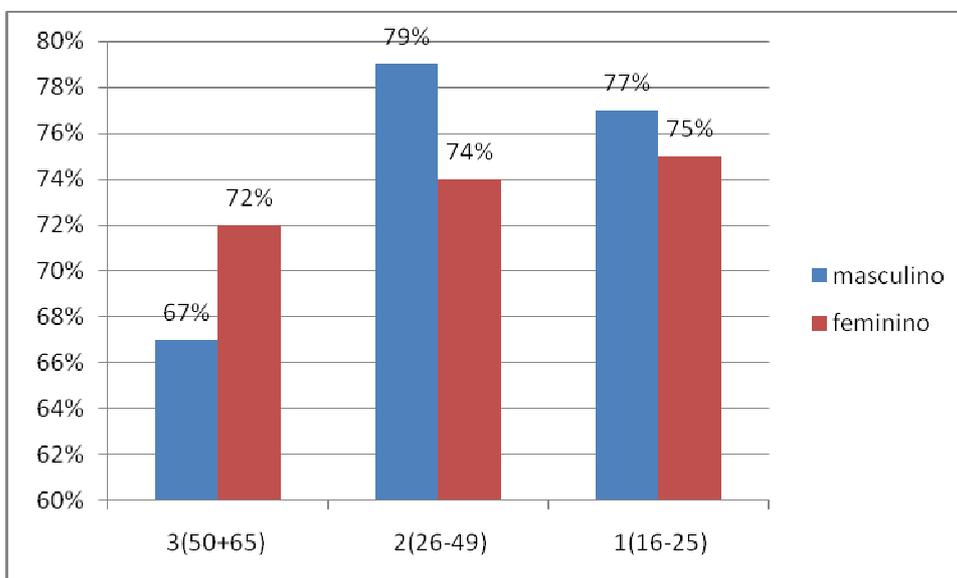


Gráfico 26 - Aplicação de concordância verbal padrão de 3ª pessoa do plural, segundo o cruzamento das variáveis gênero e faixa etária (em percentuais)

Parece não haver um dialeto de homens e outro de mulheres quanto ao emprego de formas padrão de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, pois ambos os gêneros trazem percentuais bastante próximos. No caso das mulheres mais velhas, são elas que usam mais formas padrão em relação aos homens, o que pode estar a indicar que usar desinências padrão, na cidade em questão, talvez tivesse mais prestígio em outra época, há, aproximadamente, 60 anos, pois somente na faixa etária mais velha da amostra, elas, aparentemente, empregam mais formas padrão de 3ª pessoa do plural, embora a diferença esteja apenas em torno de 5%; nas demais faixas etárias, ou seja, na intermediária e entre os mais novos, são os homens que usam mais formas padrão.

Em suma, à luz da nossa hipótese de que, em Pelotas, fala-se um português com marca, mas essa marca pode ser padrão ou não padrão, os resultados da variável gênero mostram que praticamente não há diferenças quanto ao emprego de formas padrão entre ambos os gêneros. São os homens que favorecem o uso de formas padrão, em todas as classes sociais, embora os percentuais sejam próximos, somente entre os informantes mais velhos, as mulheres empregam mais formas padrão em relação a eles. E quanto ao emprego das formas não-padrão: nasaladas versus desnasaladas, os resultados para ambos os gêneros também são

próximos, porém são os homens que usam mais formas desnasalizadas de 3ª pessoa do plural (62%) em relação às mulheres (61%).

Em se tratando de classe, examinemos seu efeito na concordância verbal padrão de 3ª pessoa do plural, com base no VarX, Pelotas.

Da mesma forma como fez Amaral (2003), antes de fundir os três indicadores de classe social em uma única variável, quais sejam, ‘renda e patrimônio’, ‘escolaridade’ e ‘ocupação’, o efeito desses indicadores foi medido em conjunto e isoladamente. Em outras palavras, fizemos rodadas distintas, uma com cada indicador de classe constituindo sozinho a variável classe social (excluindo os demais), e com os três indicadores incluídos simultaneamente na mesma análise, cada um formando um grupo de fatores. O indicador ‘escolaridade’ foi considerado pelo programa como o melhor indicador para o uso da concordância verbal padrão de 3ª pessoa do plural. Em consequência desse resultado, podemos concluir que a forma padrão está sendo aprendida em virtude da escola.

Os resultados vêm ao encontro dos do autor, embora os dele sejam relacionados à segunda pessoa do singular. Com base em nossa amostra, são os informantes mais favorecidos socialmente, isto é, com maior renda e patrimônio, maior escolaridade e ocupação intelectualizada, respectivamente, 84%, 85% e 82%, os que empregam percentuais mais altos de concordância verbal padrão de 3ª pessoa do plural, conforme mostram os resultados na tabela que segue. Convém chamar atenção do fato de que inserimos os pesos relativos somente para o fator escolaridade, único indicador selecionado como significativo.

Tabela 18 - A importância dos componentes ‘Zona de residência’, ‘Escolaridade’ e ‘Ocupação’ para a definição de Classe Social no VarX – Pelotas (taxas de aplicação, totais de ocorrências, percentuais, pesos relativos)

Variável	Fatores	Aplicação/ ocorrências	Percentual padrão	Peso relativo
Zona de residência	Centro	1184/1400	84%	
	Periferia	1223/1576	77%	
	Arrabalde	766/1307	68%	
Escolaridade	Superior	1349/1584	85%	0,65
	Média	1220/1576	77%	0,51
	Fundamental	1123/604	53%	0,26
Ocupação	Intelectual	1293/1567	82%	
	Técnica	1245/1585	78%	
	Manual	635/1131	56%	
TOTAIS		3173/4283	74%	

Esses resultados permitem inferir, com base em Bourdieu (1986, apud AMARAL, 2003), que quanto mais capital social acumulado, maior o capital lingüístico. Isso pode ser visto como um indício de que as formas padrão de 3ª pessoa do plural possuem prestígio na comunidade pelotense, de forma que, quanto mais alta a classe do indivíduo, mais tende a empregar formas padrão de 3ª pessoa do plural. É o que mostram os resultados da variável classe social, conforme o Banco de Dados VarX, em Pelotas.

Tabela 19 - A aplicação de concordância padrão, segundo a variável classe social

Classe social	Aplicação / total	%	Peso relativo
Média alta	1345/1576	85	0,64
Média baixa	1242/1605	77	0,53
Baixa	611/1137	54	0,26
Total	3198/4318	74	

Conforme já dito anteriormente, os resultados de concordância padrão para as três classes sociais apresentam resultados que confluem para nossa expectativa inicial, já que mostram os indivíduos da classe social média alta como favorecedores da marca padrão de concordância verbal de 3ª pessoa do plural (85% e peso relativo de 0,64), bem como os da classe média baixa (77% e peso relativo de 0,53); enquanto os da classe baixa inibem fortemente o emprego de formas padrão (54% e peso relativo de 0,26). Nossos resultados estão muito próximos dos encontrados por Santos (2007), os quais estão ilustrados no gráfico que segue:



Gráfico 27 - Aplicação de concordância verbal padrão, segundo a variável classe social

Fonte: Santos (2007, p. 123).

Na pesquisa de Santos (2007), que somente analisou duas das três classes sociais do Banco de Dados VarX, também a classe média alta favorece o emprego de formas padrão de 3ª pessoa do plural, enquanto a classe baixa inibe o uso dessas formas.

Nossos resultados e os de Santos (2007) sustentam a tese de que, da mesma forma como defendido por Amaral (2003), ao estudar a segunda pessoa do singular, em Pelotas, há estratificação social, pois o emprego de formas padrão de 3ª pessoa do plural é favorecido entre os indivíduos de classe média alta, bem entre os de classe média baixa, mas é inibido pelos da classe baixa. E quanto às formas não-padrão desnasaladas nas classes sociais, nossos resultados, em partes, permitiram que se visualizasse o que Santos (2007) já havia observado: a forma nasalada estava presente nas duas classes por ela estudadas, a classe baixa e a classe média alta, lembrando que na sua amostra não havia informantes da classe média baixa, e como encontrou peso relativo favorecedor para a forma desnasalada na classe baixa, defende a ideia de que seja um indicativo de classe. Em nosso estudo, essa forma encontra favorecimento entre os indivíduos das classes média baixa e classe baixa, sendo desfavorecida entre os da classe média alta. Para Santos (2007), o quadro que teria originado a forma desnasalada -u teria passado pelo seguinte processo: *falam ~ falum ~ falu*, ideia com que concordamos.

Sobre a hipótese em discussão, os resultados da variável classe social, bem como os cruzamentos entre ela e faixa etária, gênero, os quais foram ilustrados anteriormente, na discussão dessas variáveis sociais, permitem afirmar que classe social é determinante para o emprego de formas padrão e não-padrão de 3ª pessoa do plural em Pelotas, sobrepondo-se, inclusive, a faixa etária e gênero.

Por último, a fim de obtermos os resultados da variável escolaridade de forma separada de classe social, foi realizada uma nova rodada, em que excluimos os contextos sem presença de marca de 3ª pessoa do plural. Nessa nova rodada, a variável dependente foi estabelecida como *padrão*, compreendendo os contextos terminados pelo ditongo nasal [ãwn], que contém todas as ocorrências de ditongo nasal padrão (*brincam, são, fazem*); como *nasalada*, compreendendo os contextos terminados pelo monotongo nasal [un]: *brincum*; e como *monotongo desnasalado* [u]: *brincu*. Dessa rodada, interessam-nos somente os resultados da variável escolaridade, os quais constam no gráfico que segue:

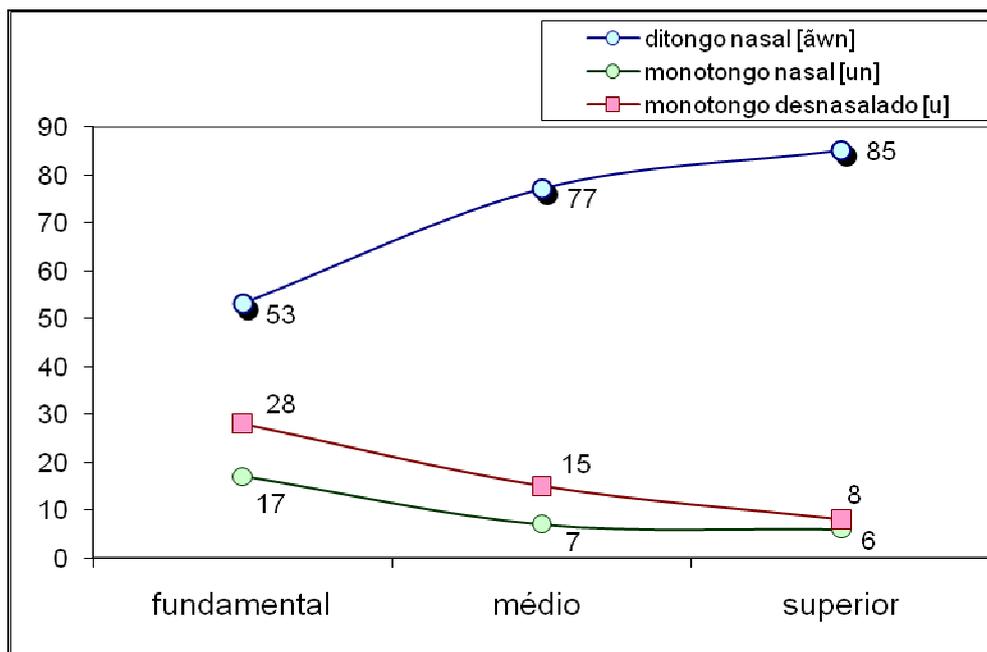


Gráfico 28 - Aplicação de concordância verbal, segundo a variável escolaridade (em percentuais)

O gráfico 28 permite inferir que a escola tem um papel importante em Pelotas, pois à medida que sobe o grau de escolarização, aumentam muito os percentuais de emprego de desinências verbais padrão de 3ª pessoa do plural e decresce o uso de formas não-padrão. Investiguemos melhor essa questão com base no gráfico 29, o qual apresenta os pesos relativos de uso de [ãwn], que contém todas as ocorrências de ditongo nasal padrão (*amam, amarão, sejam*), das formas não-padrão: monotongo nasal [un] e do monotongo desnasalado [u]:

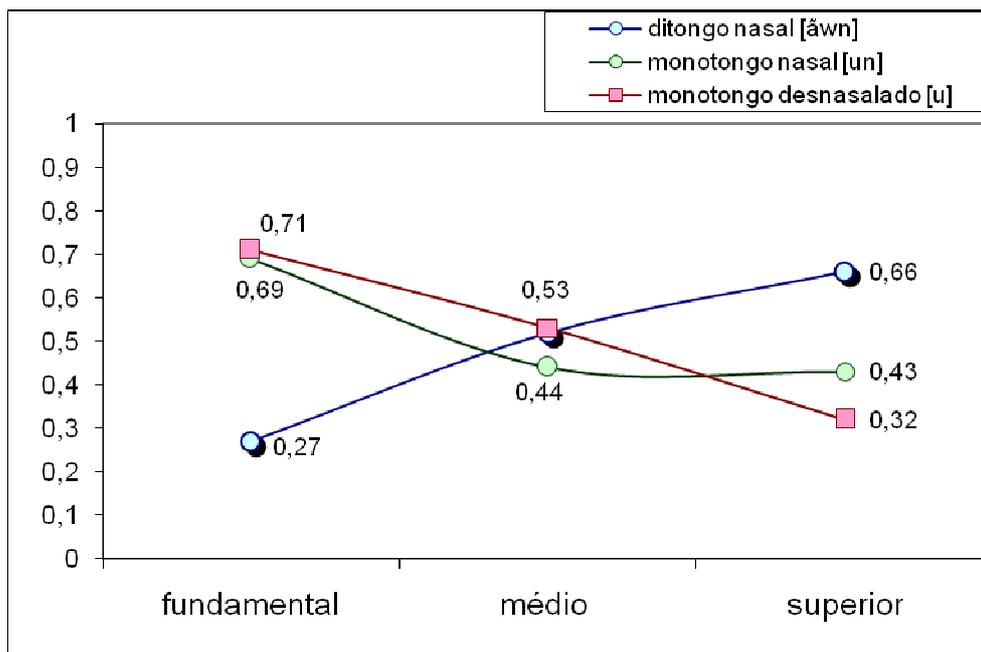


Gráfico 29 - Aplicação de concordância verbal, segundo a variável escolaridade (em pesos relativos)

Realmente a escola apresenta um papel importante para o aprendizado das formas padrão, pois de acordo com o gráfico 29, observamos que as formas padrão apresentam pesos relativos favorecedores entre os informantes com ensino médio e superior, respectivamente, 0,53 e 0,66. Sobre a importância da escola, nas entrevistas do Banco de Dados VarX, os informantes, inclusive, falam dela. Leiamos um excerto da fala da informante 12, que cursa pedagogia.

Eu sei... minha mãe parou de estudar, né, tava fazendo escola na época, e parou de estudar. Hoje não tem perspectiva, mas e eu não vou parar de estudar, pretendo não parar, mas se não faz uma coisa muito forte, sabe tem uma coisa que tenho que contar, não é porque ela passou por isso [...] (VarX 12, mulher).

Já quanto ao uso das formas não-padrão de 3ª pessoa do plural, a nasalada traz peso relativo favorecedor entre os indivíduos do ensino fundamental, sendo desfavorecida entre os dos outros dois níveis de ensino; por outro lado, a forma desnasalada é favorecida entre os informantes dos níveis fundamental e médio e desfavorecida entre os com ensino superior.

Dando continuidade à análise da variável escolaridade, temos um resultado muito interessante que mostra que o tempo de permanência do indivíduo na escola em número de

anos tem contribuído para a aquisição/emprego de marcas padrão de 3ª pessoa do plural, conforme que mostra o gráfico 30, na sequência:

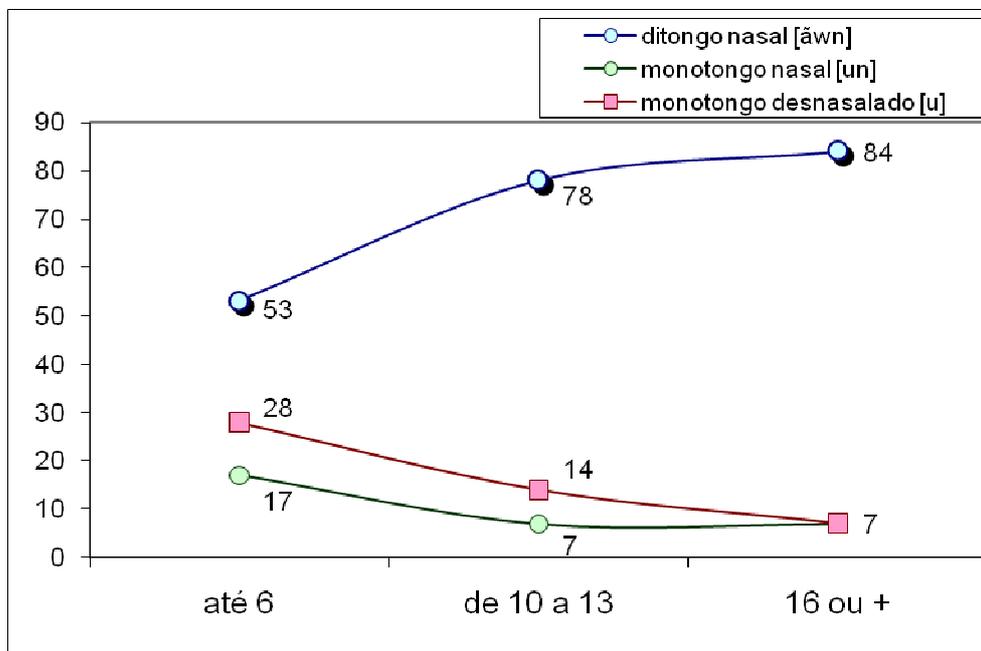


Gráfico 30 - Aplicação de concordância verbal, segundo a variável tempo de permanência na escola (em pesos percentuais)

Com base nesse gráfico, fica claro que o tempo de permanência do indivíduo na escola, o que não implica necessariamente avanço de séries por ele, é fundamental para a aquisição ou emprego de formas padrão. E esse aumento é diretamente proporcional à diminuição de uso de formas não-padrão nasaladas e desnasaladas pelos indivíduos da amostra, pois à medida que passam mais tempo na escola, em anos, menos empregam as desinências não-padrão. Portanto, a escolaridade do informante, bem como o tempo de permanência dele na escola são fatores determinantes para o uso de formas padrão ou não-padrão.

No decorrer das páginas desta subseção, analisamos os resultados das variáveis sociais da rodada padrão versus não-padrão, a fim de testar a última hipótese desta tese: em Pelotas, fala-se um português com marca de 3ª pessoa do plural, mas essa marca pode ser padrão ou não padrão. Embora houvesse vários processos envolvidos na realização da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, discutimos de forma superficial a nasalização não-padrão: *brincarum*, e a desnasalização não-padrão: *brincaru*, porque, de outra maneira, ultrapassaríamos os limites desta tese.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acesso ao Banco de Dados Sociolinguísticos Variáveis por Classe Social – VarX – foi imprescindível para o desenvolvimento desta tese sobre a concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, na perspectiva variacionista, uma vez que esse banco dá um tratamento diferenciado às variáveis sociais, principalmente à classe social; em estudos sociolinguísticos do Brasil, na grande maioria das vezes, as pessoas eram ranqueadas em classes somente com base em seu nível escolar, independentemente de outros indicadores sociais considerados por Amaral (2003) como ‘ocupação/profissão’, ‘renda/patrimônio’, na constituição do Banco de Dados VarX. Este estudo, dentro de suas limitações, juntar-se-á a outros acerca da mesma temática, a fim de contribuir para traçar o panorama geral da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, no português popular brasileiro. Nesse intuito, procedemos à análise de presença *versus* ausência de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em que foram discutidas e analisadas as variáveis sociais e linguísticas concebidas para o fenômeno em estudo, e tradicionalmente relacionadas à concordância verbal de 3ª pessoa do plural. Também procedemos à análise do emprego da concordância verbal padrão *versus* não-padrão de 3ª pessoa do plural e à análise da concordância verbal não-padrão nasalada *versus* desnasalada. Sobre essas duas últimas análises, convém salientar que somente discutimos os resultados das variáveis sociais, pois ainda são necessárias outras teorias para explicar os processos envolvidos na variação da concordância verbal padrão *versus* não-padrão de 3ª pessoa do plural.

5.1 SÍNTESE DOS RESULTADOS DAS ANÁLISES QUANTITATIVAS

No decorrer da discussão dos resultados, observamos que, em Pelotas, fala-se um português com variação, mas com predomínio do uso de marca de 3ª pessoa do plural, pois de 5.263 contextos, houve desinências em 4.317 (82%) e em 945 verbos não ocorreram marcas de plural (18%). Esses altos percentuais de verbos com concordância verbal são próximos aos encontrados por outras duas pesquisadoras cujas amostras são urbanas de falantes monolíngües do Projeto Varsul. O primeiro estudo a que nos referimos é o de Monguilhott (2001), em Florianópolis, e o segundo é o de Barden (2004), em Porto Alegre. As duas autoras obtiveram 79% de desinências verbais, em cada uma das cidades estudadas. Os altos

percentuais de uso de desinências de 3ª pessoa do plural com base nas entrevistas do Banco de Dados VarX, em Pelotas, podem estar associados aos aspectos socioculturais da cidade, destacando-se o fato de ter sido considerada um pólo econômico, artístico e cultural, cuja formação remonta à aristocracia, como muito bem descreve Magalhães (1993, p. 119):

De fato, a indústria do charque, além do princípio fundamental da economia de Pelotas durante o século passado, constituiu na época, um fator preponderante para a geração de riquezas e que acabou por transformar Pelotas em uma espécie de centro cosmopolita, onde o charque direcionou para seus charqueadores e estancieiros, o acúmulo de fortunas, bem como prestígio social e político, este último observado pelo número de representantes pelotenses no Parlamento do império. É desta época, que remonta um maior número de cidadãos pelotenses agraciados com títulos nobiliárquicos, dando um tom aristocrático à sociedade pelotense.

Apesar de a indústria do charque empregar mão de obra escrava, que era em grande número em Pelotas, e provavelmente não falava português com concordância verbal, ainda assim, acreditamos que esse passado aristocrático de Pelotas e as conseqüências advindas desse fato podem, de alguma forma, ter influenciado na linguagem de seus cidadãos, contribuindo para que seus conterrâneos falem um português com predomínio de marca de 3ª pessoa do plural, como demonstraram os resultados discutidos na seção *Descrição e Análise dos Resultados*.

A amostra em estudo, especificamente os resultados das variáveis faixa etária, classe social, gênero, escolaridade, saliência fônica, posição do sujeito, tipo de discurso permitem afirmar que, em Pelotas, a variação na concordância verbal de 3ª pessoa é estável, mas há indícios de aquisição de marca nessa pessoa verbal.

Os resultados da variável faixa etária exibem variação estável, uma vez que não houve diferenças significativas no emprego de desinências verbais de 3ª pessoa do plural entre os indivíduos das seis faixas etárias estudadas, mas há indícios de aquisição de marca, que transparecem, inclusive no cruzamento dessa variável com outras. Entre os indícios, está o comportamento dos indivíduos das faixas etárias mais novas e mais velhas, pois, de um lado, os mais novos favorecem o uso da marca (16-20 e os de 21-25, ambos com percentual de 83% e peso relativo de 0,52), de outro, os mais velhos inibem esse uso (50-64 anos com 82% de presença de desinências e peso relativo de 0,50; e os com mais de 65 anos com 81% e peso relativo de 0,49). Estranhamente são os indivíduos de 38-49 anos os que aparecem com os menores percentuais e peso relativo de emprego de desinências verbais (79% e peso relativo de 0,45), apesar de esperarmos que favorecessem esse emprego, uma vez que essa faixa etária sofre, de forma mais acentuada, as pressões do mercado de trabalho e também em função do

exercício da maternidade. Por isso não encontramos uma explicação razoável para o comportamento lingüístico dos indivíduos dessa idade.

Como havíamos observado uma relativa estabilidade no uso de zero nas faixas etárias estudadas, em torno de 18%, apesar de a ausência de marca de 3ª pessoa do plural ser estigmatizada, particularmente em seqüências sujeito+verbo, investigamos possíveis relações entre idade e classe social, procedendo ao cruzamento das variáveis classe social e faixa etária, em relação ao emprego de zero. Esse cruzamento mostra que existe uma oscilação de 5% de ausência de marca nessa pessoa verbal, nas classes estudadas, ao longo do tempo. Porém essa oscilação ocorre de modo diferente em cada classe: na classe média baixa, a linha medianizada mostra uma oscilação maior: decréscimo de uso de formas sem desinências na terceira pessoa do plural, à medida que o tempo passa; na classe baixa, essa oscilação é um pouco menor; já na classe média alta, a oscilação é mínima quanto ao emprego de formas zero, nos últimos sessenta anos. Com base nos resultados desse cruzamento, encontramos uma informação fundamental sobre a direção na variação da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas: cremos que haja um indício de estar sendo adquirida, porque há um decréscimo de uso de formas verbais com marca zero, nessa pessoa verbal, cuja direção é dos informantes mais velhos para os mais novos.

O cruzamento entre as variáveis faixa etária e gênero do informante, em relação a zero, também nos fornece pistas para a direção da variação de 3ª pessoa do plural. Esse cruzamento mostra que quanto menos idade, menos homens e mulheres empregam a marca zero com verbos na 3ª pessoa do plural. Inversamente, pode significar que estão, cada vez mais, falando português com marca, nessa pessoa verbal. Cabe salientar que, na fala masculina, o decréscimo da forma zero é mais visível que na feminina. Outro resultado que pode contribuir para a discussão da direção da variação na concordância verbal de 3ª pessoa do plural é o cruzamento entre a variável faixa etária e escolaridade, segundo esse, ao longo do tempo, no VarX, em Pelotas, houve um aumento gradual de uso de desinências verbais de 3ª pessoa do plural, em relação a informantes do Ensino Médio e Ensino Fundamental, particularmente na faixa etária dos mais jovens, mas entre os indivíduos do Ensino Superior, a variação é estável, com altos percentuais de presença de concordância.

Enfim, os resultados da variável faixa etária oferecem vários indícios de que a variação na concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, apesar de ser estável, numa observação mais geral ou superficial, está, de fato, sendo adquirida gradualmente, no português contemporâneo. Desta forma, os resultados da nossa amostra vão ao encontro dos preconizados por pesquisadores cujos trabalhos são acerca da mesma temática e com base em

amostras urbanas, como Monguilhott (2001) e Barden (2004), os quais concluíram que essa variação era estável, embora não falassem em indícios de aquisição de marca. Distingue-se também da variação de 2ª pessoa do singular, sobre a qual Amaral (2003) conclui que existe uma mudança linguística quase completada, cuja direção é a perda de desinências verbais de 2ª pessoa do singular em Pelotas.

A hierarquia de saliência fônica praticamente é sustentada pelos resultados encontrados, com base no Banco de Dados VarX, uma vez que todos os verbos das oposições menos salientes: m (come-comem, fale-falem); b (fala-falam, ia-iam); g (faz-fazem, querem) inibem o uso de marca, apresentando, respectivamente: 72% e peso relativo de 0,30; 79% e peso relativo 0,40; 72% e peso relativo de 0,35. Já os verbos das categorias mais salientes favorecem essa marca, ou seja, t (dá-dão, está-estão); u (sumiu-sumiram, incluindo foi-foram); v (é-são, falou-falaram, fez-fizeram), apresentando, respectivamente, os seguintes resultados: 91% e peso relativo de 0,66; 86% e peso relativo de 0,57; 87% e pesos relativos de 0,66. Poderíamos afirmar que o princípio de saliência fônica atua sobre a nossa amostra, se os nossos resultados ilustrassem valores crescentes do sentido do fator m (come-comem, fale-falem) a v (é-são, falou-falaram, fez-fizeram), mas há duas inversões entre dois valores, uma entre a oposição menos saliente, e outra, entre a mais saliente.

A fim de testar nossa hipótese de que a concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, estaria sendo adquirida gradualmente, no português contemporâneo, no sentido das formas mais salientes para as menos salientes, procedemos ao cruzamento das variáveis saliência fônica e faixa etária, cujo resultado permite apenas afirmar que há uma relação entre presença de concordância verbal e a graduação das formas, de acordo com sua saliência, dado que o emprego dessas marcas nos distintos níveis de saliência fônica é muito próximo, entre as distintas faixas etárias, ou seja, ao longo do tempo.

Antes de retomarmos os resultados da variável classe social, é importante relembramos que, para sua definição no Banco de Dados VarX, Amaral (2003) considerou concomitantemente indicadores como: 'ocupação/profissão', 'zona de residência' e 'escolaridade', sendo que neste estudo da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, 'escolaridade' foi selecionada pelo programa como o indicador que melhor representa a concepção de classe social em Pelotas.

Classe social foi a única variável social considerada estatisticamente relevante na rodada com concordância versus sem concordância verbal de 3ª pessoa do plural. Igual ao que ocorreu com a 2ª pessoa do singular (AMARAL, 2002), os resultados dessa variável parecem indicar que a presença de marca nessa pessoa verbal é vista pelos pelotenses da amostra como

tendo prestígio, pois quanto mais alta a classe social do informante, mais emprega desinências de 3ª pessoa do plural. São os informantes da classe média alta que favorecem o uso de formas de 3ª pessoa do plural (com 89% e peso relativo de 0,68), enquanto as classes média baixa (81% e peso relativo de 0,46) e classe baixa (75% e peso relativo de 0,32) inibem-na. Mas cruzando as variáveis classe social e faixa etária, há percentuais próximos entre uma classe e outra nas distintas faixas etárias quanto ao emprego de desinências de terceira pessoa plural. Nas três faixas etárias, são os informantes da classe média alta que utilizam mais formas de 3ª pessoa do plural, seguidos dos da classe média baixa, e por último aparecem os da classe baixa. Sobre o cruzamento entre as variáveis classe social e gênero, observamos que, independentemente de classe, as linhas de tendência de emprego de formas verbais na 3ª pessoa do plural praticamente se sobrepõem de tão próximas. São as mulheres das classes médias que usam mais marcas em relação aos homens dessas classes; todavia, na classe baixa, são os homens que usam percentuais maiores de desinências, diferenciando-se dos resultados de Amaral (2003, p.155-156), em que as mulheres, independentemente de classe, lideravam o emprego de concordância verbal de 2ª pessoa do singular.

Enfim, nossos resultados confirmam que a variável classe social tem relação com a concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, já que é favorecida pela classe média alta e inibida pelas demais. Além disso, esses resultados dão suporte à hipótese de que a variação na concordância verbal de 3ª pessoa do plural é estável, mas com amostras de aquisição de marcas, conforme já demonstrado durante a discussão dos resultados de diversas variáveis, principalmente faixa etária.

Com base na nossa amostra, é possível afirmar que a escola exerce influência sobre os indivíduos, contribuindo para o emprego de marcas de 3ª pessoa do plural, mas somente os informantes do nível superior favorecem o uso dessas marcas, contrariando nossa expectativa, já que esperávamos que os informantes com ensino médio também mostrassem pesos relativos favoráveis ao emprego de marcas, como ocorreu nos estudos de Monguilhott (2001) e de Barden (2004). O cruzamento entre as variáveis escolaridade e gênero mostra que escola exerce efeito semelhante sobre homens e mulheres, contribuindo para que ambos empreguem mais marcas de 3ª pessoa do plural, à medida que avançam nos níveis escolares. O cruzamento entre as variáveis escolaridade e faixa etária traz resultados interessantes para a nossa hipótese de aquisição, pois, com base nele, observamos que a escola exerce mais pressão sobre as pessoas mais novas, as quais concordam mais o verbo ao sujeito, em relação às mais velhas, resultado esse que pode ser atribuído à escolarização.

De acordo com nossa expectativa inicial, são as mulheres (com 82% e peso relativo de 0,51) que empregam mais desinências verbais de 3ª pessoa do plural em relação aos homens (80% e peso relativo de 0,48), apesar dos percentuais e pesos relativos serem próximos. Sobre a hipótese de aquisição, esse resultado poderia ser um sinal de variação estável, já que conforme Chambers e Trudgill (1980), nesse tipo de variação, o gênero feminino se mostra mais sensível ao uso de formas de prestígio, e usar desinências verbais de 3ª pessoa do plural tem prestígio, pois as mulheres das classes médias optam mais por concordar o verbo ao sujeito. O resultado das variáveis gênero e faixa etária traz indício de aquisição de marcas, uma vez que praticamente mostra as mais jovens com maiores percentuais de marca, e na visão de Chambers e Trudgill (1980), poder-se-ia tratar de uma variação com probabilidade de mudança se se tratasse de emprego de formas inovadoras, mas no estudo em questão, trata-se de aprendizagem de língua padrão, por pressão da escola e da normatização. Por essa razão, pode não apresentar os padrões esperados.

A posição do sujeito em relação ao verbo afeta a concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas. O sujeito anteposto contíguo é o único que realmente favorece a presença de concordância (86%, e peso relativo de 0,58); seguido do sujeito anteposto não-contíguo (80%, mas seu peso relativo está somente um pouquinho acima do neutro: 0,51); desfavorece fortemente a concordância verbal de 3ª pessoa do plural o sujeito posposto (50% e peso relativo de 0,20). O cruzamento entre as variáveis posição do sujeito e classe social revelou que as três classes estudadas, em Pelotas, costumam apagar a concordância com sujeito posposto. Esses resultados condizem com os de outros estudos realizados com base em amostras do português popular.

Com relação à concordância verbal padrão versus não-padrão de 3ª pessoa do plural, na rodada sem os verbos com a forma zero, obtivemos 74% de dados com concordância verbal padrão de 3ª pessoa do plural (*eles estão, eles precisam, eles sabem*), contra apenas 26% de dados de concordância verbal não-padrão (*eles virum, eles viru, eles estudim*). Em outra rodada, incluindo as formas com zero, o resultado foi um pouco diverso: 62% de formas padrão de 3ª pessoa do plural, 18% de verbos sem desinência (zero), 13% de formas não-padrão desnasaladas (*eles brincu*) e 8% de formas não-padrão nasaladas (*eles brincum*). Atribuímos esse alto percentual de emprego de formas padrão, em Pelotas, aos aspectos socioculturais da cidade, bem como ao processo de padronização do português brasileiro, realizado pela escola, como vimos acima. A esse respeito cabe lembrar que, para Guy e Zilles (2008), as variedades do português estariam passando por um processo de aquisição de marca padrão, causando o progressivo desaparecimento das variedades

linguísticas populares, incluindo-se nesse processo a concordância verbal de 3ª pessoa do plural. Os autores também fazem referência às grandes mudanças sociais ocorridas no país, relativas à urbanização, à industrialização, ao avanço das classes populares na educação e literatura, migração interna brasileira, e à melhoria no transporte e comunicação.

Antes de retomar, de forma sucinta, os resultados que possam conter evidências para a hipótese relacionada à concordância verbal padrão versus não-padrão, que é de que, em Pelotas, fala-se um português com marca de 3ª pessoa do plural, mas essa marca pode ser padrão ou não-padrão; salientamos que todas as variáveis testadas na rodada padrão *versus* não-padrão foram consideradas estatisticamente relevantes pelo Varbrul.

Os resultados da variável faixa etária parecem indicar que, nessa cidade, existe a aquisição de formas padrão de 3ª pessoa do plural, dado o fato dos informantes das duas faixas etárias mais jovens favorecerem o uso de formas padrão. Os informantes de 16-20 apresentaram um percentual de 74% e peso relativo de 0,56; enquanto os informantes de 21-25 alcançaram 77% e peso relativo de 0,55. Os da faixa etária seguinte, 26-37, obtiveram percentual de 77%, mas peso relativo em torno do ponto neutro, 0,51. Novamente chama a atenção o comportamento dos indivíduos da faixa etária entre 38-49 (com 75% de uso de formas padrão e peso relativo 0,48) por inibirem as formas padrão e para cujo comportamento não encontramos razão. Também obtiveram pesos relativos desfavoráveis ao emprego da marca padrão os informantes mais velhos, os de 50-64 e os de mais de 65 anos, os quais apresentaram, respectivamente, 70% e peso relativo de 0,46, e 69% e peso relativo de 0,42.

A fim de podermos observar o comportamento dos indivíduos da amostra em três faixas etárias, quanto à distribuição dos verbos terminados pelo ditongo padrão na 3ª pessoa do plural (brincam, são, fazem), pelo monotongo nasal [un] (brincum) e pelo monotongo desnasalado [u] (brincu), procedemos a amalgamações em faixa etária, que resultou em: 16-25, 26-49, 50-mais de 65. Essa nova rodada parece indicar que houve um aumento gradual de emprego de formas padrão ao longo do tempo, cujos percentuais crescem dos mais velhos para os mais novos da amostra: 69%, 76%, 75%. Enquanto as formas não-padrão em [u] e [un] figuram com baixos percentuais em todas as faixas etárias.

Existe uma relação entre escolaridade e uso de formas padrão, pois a par do cruzamento das variáveis faixa etária e escolaridade, pudemos observar que, independentemente da idade do indivíduo da amostra, quanto mais escolarizado, mais se utiliza de formas padrão de 3ª pessoa do plural. Outro cruzamento com resultados interessantes é o entre as variáveis faixa etária e classe social, que revela que o fator classe social é mais importante para determinar o emprego de formas padrão do que a idade do

informante. Em outras palavras, os indivíduos da amostra comportam-se mais como os pares da mesma classe, independentemente da idade, do que como os informantes da mesma faixa etária, mas de outra classe social.

São os homens da amostra (74% e peso relativo de 0,53) que favorecem o emprego de formas padrão na 3ª pessoa do plural em relação às mulheres (73% e peso relativo 0,47), embora os percentuais entre os gêneros sejam próximos. Esse resultado contraria nossa expectativa, uma vez que a literatura sobre o assunto diz que as mulheres, em geral, são mais sensíveis às formas de prestígio. A fim de investigar melhor essa questão, procedemos ao cruzamento das variáveis gênero e classe social, que ilustra que homens e mulheres, nas classes altas, apresentam percentuais muito próximos de emprego de formas padrão; a diferença é maior na classe baixa, em que o percentual masculino é de 58% e o feminino de 49%. Esse resultado nos faz supor que somente na classe baixa, há um dialeto masculino e outro feminino, talvez a pressão do mercado de trabalho seja maior sobre os homens da classe trabalhadora, em Pelotas. Enfim, é possível que compreendêssemos melhor esse resultado, a partir de um exame minucioso da história de vida desses informantes, o que não foi possível fazer neste estudo.

O cruzamento entre as variáveis gênero e idade revela que usar desinências padrão de 3ª pessoa do plural, em outra época, em Pelotas, há uns sessenta anos, talvez tivesse maior prestígio do que hoje, pois somente as mulheres mais velhas da amostra empregam mais formas padrão em relação aos homens, enquanto nas demais faixas etárias, são os homens que optam mais por marcas padrão. Também quanto ao emprego de formas não-padrão desnasaladas, os percentuais entre ambos os gêneros são próximos.

Antes de retomar os resultados de classe social, é importante ressaltar que dentre os indicadores de classe: 'renda e patrimônio', 'escolaridade' e 'ocupação', o programa estatístico considerou 'escolaridade' como o que melhor representa classe social neste estudo da concordância verbal de 3ª pessoa, o que está a indicar que, em Pelotas, os indivíduos estão aprendendo marcas padrão graças à escola. Acerca dos resultados da variável classe social, nossa amostra demonstra que, igualmente ao que ocorreu na 2ª pessoa do singular (AMARAL, 2003), também na 3ª pessoa do plural, são os informantes com maior renda e patrimônio, escolaridade e ocupação intelectualizada (84%, 85% e 82%, respectivamente), que apresentam os maiores percentuais de concordância verbal padrão de 3ª pessoa do plural, em relação aos demais. Os resultados de concordância padrão para as três classes sociais estão em conformidade com nossa expectativa inicial, pois a classe social média alta favorece o emprego da marca padrão (85% e peso relativo de 0,64), bem como a classe média baixa

(77% e peso relativo de 0,53); enquanto a classe baixa inibe fortemente o emprego de formas padrão (54% e peso relativo de 0,26). E sobre o emprego das formas não-padrão desnasaladas (eles brincaru) pelas três classes sociais, com base em nossa amostra, é possível afirmar que a forma encontra favorecimento entre os indivíduos das classes média baixa e baixa, sendo desfavorecida entre os da classe média alta. Enfim os resultados da variável classe social e os cruzamentos entre ela e a variável faixa etária, e a variável gênero dão suporte para concluirmos que classe social é determinante para o emprego de formas padrão e não-padrão na 3ª pessoa do plural em Pelotas, sobrepondo-se, inclusive, a faixa etária e gênero.

Os resultados da variável escolaridade demonstram que quanto maior a escolaridade do indivíduo, mais usa formas padrão de 3ª pessoa do plural, ao mesmo tempo, em que passa a empregar menos formas não-padrão. As formas padrão são favorecidas pelos informantes com ensino médio e superior, respectivamente, 0,53 e 0,66, e são desfavorecidas entre os indivíduos do ensino fundamental, os quais apresentam peso relativo de 0,27 de uso de formas padrão. E as formas não-padrão nasaladas trazem peso relativo altamente favorecedor para os indivíduos do ensino fundamental (0,69), sendo desfavorecidas entre os dos outros dois níveis de ensino: médio e superior, apresentando, respectivamente, peso relativo de 0,44 e 0,43; enquanto a forma desnasalada é favorecida entre os informantes dos níveis fundamental (peso relativo de 0,71) e médio (peso relativo de 0,53) e desfavorecida entre os com ensino superior (peso relativo de 0,32). Outro resultado interessante relacionado à variável escolaridade é que o tempo de permanência do indivíduo na escola é decisivo para a aquisição ou emprego de formas padrão, e implica a diminuição de uso de formas não-padrão nasaladas e desnasaladas. Dessa forma, vimos que a escolaridade do informante, bem como o tempo de permanência dele na escola são fatores determinantes para o uso de formas padrão ou não-padrão.

5.2 AVALIAÇÃO DAS HIPÓTESES

A fim de avaliarmos as hipóteses propostas para esta tese, ilustraremos, na sequência, um quadro com a primeira hipótese e sub-hipóteses levantadas, evidências que as sustentam e evidências que as refutam com base na análise das noventa entrevistas que compõem o VarX de Pelotas/RS. Iniciaremos pelo quadro com as hipóteses relacionadas à rodada com presença *versus* ausência de concordância verbal de 3ª pessoa do plural.

Presença <i>versus</i> ausência de concordância verbal de 3ª pessoa do plural	Evidências favoráveis*	Observações
<p>1. A concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está sendo adquirida gradualmente, no português contemporâneo.</p>	<p>SIM</p>	<p>Os indivíduos mais novos da amostra (16-20 anos com 83% e 0,52) usam mais formas com desinências em relação aos mais velhos (+ de 65 anos com 81% e 0,49).</p> <p>Decréscimo de uso de formas verbais com marca zero, cuja direção é dos informantes mais velhos para os mais novos.</p> <p>Quanto menos idade, menos homens e mulheres empregam a marca zero com verbos na 3ª pessoa do plural. Inversamente, pode significar que estão, cada vez mais, falando português com marca, nessa pessoa verbal.</p> <p>Aumento gradual de uso de desinências verbais de 3ª pessoa do plural, em relação a Ensino Médio e Ensino Fundamental.</p> <p>A escola exerce mais pressão sobre as pessoas mais novas em relação às mais velhas, resultado esse que pode ser atribuído à escolarização.</p>
<p>1.1 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está associada à escala de saliência fônica, de modo que as formas mais salientes apresentam maior probabilidade de concordância.</p>	<p>SIM</p>	<p>Embora a hierarquia de saliência fônica não funcione exatamente como proposto, as formas mais salientes favorecem a concordância verbal.</p>

1.2 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está associada à classe social (com base na renda, patrimônio, escolaridade e ocupação do informante).	SIM	Classe média alta 89% e 0,68 Classe média baixa 81% e 0,46 Classe baixa 75% e 0,32
1.3 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está associada ao gênero do informante.	NÃO	Mulheres 82% e 0,51 Homens 80% e 0,48
1.4 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada à idade do informante.	NÃO	16-20 anos 83% e 0,52 21-25 anos 83% e 0,52 26-37 anos 82% e 0,50 38-49 anos 79% e 0,45 50-64 anos 82% e 0,50 Mais de 65 anos 81% e 0,49
1.5 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada à escolaridade do informante.	SIM	Ensino Superior 89% e 0,68 Ensino Médio 81% 0,46 Ensino Fundamental 75% 0,32
1.6 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada à posição do sujeito na frase.	SIM	Sujeito anteposto contíguo 86% e 0,58 SN anteposto não- contíguo 80% e 0,51 SN posposto 80% e 20%
1.7 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada ao tipo de discurso reportado, pois com base no que diz Amaral (2002), há mais marcas de concordância verbal no estilo mais próximo do formal ou a relações assimétricas.	SIM	Reportado de pessoa não-próxima 94% e 0,76 Discurso indireto 97% e 0,52 Reportado de pessoa próxima 91% e 0,42 Reportado do próprio falante 90% e 0,35

* Nesta tese, há diferentes resultados para a rodada presença *versus* ausência de concordância verbal de 3ª pessoa do plural e para a rodada padrão *versus* não-padrão.

Quadro 5 - Hipótese e sub-hipóteses sobre a presença *versus* ausência de concordância verbal de 3ª pessoa do plural

Vejamos, abaixo, o quadro 6, com a hipótese relacionada à concordância verbal padrão *versus* não-padrão de 3ª pessoa do plural, com evidências que a sustentam e evidências que a refutam, com base na análise das noventa entrevistas que compõem o VarX de Pelotas/RS.

Concordância padrão versus não-padrão	Evidências favoráveis?	Observações
1. Em Pelotas/RS, fala-se um português com marca de 3ª pessoa do plural, mas essa marca pode ser padrão ou não-padrão.	SIM	62% de formas padrão de 3ª pessoa do plural, 18% de verbos sem desinência (zero), 13% de formas não-padrão desnasaladas (eles brincu) e 8% de formas não-padrão nasaladas (eles brincum).

Quadro 6 - Hipótese sobre a concordância verbal padrão *versus* não-padrão de 3ª pessoa do plural

A presente pesquisa acerca da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, com base no Banco de Dados VarX de Pelotas, é importante não só, porque fornece subsídios sobre a variedade linguística falada nessa cidade, mas também por colaborar para a descrição do português urbano brasileiro, contribuindo, dessa forma, para a discussão que tem dividido os lingüistas entre os que defendem o ponto de vista de que está havendo aquisição de marcas de concordância verbal de 3ª pessoa do plural e os que defendem a perda dessas marcas. E como podemos observar no capítulo de *Descrição e análise dos resultados*, a análise detalhada da variável faixa etária é de fundamental importância quando o assunto envolve aquisição, ou melhor, aprendizagem de marcas, especificamente, marcas padrão de 3ª pessoa do plural, por pressão da escola e da normatização. Reconhecemos que muitas questões não puderam ser devidamente aprofundadas, por causa de limitações apresentadas por este trabalho, por isso, na subseção que segue, trataremos dessas limitações.

5.3 LIMITAÇÕES DO TRABALHO

Entre as principais limitações deste trabalho, citamos:

1. Deveríamos ter considerado a variante dependente 8: forma não-padrão /i/ sem nasalização (bati) como verbo sem concordância, incluindo-a entre a variante zero, embora consideremos a existência de verbos na 3ª pessoa do plural que possam terminar por /i/ e mesmo assim, apresentar uma forma distinta da do singular, a exemplo do seguinte contexto: “Elas fazi excursão“, em que a forma singular seria “Ele faz”.

2. Somente procedemos a cruzamentos entre as variáveis faixa etária e outras variáveis sociais e linguísticas com três faixas etárias, o que nos impediu de investigar determinadas suspeitas relacionadas às seis idades.

3. Não encontramos uma razão para o fato de os informantes de 38-49 anos empregarem os mais baixos percentuais e peso relativo de presença de concordância verbal de 3ª pessoa do plural.

4. Não encontramos uma explicação para o fato dos informantes de 38-49 anos inibirem o uso de formas padrão de 3ª pessoa do plural.

5. A rodada padrão versus não padrão foi realizada como o objetivo de mostrar como se distribuem os casos de não-padrão, mas teria sido interessante que tivéssemos, além desta, realizado uma análise ternária, comparando concordância verbal padrão, não-padrão e zero.

6. O sujeito ideológico *o pessoal* poderia ter sido estudado, então deveríamos ter analisado os casos em que o verbo concorda com a ideia de plural expressa pelo sujeito: *O pessoal estudam*, bem como os contextos em que houve a concordância verbal na 3ª pessoa do singular: *O pessoal estuda*.

7. O *corpus* em estudo impediu de analisar com mais profundidade a relação entre concordância verbal de 3ª pessoa do plural e a variável *Discurso Reportado*.

8. Não ter realizado uma rodada com a exclusão do sujeito posposto, pois quando o sujeito está posposto ao verbo, é visto pelo falante como objeto da oração, desfavorecendo a concordância entre sujeito e verbo. Isso ocorre pelo fato desse falante não encontrar o sujeito em posição de tópico e não ser o *ser* de quem se declara algo, características que comumente identificam o sujeito de uma oração, na concepção da gramática normativa. Assim, tende a ser identificado como parte do predicativo da oração, com ou sem um termo que ocupe a posição inicial de oração em seu lugar. Por isso, teria sido interessante realizar uma nova rodada excluindo o sujeito posposto dela, a fim de analisar o efeito dessa exclusão sobre a concordância verbal de 3ª pessoa do plural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alessandra Preussler de. *A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca, RS*. 2006. 158 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1961.

AMARAL, Luís I.C. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais*. 2003. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2003.

AMARAL, Luís I. C. A importância de variáveis estilístico-discursivas para a análise de fenômenos linguísticos variáveis. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: Educat, 2002. p. 47-68.

ANJOS, Marcos Hallal dos. Italianos e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX. *História em Revista*, Pelotas: UFPel, n. 5, p. 33-47, dez. 1999.

ASH, Sharon. Social Class. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLINGESTES, Natalie (Eds.). *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell, 2002. p. 402-422.

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

BANCO DE DADOS SOCIOLINGÜÍSTICOS VARIÁVEIS POR CLASSE SOCIAL – VarX. Pelotas: UFPel, 2001.

BARDEN, Liege Therezinha Vogt. *A variação na concordância verbal da terceira pessoa do plural*. 2004. 88 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BAXTER, Alan N. A contribuição das comunidades afro-brasileiras isoladas para o debate sobre a criouliização prévia: um exemplo do estado da Bahia. In: de ANDRADE, Ernesto &

KIHM, Alain. (orgs.) *Actas do colóquio sobre Crioulos de Base lexical Portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri, 1992, p.7-35.

_____. Transmissão geracional irregular na história do português brasileiro – divergências nas vertentes afro-brasileiras. *Revista Internacional de Língua Portuguesa, Lisboa*, n. 14, p. 72-90, dez. 1995.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa: cursos de 1º e 2º graus*. 21. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

BORGES, Paulo R. S. *A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social-lingüístico da fala das comunicadas gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2004.

BORTONI, Stella Maris. *Educação bidialetal: o que é? É possível?* In: *Linguística indígena e educação na América Latina*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.

_____. BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

CAMARA JR., Joaquim. *Princípios de linguística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

CASTILHO, Ataliba T. de. O português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997, p. 237-285.

CEDERGREN, Henriqueta; SANKOFF, David. Variables rules: performance as a statistical reflection of competence. *Language, Estados Unidos*, v. 50, n. 2, p. 333-355, jun., 1974.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, G. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University, 1980.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and and its social significance*. Cambridge: Blackwell, 1995.

COATES, Jennifer. *Women, men and language*. London: Longman, 1985.

COELHO, Izete; ARDUIN, Joana. A variação dos possessivos teu e seu e suas implicações estilísticas. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). *Variação mudança e contato lingüístico no português da região sul*. Pelotas: Educat, 2006. p. 185-204.

COELHO, Izete L. et al. O estatuto das construções inacusativas no PB: por trás das frequências. In: VANDRESEN, Paulino (org.). *Variação mudança e contato lingüístico no português da região sul*. Pelotas: Educat, 2006. p. 205-226.

CONCEIÇÃO, Josuan Ávila da et al. *Espaço e tempo na formação urbana de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil*. 2009. Disponível em: < http://egal2009.easyplanners.info/area05/5469_Ramos_Shana_Monte_Pereira.pdf>. Acesso em: 9 set. 2009.

COSTA, Iara Bemquerer. *O verbo na fala de camponeses: um estudo de variação*. 1990. 227 f. Tese. (Doutorado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 1990.

COULTHARD, Malcolm. *Linguagem e sexo*. São Paulo: Ática, 1991.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Jaqueline Rosa da. *A formação do sistema literário de Pelotas: contribuição para a literatura do Rio Grande do Sul*. 2009. 241f. Tese (Doutorado em Letras)-Faculdade de Letras da Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul, PUC, Porto Alegre, 2009.

ECKERT, Penelope. *Jocks and burnouts: social categories and identity in the high School*. New York; London: Teachers College Press, 1989.

_____. *Linguistic variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.

FARACO, Carlos Alberto. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, Curitiba, n. 13, p. 51-82, 1996.

FORTKAMP, Mailce Borges Mota; TOMITCH, Lêda Maria Braga (Orgs.). *Aspectos da linguística aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis: Insular, 2000.

GUY, Gregory R. A questão da crioulização no português do Brasil. In: ENCONTRO DE VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA DO CONE SUL, 1., 1996, Porto Alegre: Ed. Projeto VARSUL/UFRGS, 1996.

_____. Language and social class. *Linguistic: The Cambridge Survey*, v. 4, p. 37-63, 1987.

_____. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. 1981. 391f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Pennsylvania, Philadelphia, 1981.

_____. *Saliency and the direction of syntactic change*. Cornell University (mimeo), 1986.

_____; ZILLES, Ana Maria Stahl. Endangered Language Varieties: Vernacular Speech and Linguistic Standardization in Brazilian Portuguese. In: Kendall A. King; Natalie Schilling-Estes; Lyn Fogle; Jia Jackie Lou; Barbara Soukup. (Org.). *Sustaining Linguistic Diversity: Endangered and Minority Languages and Language Varieties*. 1 ed. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 2008, v. 1, p. 53-66.

HAERI, Niloofar. “Why do women do this?” Sex and gender differences in speech. In: GUY, Gregory et al. (eds.). *Towards a social science of language*. v. 1: Variation and Change in Language and Society. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1996. p. 1001-114.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2007.

JUNG, Neiva Maria. *A concordância verbal no português falado (brasileiro) no município de Missal/PR*. 2000. 54 f. Trabalho de Pós-Graduação em Letras (Disciplina Variação em Português) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 2000.

LABOV, William. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (eds.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York City*. Washington D. C.: Center for Applied Linguistic, 1966.

LEMLE, Miriam; NARO, Antony J. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: MOBREAL, Fundação FORD, 1977.

LUCCHESI, Dante. As duas vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000). *DELTA*, Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 97-132, 2001.

MAGALHÃES, Mario Osório. *História e tradições da cidade de Pelotas*. 5. ed. Pelotas: Editora Armazém Literário, 2005.

_____. *Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a cidade de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: UFPEL, 1993.

MARCUSCHI, Luiz. *Linguagem e classes sociais*. Porto Alegre: Movimento, 1975.

MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. *Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos*. 2001. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2001.

MONTEIRO, José Lemos. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: EUFC, 1994.

NARO, Anthony Julius. Idade. In: MOLLICA, Cecília Maria (Org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

NARO, Antony Julius. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, Nova York, v. 1, n. 57, p. 63-98, 1981.

NARO, Antony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Concordância variável em Português: a situação no Brasil e em Portugal*. Disponível em: <http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2nac_tema133.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2003.

_____; _____. *Estabilidade e mudança linguística em tempo real: a concordância de número*. In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia L. (Orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003, p. 47-62.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta (Org.). *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____; _____. *Sobre as origens do português popular do Brasil*. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 9, número especial, p. 437-454, 1993.

_____; _____. *Varição e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala*. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas: IEL/UNICAMP, n. 20, p. 9-16, 1991.

NICOLAU, Eunice Maria das Dores. A influência da constituição morfológica da forma verbal na ausência de concordância em português. *Revista de Estudos Lingüísticos*, Belo Horizonte, ano 4, n. 2, p. 41-67, jul./dez. 1995.

OSÓRIO, Fernando Luis. *A cidade de Pelotas*. Porto Alegre: Globo, 1962.

PAGOTTO, Emilio Gozze. Variedades do português no mundo e no Brasil. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 57, n. 2, abr./jun. 2005.

PEREIRA, Denise Crespim. *Concordância verbal na língua falada nas trilhas das bandeiras paulistas*. 2004. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2004.

PEREIRA, Maria Ceres. *Naquela comunidade rural, os adultos falam “alemão” e “Brasileiro.”* Na escola, as crianças aprendem português: um estudo do continuum oral/escrito em crianças de uma classe bisseriada. 1999. 177 f. (Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, São Paulo, 1999.

PERINI, A. Mário. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____. *Sintaxe portuguesa: metodologia e funções*. São Paulo: Ática, 1994.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala*. São Paulo: Nacional, 1974.

RIBEIRO, Leon Carlos Schwonke. *Pelotas: um dos melhores municípios brasileiros para investimentos*. Pelotas: Educat, 2002.

RODRIGUES, Angela Cecília de Souza. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. 1987. 258 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1987.

RESENDE, Terezinha Cristina Campo de. *Dinâmica do contato dialetal: estudo sociolingüístico em Conceição de Ibitipoca – MG*. 2006. 186 f. tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

ROBINS, R. H. *Linguística geral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1981.

SAID ALL, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965.

SANTOS, Giane Rodrigues dos. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural em Pelotas*. 2007. 145 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo – Passo Fundo, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Princípios de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1922.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Introdução ao pacote VARBRUL para Microcomputadores*. XII Instituto de Verão da Associação Brasileira de Linguística. Universidade de São Paulo, 26 de janeiro a 5 de fevereiro de 1993. (mimeo).

_____. Levantamento, codificação, digitação e quantificação dos dados. In: MOLLICA, Maria Cecília (Org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

SILVA, Jorge Augusto Alves. *A concordância verbal no português afro-brasileiro: um estudo sociolinguístico de três comunidades rurais do estado da Bahia*. 2003. 324 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Salvador - UFBA, Salvador, 2003.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2002.

_____. (Org.) *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas: Pontes e Ed. da Unicamp, 1989.

VANDRESEN, Paulino. Sociolinguística e ensino: O sistema pronominal e a concordância verbal no português falado na região sul. In: FORTKAMP, Mailce Brogues Mota; TOMITICH, Lêda Maria Braga (Orgs.). *Aspectos da linguística aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis: Insular, 2000.

VANDRESEN, Paulino (Org.). *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: Educat, 2002.

_____. *Variação, mudança e contato linguístico no português da região sul*. Pelotas: Educat, 2006.

VOTRE, Sebastião. Escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília (Org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

WELCHEN, Dirce. *A concordância verbal na 3ª pessoa do plural em Missal/PR*. 2006. 84 f. Trabalho de Pós-Graduação em Letras (Disciplina Variação em Português) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2006.

ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto. Considerações sobre o discurso reportado em corpus de língua oral. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: Educat, 2002. p. 15-46

ZILLES, Ana Maria Stahl; MAYA, L. Z.; SILVA, K. Q. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural na fala de Panambi e Porto Alegre, RS. *Organon*, Porto Alegre, v. 14, n. 28, p. 195-219, 2000.

APÊNDICES

Tabela 20 - Aplicação de concordância verbal padrão, segundo todas as variáveis estudadas

Variável	Fatores	Aplicação/ocorrências	Percentual	Peso
Tempo verbal	Presente do indicativo	1389/1447	95	0,84
	Pretérito Imperfeito	989/1520	65	0,40
	Pretérito perfeito	688/1210	56	0,18
Traço humano do sujeito	Não-humano	2652/3654	72	0,55
	Humano	546/664	82	0,50
Saliência fônica	Come-comem, fale-falem etc.	167/173	96	0,75
	Fala-falam, ia-iam, etc.	1430/2044	69	0,36
	Faz-fazem, quer-querem, etc.	186/188	98	0,91
	Sumiu-sumiram, etc. incluindo foi-foram	216/334	64	0,62
	é-são, falou-falaram, fez-fizeram, etc.	874/1254	69	0,56
Posição do sujeito	Sujeito anteposto contíguo	1993/2754	72	0,49
	SN posposto	309/358	86	0,60
Tipo de sujeito	Pronome relativo	214/256	83	0,61
	Numeral	190/247	76	0,52
	Pronome reto	926/1327	69	0,50
	Sintagma nominal	984/1294	76	0,47
Assunto	Trabalho intelectual	282/331	85	0,56
	Trabalho manual	408/584	69	0,50
	Escola	381/446	85	0,60
	Família	938/1384	67	0,45
Classe social	Média alta	1345/1576	85	0,64
	Média baixa	1242/1605	77	0,53
	Baixa	611/1137	53	0,27
Gênero	Homem	1341/1798	74	0,53
	Mulher	1857/2520	73	0,48
Faixa etária	1= 16-20 anos	576/778	74	0,56
	2= 21-25 anos	451/579	77	0,55
	3= 26-37 anos	546/709	77	0,51
	4= 38-49 anos	658/871	75	0,48
	5= 50-64 anos	452/70	70	0,46
	6= + 65 anos	515/742	69	0,42

* Todas as variáveis foram selecionadas pelo programa Varbrul, nessa rodada.

Tabela 21 - Aplicação de concordância verbal não-padrão desnasalada, segundo todas as variáveis estudadas

Variável	Fatores	Aplicação/ocorrências	Percentual	Peso
Tempo verbal*	Presente do indicativo	38/59	64	
	Pretérito Imperfeito	298/525	56	
	Pretérito perfeito	351/515	68	
Traço humano do sujeito	Humano	638/999	63	0,51
	Não-humano	54/111	48	0,34
Saliência fônica	Fala-falam, ia-iam, etc.	348/606	67	0,42
	Sumiu-sumiram, etc. incluindo foi-foram	90/10	75	0,67
	é-são, falou-falaram, fez-fizeram, etc.	250/377	66	0,57
Posição do sujeito*	Sujeito anteposto contíguo	433/685	63	
	Sujeito anteposto não-contíguo	46/66	69	
	SN posposto	28/53	52	
Tipo de sujeito*	Sujeito nulo	186/308	60	
	Pronome relativo	24/41	58	
	Pronome reto	270/402	67	
	Sintagma nominal	177/303	58	
Assunto*	Trabalho intelectual	35/49	71	
	Trabalho manual	113/173	65	
	Escola	54/111	48	
	Família	195/297	65	
	Amigos	76/150	50	
Classe social	Média alta	124/232	53	0,39
	Média baixa	244/359	67	0,58
	Baixa	324/519	62	0,49
Gênero*	Homem	282/448	62	
	Mulher	410/61	61	
Faixa etária	1= 16-20 anos	103/198	52	0,32
	2= 21-25 anos	55/126	43	0,32
	3= 26-37 anos	101/164	61	0,47
	4= 38-49 anos	136/209	65	0,27
	5= 50-64 anos	129/187	68	0,60
	6= + 65 anos	168/226	74	0,67

* As variáveis assinaladas com asterisco não foram selecionadas pelo programa Varbrul, porque não alcançaram significância estatística, por isso também não apresentam peso relativo.